THE REAL MEN SHIFT SERIES

REAL MEN HUNT



NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHORS

CELIA KYLE &
MARINA MADDIX





THE REAL MEN SHIFT

LANÇAMENTO

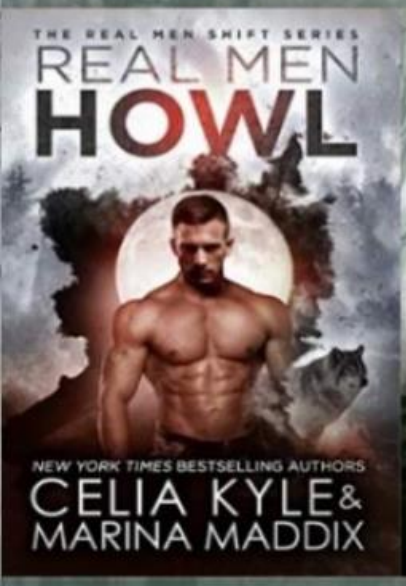


LIVRO 7

THE REAL MEN SHIFT

Ordem Da Série

LIVRO 1



LIVRO 2



LIVRO 3



LIVRO 4



LIVRO 5



LIVRO 6



LIVRO 7



SINOPSE

Ela está disposta a sacrificar qualquer coisa para salvar Wolf Woods dos desenvolvedores – incluindo o amor. Ele se recusa a deixá-la.

Persia dedicou sua vida a salvar o planeta de empresas de construção gananciosas, mesmo que isso significasse que ela perdeu uma vida cheia de risos, amor e paixão. Considerando que ela geralmente está cercada por perdedores, maconheiros e preguiçosos, não é uma perda tão grande. Então ela conhece Warren – um pedaço alto e musculoso de gostosura, que ela quer escalar como as árvores que está tentando salvar.

O lobisomem Warren Edgecomb perdeu o amor uma vez e nunca imaginou que encontraria uma mulher para ele. Então ele tropeça na Persia e sabe que a linda mulher é dele. Cada centímetro curvilíneo, delicioso e tentador dela. O único problema? Ela é humana e não consegue sentir o vínculo entre eles. Além disso, há o fato de que ela gosta mais do lobo nele do que ele.

A única chance de Warren de conquistar a deliciosa Persia é se juntar a seu protesto. Como os dois querem derrubar o empreendimento que tenta roubar as terras de sua alcateia, parece uma partida feita no céu. Até que ele descobre um segredo que abala sua fé em seus instintos – e na Persia.

THE REAL MEN SHIFT SERIES

REAL MEN HUNT

CELIA KYLE & MARINA MADDIX

CAPÍTULO UM

— Como você pode fazer isso comigo, Moonshadow? — O sujeito magro choramingou, ainda ajoelhado no tapete felpudo laranja dentro da van. Ele provavelmente já estava usando outro buraco nas suas calças de lona.

O breve ex-namorado de Persia Moonshadow, olhou para ela com um apelo nos olhos castanhos, os dedos finos entrelaçados enquanto ele implorava para que ela não o expulsasse. Seus dreadlocks loiros com cheiro desagradável caíam em cascata sobre os ombros vestidos com uma coisa tingida, alcançando as costas quase até a sua bunda reta. Persia torceu o nariz. Como ela tinha algum dia achado aquela desculpa de homem atraente? Uma coisa boa de morar em uma van com alguém – era uma maneira infalível de acelerar um relacionamento condenado até o amargo fim.

— Quantas vezes eu tenho que lhe dizer, Moonshadow é meu *sobrenome,* — ela respondeu secamente. Ela arrastou a porta do antigo Volkswagen Westfalia com um grunhido e depois caiu no banco de trás.

Quando eles se conheceram em uma manifestação, um milhão de luas atrás – tudo bem, na verdade eram apenas três – Leaf decidiu que ele gostava do sobrenome dela e a chamaria de Moonshadow em vez de Persia. Mais ou menos como um apelido, ele insistiu, apesar de ela pedir várias vezes que não o

fizesse. Inicialmente Leaf parecia ser um hippie de verdade, mas ele revelou suas verdadeiras cores nos últimos três meses, e Persia estava cheia disso. Hora de terminar.

Leaf piscou lentamente em confusão e descrença, como se ele não conseguisse entender como ela poderia querer que ele saísse. Porque ele tinha muito a lhe oferecer, é claro.

Até parece.

A brisa quente da tarde esfriou um pouco desde que o crepúsculo caiu rapidamente. Persia respirou fundo profundamente para aliviar sua irritação e aproveitou o momento para apreciar o modo como o vento sussurrava através de seus cachos suaves e vermelhos. Uma vez que sua raiva estava sob controle, ela suspirou e deu a Leaf um olhar que queria dizer que não havia mais nada a ser discutido.

— Hora de ir.

Ou assim ela pensou.

— Mas, Moonshadow...

— Persia, — ela retrucou, não querendo mais tolerar o desrespeito dele.

— Persia, — ele repetiu, seu rosto se contorcendo um pouco, como se o nome verdadeiro dela fosse desagradável demais para a língua dele. — Por que você está fazendo isso comigo?

— Nem tudo é sobre você, Leaf. Esse é um dos nossos problemas.

Ele lançou um olhar de soslaio para fora da porta lateral aberta da van no horizonte de tons alaranjados. — Mas... já é quase o anoitecer. Para onde irei?

Que tipo de cara usa a palavra anoitecer em uma conversa? Ele, aparentemente.

— Tenho certeza de que um dos outros tem um saco de dormir que você pode pegar emprestado, e eu te empresto uma lona.

Persia esteve encarregada de montar o acampamento temporário cerca de uma semana antes. Logo na entrada principal de um espaço verde chamado Wolf Woods, que ficava do lado de fora de uma pequena cidade da Geórgia, Tremble. A maioria dos manifestantes que ela recrutou montaram as tendas dentro da linha das árvores, em um esforço para ficar fora do radar da polícia local, mas ainda perto do grande outdoor da McNish Development Corporation – aquele que anunciava um novo conjunto habitacional que dizimaria as árvores primitivas. É claro que aqueles com vans tinham que estacionar na saída de cascalho que atuava como um estacionamento. Isso dava à Persia uma visão perfeita do parque de acampamento *e* da estrada, permitindo que ela fosse uma vigia.

Leaf se aproximou alguns centímetros, com medo de que ela estivesse falando sério, finalmente fixando nos olhos dela.

— Mas... fica tão frio à noite. É muito mais quente aqui em nossa van.

— *Minha* van, — ela lembrou ao perdedor. — Você quer dizer *minha* van.

— Tanto faz, — ele descartou o conceito de propriedade. — Todos nós compartilhamos esse grande planeta azul, gata. Você de todas as pessoas deve saber que a verdadeira iluminação só chega àqueles que compartilham.

— Uh huh, e qual guru da internet lhe ensinou essa fala?

Persia estendeu a mão para trás do banco de trás e pegou um moletom velho e sujo, decorado com uma carinha amarela irônica. Ela jogou o no rosto de Leaf. Ele o pegou sem jeito – e ironicamente, considerando o cenho franzido – e o jogou por cima do ombro.

— Vamos lá, Moon... — Ele rapidamente corrigiu-se. — Persia. Sério, ouvi dizer que há lobos nesta floresta. — Ele pegou a mão dela, mas ela a puxou de volta. — Só mais uma noite, querida. Mais uma noite e eu sairei de manhã. Eu juro.

— Você está ciente de que quanto mais implora, menor a probabilidade de eu dizer sim, certo?

Leaf adotou um olhar dolorido, como se ela tivesse acabado de lhe dar um tiro no coração. — O que aconteceu com você? O que aconteceu *conosco*?

Era aquela expressão suave e sensível que uma vez a deixava fraca nos joelhos. Agora isso a irritava. Cruzando os braços, ela decidiu que era hora de chamar seu blefe.

— Tenho apenas uma pergunta para você, Leaf. Você gosta de mim?

Persia sabia que Leaf não a amava, assim como ela não o amava. Um benefício de viver até a idade avançada de 28 anos significava que ela reconhecia quando um relacionamento era algo de curto prazo. E Leaf era um de curto prazo desde o início. Ele só o arrastou até agora porque não queria dormir no chão.

Bingo!

Sua hesitação foi toda a resposta que ela precisava.

— Na verdade, você sabe o que? Você pode encontrar outra pessoa para te emprestar uma lona. Acho que vou ficar com a minha.

A boca de Leaf cai aberta, atordoado.

— Fora, — ela cuspiu e apontou para a porta aberta.

O comportamento de Leaf ficou frio quando ele se arrastou para fora da van. Ele ficou do lado de fora da porta, com as mãos nos quadris magros e a encarou. — Você sabe o que? Você é uma verdadeira puta.

— E não se esqueça disso. — Ela sorriu e jogou a mochila para ele.

Leaf permaneceu por um momento e depois caminhou em direção ao acampamento escondido em busca de abrigo durante a noite. Quem precisava de televisão depois de assistir Leaf implorar por ajuda? E quem diria que era tão imensamente divertido? Alguém finalmente o emprestou uma lona, depois alguém aparentemente tinha um saco de dormir extra. Eles se arrependeriam quando ele os devolvesse, cheirando a seus medos de menino branco.

Que aproveitador, assim como todos os outros neste mundo feio e maldito. Boa viagem!

Ainda assim, Leaf era popular entre os manifestantes, e Persia não estava com disposição para ficar esperando a inevitável onda de fofocas. Encolhendo os ombros e vestindo a sua camiseta de moletom Oompa Loompa favorita, ela puxou a bengala do suporte e saiu da van. Ela trancou as portas antes de ir para a floresta que estava tão empenhada em proteger.

Placas artesanais gritando *MANTENHA WOLF WOODS SELVAGEM* e *ABAIXO DICK* referenciando ao Dick McNish, o proprietário da McNish Development Corporation – estavam apoiadas em troncos de árvores e tendas. Não muito longe, as escavadeiras estavam lá paradas, lembretes ameaçadores de que seus protestos não estavam indo tão bem quanto esperavam. Não que um pequeno empurrão de Dick McNish a impedisse. Ela já viu pior. *Muito* pior.

Uma vez que a floresta exuberante a cercasse, Persia poderia finalmente respirar novamente. Quanto mais fundo ela

entrava na floresta, mais leve seu coração se sentia, até que de repente ela percebeu que estava cantando sua música favorita, *Endless Love*. A versão de Luther Vandross e Mariah Carey, não a original, embora também fosse boa.

Nenhum de seus antigos namorados havia entendido seu gosto por canções de amor idiotas, mas Persia gostava de surpreender as pessoas. Isso os mantinha na ponta dos pés e os faziam perguntar a si mesmos o que ela faria a seguir. A última coisa que ela queria era que alguém soubesse exatamente quem ela era e o que a fazia se mover. Ela preferia permanecer um enigma. Envolta em mistério.

A natureza tinha uma maneira de curar qualquer sofrimento ou estresse que afligisse Persia. Nada se comparava a estar completamente sozinha na floresta, os pássaros nas árvores se harmonizando com seu terrível canto. Seus problemas pareciam derreter a cada passo que dava, até que ela estivesse totalmente feliz. Tão feliz que seu cérebro não registrou o que estava vendo quando tropeçou em uma enorme e bonita clareira na floresta.

— My... endless... — Ela parou de cantar no meio do coro, os olhos arregalados.

Uma fera absolutamente enorme agachada no centro da clareira, a menos de seis metros de onde ela parou. Um lobo. Com pelo cor de areia. E brilhantes olhos azuis.

Oh.

Meu.

Deus.

O sangue da Persia gelou quando o lobo a encarou. Então seu coração trovejou em seu peito enquanto as opções voavam através de seu cérebro numa velocidade aterrorizante... De jeito nenhum ela poderia superar um animal tão grande – inferno, com suas pernas curtas e peso extra, ela não teria sido capaz de superar um maldito mini-dachshund[1]. Mas não era como se houvesse um quarto de pânico próximo. Ela não tinha muita escolha. Ela teria que correr. Melhor do que ficar esperando para se tornar comida de lobo.

O pânico tomou conta dela, mas antes que ela pudesse girar e voltar para a floresta, a próxima ação do lobo a congelou onde ela estava. Ele deitou-se e apoiou a cabeça estupidamente imensa em suas patas estupidamente enormes. *Oh, ei, sou apenas um lobo tirando uma soneca. Nada para ver aqui.*

Certo.

Persia lembrou-se de Chapeuzinho Vermelho. Ela conhecia o placar.

Mas a maneira como ele olhou para ela, com os olhos arregalados e gentis, a fez parar. Seu olhar azul nunca vacilou, quase como se ele estivesse mais curioso do que feroz. Não era como se ela tivesse muita experiência com animais selvagens,

[1] Raça de cães parecidos com uma salsicha.

mas sabia o suficiente sobre lobos para reconhecer que o comportamento dele não era exatamente típico.

Então tudo ficou ainda mais estranho. O animal soltou um gemido melancólico e depois rolou de costas para expor sua barriga macia. Ele olhou para ela de sua posição invertida e ofegou, sua língua pendendo enquanto a olhava quase... com expectativa?

De jeito nenhum. Isso não pode ser real. Hora de parar de olhar e começar a correr. Mas assim que ela se preparou para se virar, o medo que a consumia desapareceu em um único batimento cardíaco. O pânico foi substituído por certo entendimento de que o lobo não tinha intenção de machucá-la.

Antes que ela soubesse o que estava fazendo, Persia inclinou-se um pouco para a frente. — Você quer que eu esfregue sua barriga?

Mas.

Que.

Porra.

Essa foi uma pergunta idiota. Lobos selvagens não andavam por aí pedindo que humanos estranhos esfregassem suas barrigas. Isso era algum tipo de armadilha predadora no ápice. Tinha que ser. Mas seu intestino lhe dizia que não era, apesar de seu cérebro insistir que sim. Quase como se

confirmasse seus instintos, o lobo parecia sorrir, sua cauda grande e espessa balançando alegremente.

Totalmente consciente de que agia como uma pessoa louca, mas incapaz de resistir, Persia aproximou-se lentamente do lobo. Ela segurou a bengala na frente dela, como se o pedaço de madeira frágil pudesse protegê-la. Quando ela chegou perto o suficiente, ela a colocou no chão e ajoelhou-se ao lado do lobo gigantesco. Ele ainda não havia se movido de sua posição de cabeça para baixo, então ela levantou uma mão trêmula e timidamente acariciou o estômago do lobo. Seu pelo sedoso era tão macio e quente sob a palma da mão dela e ele parecia gostar da atenção, por mais bizarro que isso parecesse.

— Uau, — ela suspirou e balançou a cabeça em descrença. — Você realmente gosta disso. Não é?

O lobo simplesmente olhou para ela com o que só poderia ser descrito como afeto. Se um cara tivesse olhado para ela dessa maneira, ela teria se casado com ele em um instante. pelos grossos resistiam a seus dedos, mas quanto mais ela cavava e coçava, mais feliz ele parecia.

— Isso é estranho como o inferno. Mas ei, quem sou eu para torcer o nariz para um novo amigo? Eu sou Persia Moonshadow. Eu gostaria que você pudesse me dizer seu nome.

O lobo gemeu e se mexeu um pouco para que seus dedos pudessem acessar uma coceira, e então sua perna traseira começou a bater no ar.

— Oh, esse é o local, hein? — Ela riu.

A maioria dos cães tinha esse ponto, aquele que deixava a perna traseira doida. Persia nunca teria acreditado que encontraria esse lugar em um lobo estranho. No entanto, ele não era nada estranho. Algo sobre a criatura parecia quase familiar. Como se fossem velhos amigos. E, assim como faria com um amigo, ela começou a desabafar com ele. Não era como se ele tivesse problemas para descarregar nela. Então por que não?

— Cara, você não acreditaria no dia que eu tive. Passei o dia todo manifestando sem efeito, é claro. Então descobri que meu namorado roubou meu cartão de débito para comprar maconha – de *novo* – e finalmente chutei sua bunda no meio-fio. Oh, não se sinta mal por mim. Ele era apenas outro aproveitador. Leaf - sim, você me ouviu direito... *Leaf*[2] – nunca foi um cara ideal para namorar, ele é mais alguém para passar o tempo, sabe? Três meses desperdiçados com outro perdedor. Novamente.

O lobo ainda a olhava atentamente, como se ele realmente tivesse escutando. E entendido.

— A pior parte é que ele não era tão ruim assim, comparado a alguns dos idiotas que eu já namorei. Deus, estou tão cansada de caras passivos, chorões e vacilantes que me sugam por comida e abrigo enquanto ficam sentados tocando

[2] Nome masculino comum no EUA, significa folha.

gaitas ou tambores de bongô ou didgeridoos[3], oh Deus, me proteja. Ah, e fumando uma tonelada de maconha também. O que, tanto faz, mas estamos tentando salvar uma floresta aqui. É um negócio sério. Este não é o Burning Man. Sabe o que eu quero dizer? Mas eles nunca veem da maneira que eu vejo. Todos eles falam muito sobre o quanto amam o meio ambiente, blá, blá, blá, mas eventualmente suas verdadeiras cores aparecem. É quando eu sei que é hora de expulsá-los.

O lobo ofegou e piscou, esperando que ela continuasse. Persia revirou os olhos.

— A maioria desses caras não dá a mínima para nada além de si mesmos. Manifestar é apenas uma desculpa para não ter um emprego, se você quiser saber o que acho. E para não tomar banho, — ela acrescentou, franzindo o nariz.

— A pior parte é quantas garotas lambem esses merdas como leite. Elas se apaixonam por toda essa porcaria hippie verde. Mas eu não. Não. Só fiquei com Leaf porque, sejamos realistas, manifestar é um trabalho árduo. Pode ser isolado e solitário. Uma garota tem necessidades, sabia? Não que algum desses caras tenha sido bom na cama de qualquer maneira.

A conversa de mão única acendeu uma lâmpada sobre a cabeça da Persia. — Você sabe, que se dane. Homens são apenas distrações. Eu estou farta deles. Para sempre.

[3] Instrumento musical Australiano.

O lobo gemeu e rolou de volta para sua barriga, descansando a cabeça no colo dela e olhando para ela com olhos suplicantes.

— Eu sei. Eu sei. — Ela acariciou sua cabeça gigante. — Mas tenho assuntos mais importantes para focar. Como salvar Wolf Woods.

O lobo se aproximou e lambeu o rosto, impressionando Persia por um momento antes dela começar a rir.

— Você é uma doçura. Não é? — Ela enterrou as mãos profundamente no pelo de cada lado da cabeça dele e sorriu. Então ela olhou para o céu escuro acima. — Porcaria. Está ficando tarde. Preciso voltar ao acampamento para me preparar para o trabalho.

Soltando seu novo amigo da floresta, ela se levantou e tirou o pelo de lobo de suas roupas. O lobo inclinou a cabeça em uma pergunta silenciosa e muito criteriosa.

— O que? Não é como se protestar fosse um bico bem pago, meu amigo. Uma garota tem que comer, você sabe. — Quando ela se virou para voltar para sua van, ela olhou de volta para o lobo, que se sentou para assistir sua partida atentamente. — Foi, hum, legal conhecê-lo, Sr. Wolf. Espero que você tenha uma boa noite.



UMA HORA DEPOIS, cercada por fumaça e música country irritantemente estridente, Persia deslizou uma bandeja de cervejas do balcão do Lair Bar e Grille do The Wolf. Seu novo chefe temporário, Hux Davenport, deu-lhe um aceno agradável. Graças a Deus era uma noite lenta, então ela não tinha que acenar e esquivar para um monte de — bons garotos. — Ela caminhou até uma mesa no canto onde dois idosos estavam sentados em uma conversa profunda.

— Você não entendeu, Chuck? — O velho com o boné de caça vermelho falou. — Precisamos proteger o que é nosso, não deixar que algum idiota como Dick McNish entre e destrua tudo. Wolf Woods tem sido selvagem desde... sempre. Além disso, você sabe tanto quanto eu, quanto dinheiro esses caçadores de lobisomens idiotas gastam na cidade, apenas por uma chance de caminhar por aqueles malditos bosques.

Chuck balançou a cabeça, como se seu companheiro fosse o maior idiota de Tremble. — Isso não é nada comparado aos empregos, Hank.

Oh senhor, não *aquela* velha conversa! Persia, que nunca foi muito boa em segurar a língua, não pôde evitar.

— Na verdade, — ela interrompeu, surpreendendo os dois homens que pareciam não ter notado sua presença, — qualquer trabalho que McNish traga será temporário, na melhor das hipóteses. E confie em mim, esses trabalhos muito temporários não vão para os locais. Ele é conhecido por trazer

suas próprias equipes, que custam muito menos a longo prazo. Mesmo que ele contrate *algumas pessoas* locais, o trabalho só durará até que as casas em seu empreendimento de pré-moldados sejam construídas. E então você perde os dólares constantes dos turistas para sempre.

— Está vendo? — O homem chamado Hank cantou ao seu amigo. — Até *ela* sabe como funciona.

O rosto de Chuck ficou vermelho de fúria por ser ofendido por uma garçonete estúpida. — Sim, como se uma vadia militante tivesse alguma ideia do que ela está falando!

— Você está me chamando de vadia? — Hank trovejou, levantando-se quando sua cadeira girou no chão com o movimento repentino.

— Não, eu estou chamando-*a de* vadia, — Chuck rosnou, lentamente se levantando e apertando os punhos do tamanho de um presunto. — Estou *te* chamando de idiota!

Opa! Se Persia tivesse mantido a boca grande fechada, ela não teria que terminar uma briga entre dois bêbados excêntricos.

— Gente, podemos, por favor, nos acalmar um pouco? — Persia implorou, entrando entre eles e dando um sorriso vacilante. Os homens costumam ficar loucos por suas covinhas.

Mas os homens já estavam se movendo e, antes que ela soubesse o que havia acontecido, um cotovelo coberto de

manta bateu bruscamente em sua testa. Isso a fez voar para a parede com um baque doloroso antes de ela ricochetear e sua cabeça bater contra o lado de uma mesa. Então as luzes se apagaram e o mundo ficou escuro.

CAPÍTULO DOIS

Warren Edgecomb entrou no estacionamento do The Lair, baixou o volume da melodia preguiçosa da música country que ele estava ouvindo e cantando junto e abriu as janelas antes que alguém ouvisse sua voz terrível. Ele parou a caminhonete em uma vaga de estacionamento com filas tão desbotadas que apenas os habitantes locais sabiam onde estavam, e respirou fundo.

Warren, você está se adiantando novamente. Estava claro o suficiente para ver morcegos voando entre as árvores balançando, comendo o jantar. Observar morcegos e vaga-lumes sempre acalmava Warren quando se sentia mal. Esta noite, porém, eles não estavam ajudando.

Como eles poderiam? Não era todo dia que um homem saía para passear na floresta e encontrava sua companheira predestinada. Nem mesmo um pingo de dúvida permaneceu no coração de Warren por ele ter finalmente encontrado sua companheira. Se ele estivesse em sua forma humana quando eles se encontraram anteriormente em Wolf Woods, ele poderia ter questionado a conexão deles, mas seu lobo sabia melhor. A fera a reconheceu em um instante, e seu mundo inteiro virou de cabeça para baixo.

Warren sempre teve uma boa cabeça. Confiável, tranquilo, inteligente. Assim como qualquer bom e velho garoto

do interior deveria ser. Ele se sentia confiante como o beta da alcateia Soren, suas terras localizadas do outro lado de Wolf Woods. Ele nunca duvidou de suas habilidades para servir ao bando e ao alfa deles, Zeke Soren.

Mas uma vida amorosa? Pois é, não.

A parte mais estranha de tudo isso foi que ele não estava apenas vagando pelos lugares proibidos de Wolf Woods por diversão quando captou o perfume de Persia no vento e o seguiu até a clareira. Dick McNish subornou todas as pessoas que pôde para garantir o direito de arrancar a floresta por causa de alguns condomínios genéricos no formato de cortadores de biscoitos.

A alcateia pensava que eles haviam ganhado quando um grande jornal publicou uma exposição contundente acusando o promotor imobiliário de fazer merda por toda a Geórgia. Então McNish trouxe um exército de escavadeiras - ok, três - para intimidá-los.

Era uma merda, e todos sabiam disso. Infelizmente, também tinha sido bastante eficaz. Aparentemente, o artigo também. Depois de mover as escavadeiras para o estacionamento da floresta, nenhum outro pio foi ouvido. Parecia que McNish tinha entrado em sua própria forma pessoal de se esconder.

Ele tem sido um espinho incomodando a alcateia por tempo demais. Não um espinho, mais como uma arma carregada treinada diretamente para a alcateia. Literalmente.

Considerando que McNish havia ordenado que um de seus capangas atirasse em um filhote de Soren, junto com outros lobos que eles cruzaram o caminho, a alcateia sabia que não podia respirar tranquilamente enquanto ele estivesse por aqui, pronto para causar problemas. Então, Zeke enviou Warren para garantir que McNish não pudesse acelerar suas escavadeiras.

Quando ele estava voltando para Soren, depois de ver as escavadeiras adormecidas, ele sentiu o cheiro de sua companheira e parou na hora. Não parecia possível, não depois que seu coração estava tão abalado quando sua paixão de infância encontrou seu próprio companheiro, mas depois que ele a viu, qualquer dúvida desapareceu. Ela era dele.

E ela tirou o seu fôlego. Cachos vermelhos escuros cobriam a pele mais linda e mais cremosa que ele já viu. Seus olhos de lobo afiados puderam ver as sardas atravessando a ponte do nariz, mesmo à distância, e seus lábios roliços e rosados imploraram para serem beijados. Quando ela se aproximou, ele ficou hipnotizado por seus olhos – um azul, um castanho – e pelo fato de ela parecer confiar nele, um lobo estranho na floresta.

Como lobo, ele era tão alto quanto a cintura dela, mas em forma humana, ele se elevava sobre o corpo baixo dela por vários centímetros, não que tal disparidade de altura o incomodasse nenhum pouco. Mas as curvas abundantes dela realmente deixaram seu lobo sem ar. Seios enormes, uma cintura fina e quadris largos.

Mas havia mais em sua companheira do que meras aparências. Ele sentiu o leve cheiro de patchouli nela, como se ela estivesse perto de alguém que tivesse usado, juntamente com uma saia esvoaçante que abraçava seus quadris lindamente e uma blusa fina que mostrava o que sua mãe lhe dera... sem o benefício de um sutiã, louvado seja, essas coisas disseram a ele que ela tinha que ser uma das manifestantes que tentavam salvar Wolf Woods. As mulheres com quem ele cresceu usavam roupas camufladas e andavam de quadriciclo, enquanto Persia provavelmente tinha um apanhador de sonhos pendurado em cima da cama. Ou tenda, sendo o mais provável.

Não que seu status de ambientalista incomodasse Warren. Os lobos em geral se inclinavam nessa direção, puramente para manter suas terras ancestrais. Realmente não importava o motivo de ambos estarem lutando contra McNish, mas sim que estivessem do mesmo lado.

O que mais o preocupava era que sua companheira era humana. É claro que alguns de seus companheiros de alcateia favoritos costumavam ser humanos, mas *ela* pode ter um problema com ele ser um lobisomem. Os humanos nem sempre reagem bem quando descobrem que lobisomens são reais.

Pior ainda, ele se apresentara a ela em sua forma de lobo, e agora ela o via como um animal de estimação crescido, em vez de seu companheiro de vida. Ele ainda podia sentir os dedos dela enterrados em seu pelo, olhando nos olhos dele com

os dela bicolores, e um calafrio de necessidade rolou através dele. Ele apenas teria que localizá-la, cortejá-la em sua forma humana e fingir ser algo que ele não era, o que apresentava seu próprio tipo de dificuldade.

A sorte de Warren havia acabado no departamento de amor, e ele certamente não tinha muitas habilidades em flertar. Ele cresceu muito desde que desistiu da sua paixão imatura pela irmã de Zeke, Chloe. Uma das coisas que ele aprendeu foi que ele precisava ser aberto e honesto com sua futura companheira, se alguma vez tivesse a sorte de encontrar uma. Agora que ele tinha, ele percebeu o quão difícil seria como um lobo tentando cortejar uma humana.

Ele tentou segui-la a uma distância segura, mas muitos campistas andavam por aí. Infelizmente, a maioria dos humanos reage aos lobos exatamente como a Persia inicialmente – com medo. Além disso, mesmo que eles não tivessem visto nenhum dos caçadores de lobos de McNish por alguns dias, isso não significava que eles não estavam rondando, apenas ansiosos para derramar um pouco de sangue de lobo.

Depois de correr para a casa da alcateia, ele dirigiu sua caminhonete de volta à entrada de Wolf Woods em busca de sua companheira ruiva. Mesmo antes de abrir a porta, ele sabia que Persia não estava lá. Seu cheiro, uma mistura intoxicante de algodão doce e frutas, tinha permanecido no ar, então ele sabia que ela havia saído recentemente. Hora de perguntar.

Se aventurando no bosque onde a maioria dos manifestantes estava acampando, Warren procurou por quem parecia amigável. Um pedaço esquelético de um homem com dreadlocks loiros desagradáveis estava deitado de costas sob uma lona azul frágil amarrada ao lado de uma árvore. Alguma coisa sobre o garoto havia afiado os dentes de Warren, o que o sujeito deve ter sentido porque, assim que seus olhos se encontraram, os castanhos do menino se arregalaram e ele recostou-se no saco de dormir sujo até ficar escondido da vista de Warren.

— Olá, — uma morena esbelta falou enquanto aquecia em uma panela algo parecido com comida sobre um pequeno fogão a gás. — Você irá se juntar a nós para jantar?

Seu namorado chapado sorria preguiçosamente enquanto ele tocava uma música suave no violão. Warren retornou o sorriso deles quando ele balançou a cabeça.

— Obrigado, mas estou procurando uma ruiva bonita. Acho que o nome dela é Persia?

Ele não foi capaz de falar seu sobrenome obviamente falso, Moonshadow. Felizmente ele não precisou.

— Desculpe, ela saiu cerca de uma hora atrás.

— Certo, ela mencionou algo sobre ir trabalhar, mas eu não consigo lembrar onde, — Warren inseriu o mais suavemente possível. Um policial teria visto através dele, mas os hippies confiantes acreditavam nele.

— The Lair, cara, — murmurou o namorado da mulher, quase em sintonia com sua música.

Era tudo o que Warren precisava saber.

— Tem certeza de que não quer lentilhas? — A mulher o chamou em um tom melancólico quando ele correu de volta para sua caminhonete, ignorando-a.

Enquanto estava sentado em sua caminhonete, observando o neon vermelho e amarelo do The Lair piscando, ele se perguntou se marchar para o novo local de trabalho de sua companheira, totalmente desavisada, era uma ideia tão brilhante. Tudo nele gritava para encontrá-la, apenas para ter certeza de que ela estava segura, mas a metade humana dele sabia que ele teria que ir devagar. Não só ela era uma humana que não fazia ideia de que lobisomens existiam, mas ela disse a ele nem uma hora antes que estava desistindo dos homens de vez. Se ele a chamasse de companheira e afirmasse ser um lobisomem, ela chamaria os caras de jaleco branco.

Warren passou a palma da mão sobre o rosto e suspirou. Claro, seria sua sorte que ele tivesse que passar pelos canais humanos para fazer as coisas. Mas para sua companheira, ele faria qualquer coisa.

— Persia. — Ele testou como o nome soava em sua língua.

Bonito, alegre, ousado.

Igual a ela.

Com um pouco de sorte, ele pulou da caminhonete e foi ao redor do prédio, apenas para encontrar a cena de Tremble por excelência. Levi Walker, ex-executor da alcateia e policial da cidade, estava parado em frente ao prédio, com os braços cruzados sobre o peito largo enquanto ouvia um sujeito mais velho embriagado. A barba branca e fina do homem balançava enquanto ele falava, seus jeans sujos de trabalho, botas enlameadas e uma camisa de flanela vermelha e preta manchada de suor sob suspensórios pretos, um típico uniforme de bom garoto do Sul. O homem balançou um pouco quando seus braços se agitaram.

Enquanto Warren passava pelo par, o homem cuspiu um monte de gosma negra na terra e usou a língua para empurrar um pedaço desagradável de chiclete de volta ao lugar no lábio inferior antes de continuar sua divagação para Levi. Warren teve dificuldade em capturar tudo o que ele falou, graças ao seu sotaque grosso da Geórgia, juntamente com o barulho.

— Policial, eu te digo, Chuck a acertou em cheio com seu cotovelo. Eu vi isso. Você vai tem uma testemunha ocular. Eu vi isso! Leve ela ao médico, para que você possa usar como evidência, vou te contar.

— Senhor, — Levi parecia cansado, — se você pudesse por favor...

O que quer que tenha acontecido depois disso, Warren não ouviu. O insistente trovão de seus batimentos cardíacos acelerados abafou todo o resto. As palavras do caipira eram

sem sentido, mas a barriga de Warren apertou-se em cada uma. De alguma forma, a Persia estava envolvida. Se havia algo que Warren havia aprendido há mais ou menos uma hora desde que encontrou sua companheira, era que ele precisava ouvir seus instintos.

Abrindo a porta do The Lair, ele parou na porta e quase mudou para lobo de raiva. Hux Davenport, o dono do bar e um membro da alcateia de Soren, estava agachado sobre uma Persia imóvel, abanando um pano de prato sujo no rosto dela. O que quer que tenha acontecido com ela, as ministrações de Hux não pareciam estar funcionando porque ela estava completamente nocauteada. Um rastro de sangue escorria pela testa e pelos cabelos.

Hux olhou para trás, seus olhos se arregalando com a presença de Warren. Não porque ele estava lá, mas porque ele estava rosnando na direção de Hux. O homem afastou-se, deixando a fêmea humana para Warren lidar.

Homem inteligente.

Correndo para ela, Warren segurou o rosto oval em suas mãos e respirou fundo. Sim, companheira dele. Sem dúvida. E ela está ferida. *Droga!*

Pegando-a nos braços, Warren ficou maravilhado com sua fragilidade e prometeu tornar a missão de sua vida mantê-la segura, para sempre. Quando ele se virou para sair pela porta, Levi entrou e deu a ele um olhar perplexo. O velho caipira olhou por cima do ombro para a cena.

— Que diabos, Warren, — Levi assobiou baixinho. — Eu já chamei uma ambulância. Você não pode simplesmente...

Warren não precisava dizer uma palavra. Ele apenas deu a Levi um olhar tão duro quanto o aço, e o homem recuou. Ele até manteve a porta aberta para Warren enquanto a carregava para a caminhonete. Ela precisava de tratamento de uma das poucas pessoas no mundo em quem ele confiava.

A irmã dele.



CAPÍTULO TRÊS

Os olhos de Persia se abriram e depois estreitaram-se com as luzes brilhando sobre sua cabeça. Apertando os olhos novamente, ela estremeceu com a pulsação latejante em seu cérebro. Dores de cabeça eram uma coisa, mas a dor apunhalava sua cabeça como uma faca a cada batimento cardíaco, ultrapassando em muito o que ela já experimentou antes.

O que diabos aconteceu?

Pensando no último evento que ela conseguia se lembrar claramente, ela refez seus passos. Chutando Leaf para fora de sua van. Um passeio na floresta. Um lobo.

Espera.

Um lobo? Foi isso que a atacou?

Seu coração acelerou, fazendo a dor em seu cérebro duas vezes mais dolorosa. Apenas diminuiu a velocidade quando os afiados olhos azuis do lobo penetraram na pulsação assassina em sua cabeça. Não, ele rolou e a aconchegou como se ela o tivesse criado desde filhote. Seu novo amigo da floresta.

Finalmente, de volta aos trilhos, ela se lembrou de ir trabalhar no The Lair. Algo sobre alguns caipiras velhos fazia cócegas na parte de trás de seu cérebro, mas o pobre órgão não

conseguia trazer à tona essa memória em particular, e quanto mais ela tentava, mais dor sentia.

— Mmm, — ela gemeu quando abriu os olhos contra a luz novamente.

Parecia mais como uma lâmpada ajustável encontrada em hospitais. O cheiro forte de antisséptico aumentou a impressão. O que quer que tenha acontecido com ela, alguém deve tê-la levado a um consultório médico ou atendimento de urgência. Persia tentou virar a cabeça para dar uma olhada ao redor do espaço, enviando um choque de dor através de seu corpo. Péssima ideia. Talvez sentar seria mais fácil.

Grunhindo com esforço, ela procurou o lado da cama, apenas para encontrar trilhos de mão. Era uma maca. Perfeita para mantê-la firme enquanto ela lentamente se colocava na posição sentada. A sala se inclinava para um lado e para o outro, então ela fechou os olhos até não sentir como se estivesse parada na proa de um pequeno barco em um mar tempestuoso.

— Oh, bom, você está acordada, — uma voz suave e feminina veio de perto.

Abrindo um olho, Persia olhou para a mulher alta e bastante distorcida que se aproximou. Algumas piscadas clarearam sua visão o suficiente para ver que a mulher também era de tirar o fôlego – o tipo de mulher que bilionários deixavam propriedades inteiras de herança. Mas algo em sua

presença acalmou Persia. Se essa mulher era médica, ela estava em boas mãos.

— Quem o quê...? — Persia tentou, e falhou, em dizer.

— Shh, — a loira pressionou uma mão nas costas de Persia oferecendo apoio. — Apenas tome um minuto para se orientar.

Antes que ela pudesse, um homem estupidamente bonito correu para trás da loira e olhou por cima do ombro para Persia. Uma profunda preocupação sombreava seus olhos azuis, o tipo de preocupação que alguém manifestava por um ente querido, não uma total estranha. E ele era um estranho para ela, ainda assim... algo parecia tão familiar sobre ele. Piscando o sentimento, ela decidiu que ele devia ser cliente do The Lair. Ela deve reconhecê-lo de um de seus turnos.

— Onde estou? Quem é você? — Ela finalmente conseguiu, relutantemente, voltando o olhar para a mulher.

— Meu nome é Trina Kincaid e você está na minha clínica. — Ela disparou um aviso silencioso de algum tipo para o homem, que se parecia com ela. — E este é meu irmão, Warren Edgecomb. Você pode me dizer seu nome?

— Persia. — Ela esfregou um ponto sensível no lado da cabeça. — Persia M-Moonshadow.

— Bom, — Trina deu uma cotovelada em seu irmão excessivamente preocupado. — Olhe para o meu dedo, Persia.

Ok, agora siga-o sem mexer a cabeça. Muito bom. Como você está se sentindo? Tonta ou enjoada?

— Não, mas minha cabeça dói como uma cadela. — Persia fez o possível para não permitir que o seu olhar caísse sobre Warren. — O que diabos aconteceu comigo?

Trina explicou enquanto apontava uma caneta com uma luz nos olhos de Persia. — Eu não estava lá, mas pelo que me disseram, você levou uma cotovelada na cabeça, bateu em uma parede e depois bateu a cabeça contra uma mesa. A boa notícia é que não parece que você tenha uma concussão, mas sua cabeça vai doer por um dia ou dois. Agora, eu não estou preparada para, hum, lesões como essa, então se você quiser aliviar qualquer preocupação, podemos levá-la a um hospital para uma ressonância magnética...

Persia conseguiu acenar com a mão, descartando a ideia. — Deus, não. Muitos problemas. Eu estou bem, sério. Como manifestante profissional, já tive muito pior do que uma dor de cabeça. Uma vez, esse capataz de construção mal-humorado, me bateu na bunda com a pá de uma escavadeira.

Persia achava sua história hilária, mas Warren não parecia nem um pouco divertido. De fato, ele parecia completamente furioso. — Você está brincando? Isso realmente aconteceu? Qual é o nome e o endereço do cara?

Trina revirou os olhos e o empurrou para o lado. — Ignore-o.

Agora que alguns de seus sentidos estavam voltando para ela, Persia deu uma boa olhada em Trina. — Ei, você parece familiar. Você passou no Wolf Woods algumas vezes na semana passada?

Trina sorriu. — Eu fiz. Boa memória. Agora estou confiante de que você não está gravemente ferida. Ouvi dizer que essas escavadeiras não se mexeram nem um centímetro desde que McNish às trouxe. Seu trabalho?

Persia sorriu. — Não é só meu. Eu tenho um time.

— Isso significa que sim, — Trina riu quando verificou o pulso de Persia. — Você está fazendo um ótimo trabalho.

— Obrigada, — Persia vacilou um pouco. Os habitantes locais costumavam ser os mais difíceis de convencer quando se tratava dos desenvolvimentos de McNish. — Se importa se eu perguntar qual é o seu negócio? Sei por que *nós* estamos lutando para manter Wolf Woods selvagem, mas o que está em jogo para você?

Warren passou por Trina, suas mãos começando a alcançá-la, mas rapidamente se afastando. Seus dedos se fecharam em punhos, como se ele estivesse se segurando de alguma coisa, enquanto Trina continuava o exame.

— Os colonos originais da nossa vila herdaram a terra deste lado de Wolf Woods. Por gerações, usamos essas terras como uma extensão de nossa propriedade, uma espécie de amortecedor entre a cidade e nós. Não é que sejamos

antissociais e não queremos vizinhos nem nada. É mais que o bosque é um marco local. Há muito significado histórico e cultural lá. Perder a floresta machucaria a cidade como um todo, não apenas por um pouco de espaço público, mas também por turistas de todo o mundo para procurar na floresta por lobisomens.

Persia bufou. Ela pesquisou Wolf Woods e Tremble completamente antes de arrastar sua caravana para cá para protestar contra outro desenvolvimento de McNish. Solitários de todo o país reuniram-se na pequena cidade da Geórgia em busca de criptas – chupacabra, Pé Grande e lobisomens. A cidade capitalizou inteligentemente o fascínio por Wolf Woods, que transformou Tremble em uma espécie de armadilha para turistas. Se ela tivesse dinheiro, adoraria passar a noite em um dos quartos temáticos de lobisomens do Lupin Inn. Trabalhar no Lair Bar & Grille do Wolf deu a ela uma vibe sobrenatural, o que com todos os enfeites tolos de lobisomem que decoravam o lugar.

— Eu realmente não posso acreditar que as pessoas ainda acreditam em todo esse absurdo. — Ela sorriu para Warren. Era bom, natural. Sorrir para ele parecia ser o que ela havia nascido para fazer.

Pelo canto do olho, ela pegou Trina lançando um olhar engraçado para o irmão, mas Persia estava muito hipnotizada por seus tempestuosos olhos azuis. Tão hipnotizada que ela mal notou outro homem entrando na clínica de uma sala ao lado. O homem tinha cabelos castanhos claros e desgrenhados

e olhos castanhos combinando com um físico imparável. Parecia que esta vila produzia muitas pessoas maravilhosas.

— Mesmo assim, — Trina falou novamente, — se Dick McNish conseguir o que quer, todos nós sofreremos com a perda de Wolf Woods.

O homem aproximou-se da Trina e passou um braço protetor em volta dos ombros dela. — McNish é um idiota. Ele precisa ser levado à justiça.

— Eu concordo totalmente, — a excitação da Persia por encontrar pessoas com a mesma opinião diminuiu um pouco sua dor. — Sabe, se mais moradores se juntassem ao nosso protesto, teríamos mais condições. As coisas sempre vão muito melhor quando as pessoas da cidade se envolvem, em vez de apenas olhar para nós de fora como se fossemos lunáticos. Além disso, quanto mais pessoas protestam, maior a exposição do problema. Força em números e tudo isso.

O trio compartilhou um olhar que falava muito, mas Persia não tinha o guia de tradução. Se tivesse que adivinhar, teria dito que pareciam intrigados. Melhor do que irritado, então ela continuou.

— Nosso primeiro passo foi montar nosso acampamento e chamar alguma atenção com nossas placas e cânticos.

— Eu particularmente gosto de 'Abaixo Dick', — o homem segurando Trina entrou na conversa. — A propósito, meu nome é Max.

— Prazer em conhecê-lo, Max. E obrigada. Essa é uma das minhas. Eu inventei isso há muito tempo.

— Então, qual é o seu próximo passo? — Warren perguntou, aproximando-se um pouco mais dela, o que não a incomodou nem um pouco.

Persia sorriu para ele, em parte por excitação com seus planos e em parte porque ela não conseguia fazer nada, *exceto* sorrir para ele. — Construir plataformas nas árvores para que não possam ser derrubadas. É chamado de sentar-na-árvore. Usamos equipamentos de alpinismo para subir nas árvores para construir as plataformas e, em seguida, apenas acampamos por aí para impedir o desenvolvimento.

Os olhos de Warren brilharam. — Casas na árvore? — Ele suspirou, claramente animado com a ideia.

— Não exatamente, — Persia riu de seu entusiasmo. — Mas perto o suficiente.

— Conte comigo. Tenho acesso a madeira, ferramentas e muitos trabalhadores qualificados que ficariam emocionados em apoiar a causa.

O coração da Persia quase gaguejou para parar, dando um novo significado à gíria — Coração saindo pela boca. — Esse Warren não era apenas lindo demais, mas estava ansioso para se juntar aos esforços deles para interromper o desenvolvimento. Por um segundo, ela fez uma avaliação profunda. Cabelos loiros e arenosos, um pouco mais escuros

que os da irmã, olhos tão azuis que a perfuravam até o centro, a constituição de um nadador magro, porém musculoso, e um desejo de salvar o meio ambiente. Ou pelo menos parar o McNish. O que mais uma garota poderia querer?

Warren era um verdadeiro homem viril, muito diferente dos caras hippies que fumam maconha com quem ela costumava sair, mas a imagem dele balançando um martelo, sem camisa e suado com muito trabalho, a fez se sentir formigando em todos os seus lugares felizes. Encontrar o olhar dele era como tomar uma dose de tequila realmente boa, aquecendo lentamente cada centímetro de sua pele e depois absorvendo o resto dela.

— Como posso recusar uma oferta como essa? — Ela balançou as pernas para o lado da maca e tentou se levantar.

Assim que seus pés tocaram o chão, o calor que escorria através dela foi substituído por uma forte onda de tontura e ela teve que pressionar a bunda na maca para se preparar. Persia estava quase certa de que foi causada pela pancada na cabeça e não pelo cheiro intoxicante que vinha de Warren.

Quase.

— Whoa, — Trina se lançou para sua paciente, mas Warren chegou à Persia primeiro.

Suas mãos quentes gentilmente a ajudaram a voltar para a maca, e uma permaneceu em seu ombro, mesmo depois que

ela não precisava mais da ajuda. Não que ela estivesse reclamando.

Trina estalou a língua. — Você provavelmente quer voltar para o acampamento, mas é muito tarde e eu me sentiria muito melhor se você passasse a noite para que eu possa monitorá-la.

— Boa ideia, — Max deu um rápido beijo na bochecha de sua mulher. — De fato, fiz um bom ensopado para o jantar, e há o suficiente para uma convidada.

— Ou dois, — Warren deu à irmã um olhar significativo.

Trina sorriu para ele. — Só se você cantar para nós.

— Uh, ninguém quer ouvir isso, — ele respondeu, fazendo uma careta para ela e dando-lhe uma sacudida não tão sutil.

— Vamos, irmãozão. É sempre um prazer. — Trina deu um sorriso malicioso à Persia. — Ele tem uma ótima voz, quando não está sendo egoísta com isso.

— Não, — insistiu Warren, — ela já está com dor de cabeça o suficiente. A última coisa que ela precisa é ouvir a minha voz horrível.

Trina revirou os olhos com a teimosia do irmão e bufou: — Tudo bem.

As provocações entre irmãos aqueceram o coração de Persia. Como filha única, ela nunca teve esse vínculo com outra pessoa. Ela teve que sofrer sozinha durante a infância.

Alguém para compartilhar o fardo poderia ter sido bom, mas, novamente, ela não desejaria isso ao seu pior inimigo.

— Obrigada pela oferta, mas eu realmente preciso voltar ao trabalho. Isso pode ser um choque, mas ser uma manifestante profissional não paga tanto quanto vocês imaginam.

Warren parecia preocupado demais para entender sua piada. — Não, não hoje à noite. Hux se sente péssimo com o que aconteceu e deu a você o resto da noite de folga. Sem descontar no seu pagamento.

Ela gostou de Hux no momento em que ele a entrevistou para o emprego de garçonete, e essa pequena pepita apenas confirmou sua crença de que ele era um bom homem. Isso não significava que ela iria se aproveitar da hospitalidade de seus novos amigos.

— Isso é muito legal da parte dele, mas ainda preciso pegar minha Westfalia. É minha casa e sou um pouco protetora.

Warren pegou seu olhar novamente e todas as preocupações que ela tinha fugiram de sua mente.

Westfalia? O que é isso?

Concussão? Quem se importa?

— Não precisa se preocupar com sua van. Nada poderia estar mais seguro do que no estacionamento do Hux. Confie em mim nisso. Vou levá-la até lá logo de manhã. Combinado?

Pela primeira vez em sua vida, a Persia não tinha mais nada para protestar.

CAPÍTULO QUATRO

Warren esticou as patas traseiras e balançou a cabeça peluda quando o sol espiou pelas copas das árvores na manhã seguinte. Apesar dos protestos dela, ele prometeu a Persia que estaria na clínica bem cedo. Principalmente porque ele sabia que estaria dormindo nos degraus que levavam à clínica da Trina. De jeito nenhum ele deixaria sua companheira sozinha, desde que pessoas como McNish estivessem fora para destruir sua alcateia. Inferno, ele ficaria ao lado dela vinte e quatro horas por dia e sete dias por semana, se ela deixasse, independentemente do que estivesse acontecendo no mundo.

Não era como se ele não confiasse em Max e Trina por estar no quarto ao lado. Bem, na verdade, ele confiava em Trina e dava a Max o benefício da dúvida, já que Trina confiava nele. Ela provavelmente cortaria partes muito importantes de Max se ele cheirasse na direção de Persia. Mas ele se sentiu mais protetor com Persia do que qualquer outra coisa em toda a sua vida e não foi capaz de se forçar a ir embora. Mesmo assim, uma pontada de ciúmes esfaqueou seu coração quando sentiu o cheiro de Max em torno da cabine. Era natural que um lobo macho quisesse manter sua companheira segura, mas ele não queria mais que o ciúme fizesse parte de sua vida.

Sua primeira reação é como você foi ensinado a sentir, e sua segunda reação é a resposta do seu verdadeiro eu.

Isso se tornou o mantra de Warren desde que ele teve uma boa conversa há algum tempo com a ômega do bando, Cassandra. Ele a procurou não muito tempo depois que sua paixão de infância, Chloe, fugiu com o curandeiro de outra alcateia. Ele pensou que seu coração estava quebrado, mas Cassandra o ajudou a ver que não estava. Principalmente seu ego estava machucado. Independentemente disso, ele se lembrava de seu novo mantra diariamente e descobriu que o ajudava a estar mais atento ao mundo.

E isso não era uma coisa ruim.

Warren demorou a se mover, ainda sonolento e rígido por dormir em madeira dura a noite toda. Se sentia bem com o sol em sua pele nua, e ele aproveitou um momento para agradecer, agradecer aos céus por levar Persia a Tremble. A ironia da situação o atingiu enquanto se vestia. Ele realmente deveria estar agradecendo a Dick McNish. Se o imbecil não visasse Wolf Woods, Persia poderia nunca ter pisado em Tremble e Warren nunca a teria encontrado.

Não querendo acordar todo mundo se eles ainda dormiam, Warren bateu suavemente algumas vezes na porta da clínica. Ele aprendeu da maneira mais difícil a não apenas entrar mais. Ver a irmã e o companheiro dela fazendo aquilo *duas vezes* foi suficiente para lhe ensinar essa lição. Ele estava prestes a se virar quando a porta se abriu. Persia ficou lá, olhando para ele com calor nos olhos, claramente feliz em vê-lo.

Sim!

— Acordou cedo também, hein? — Ela se afastou para deixá-lo passar.

Trina e Max estavam de pé na passagem para a cabine, aproveitando o chá Earl Grey da manhã.

— Você poderia dizer isso, — ele riu, ignorando o sorriso de sua irmã.

— Quer um pouco de chá? — Max esforçou-se para esconder o sorriso ao ver como Warren estava apaixonado por Persia.

— Não, — respondeu Persia, — precisamos seguir em frente. Não preciso que minha van seja rebocada por ter ficado no estacionamento a noite toda.

Ansioso para deixar a atmosfera presunçosa vindo da sua irmã e cunhado, Warren prontamente concordou e conduziu-a pela porta em direção a sua caminhonete. Quando ele se apressou em abrir a porta do passageiro, ela deu um sorriso perplexo.

— Velha guarda, hein?

— Você está me dizendo que não gosta de um pouco de cavalheirismo? — Warren levantou uma sobrancelha para ela.

— De jeito nenhum, eu simplesmente não estou acostumada. — Ela subiu em seu assento.

Warren sabia que ele não deveria se sentir muito orgulhoso por fazê-la se sentir especial, mas ele sentiu. Mordendo o interior de sua bochecha, ele contornou a caminhonete pensando em tudo o que ela havia dito sem querer na clareira no dia anterior. Se ele quisesse cortejar essa mulher, teria que seguir suas pistas sempre que pudesse.

A viagem foi silenciosa, exceto o barulho do motor, enquanto desciam da montanha e entraram na estrada principal que levava a Tremble. Persia moveu as pernas como que para apoiá-las no painel, mas parou.

— Fique à vontade, — ele disse a ela. — Se você não percebeu, essa lata velha não é muito chique.

Persia riu, retrocedendo como se fosse a dona do local. Sua risada alta e desinibida soou como os mais delicados sinos de vento, embora fosse tudo menos delicada. Combinava com ela tão perfeitamente, e ele podia dizer que passaria o resto da vida sorrindo cada vez que ela risse.

E o fato de ela já estar tão confortável em sua presença lhe deu imenso prazer e um estranho tipo de alegria. A visão de suas panturrilhas curvilíneas quando a saia esvoaçante se afastou delas deu-lhe outros sentimentos. Sentimentos que ele não seria capaz de esconder se continuasse olhando para a sua pele cremosa.

Limpando a garganta e mantendo os olhos na estrada, ele tentou encontrar um tópico seguro. — Trina fez-lhe um novo exame e deu-lhe o sinal verde esta manhã, eu presumo.

— Sim, ajustada como um violino. Eu mal sinto uma dor de cabeça, apenas um nódulo sensível. — Seus dedos voaram até a cabeça e cutucaram cautelosamente o local que havia entrado em contato com uma mesa.

— Bom de ouvir. Eu odeio que essa tenha sido sua primeira impressão de Tremble. McNish realmente causou alvoroço. Costumávamos ter uma comunidade tão pacífica e amigável, mas agora...

— Se as coisas não estivessem agitadas, eu não estaria vendo nada, — ela apontou.

— É verdade, — Warren riu, divertido por ter pensado praticamente a mesma coisa.

— Além disso, eu já vi isso acontecer antes. Eu segui o delicioso caminho de destruição de McNish em toda a Geórgia por... mais de um ano. — O suspiro dela continha mais tristeza do que Warren teria esperado.

— Se importa se eu perguntar por que você está atrás dele?

O clima dentro da caminhonete escureceu quando ela o lançou um olhar afiado. — Porque o que ele está fazendo é além de criminoso. Tirando as pessoas de suas terras ancestrais? Para quê? Dinheiro? Que tipo de pessoa faz isso?

— Horrível, — Warren fez uma careta.

— McNish é um verdadeiro trabalho. Você ficaria chocado com o quão bom ele é em encobrir suas atividades. Simplesmente não posso aceitar o pensamento de que ele destrói a vida de tantas pessoas e nunca enfrenta as consequências dessa escolha.

A paixão dela o intoxicava. É claro que ele queria experimentar um tipo de paixão diferente e mais íntimo com ela, mas sua energia o instigava, excitando-o com o pensamento de parar McNish.

— E é por isso que dediquei minha vida impedindo que Dick McNish estrague a vida de outras pessoas.

— Você viu o artigo sobre ele outro dia?

Ela encolheu os ombros em sua ambivalência. — Foi bem escrito, mas foi apenas o começo do que precisa acontecer para romper sua armadura. Ele é do alto escalão, e um mísero artigo de notícias regional não o afetará muito. Agora, se tivesse sido um canal de notícias nacional...

Warren passou o resto da viagem informando Persia sobre as relações da alcateia com McNish – o que ele podia, pelo menos – incluindo que Max tinha sido a fonte da exposição sobre McNish.

Parando no estacionamento estéril do The Lair, Warren parou uma vaga ao lado da van Volkswagen Westfalia maltratada que parecia ainda pior do que sua picape antiga. Quando ela pegou a maçaneta da porta, ele apontou para ela.

— Não se mexa!

Nenhuma companheira dele abriria a porta do próprio carro, desde que ela estivesse bem com isso. A julgar pelo sorriso divertido que apareceu nas bordas de seus lábios perfeitamente carnudos, ela estava.

— Você é o pacote completo. Não é? — Ela aceitou a mão dele para ajudá-la.

— Não tenho certeza do que você quer dizer, mas eu aceito.

Seu sorriso vacilou com a proximidade dela. Sob o cheiro antisséptico de passar a noite na clínica da Trina, seu verdadeiro perfume de sobremesa o pegou no fundo da garganta. Ele não conseguia nem engolir por medo de perder aquela cócega viciante. Inclinando-se para ela, Warren não pôde deixar de notar que ela não se afastou. De qualquer forma, ela também se inclinou um pouco, esticando o pescoço para olhar nos olhos dele e fascinando-o como uma sirene, atraindo-o com seus olhos incompatíveis e alma pura.

Persia quebrou o feitiço, recuando com um sobressalto e se afastando do círculo da atração deles. Tossindo deliberadamente para ganhar algum tempo, ela ficou vermelha e rapidamente se afastou para que ele não pudesse ver. Um bom começo, tanto quanto ele estava preocupado. Ir devagar quando sua companheira estava a centímetros de distância, quase o matou, sem mencionar, trouxe seu lado lobo tão perto da superfície que ele se preocupou que pudesse ter brotado

tufos de cabelo. Espero que o processo de conquista não demore muito, porque ele não tinha certeza de que poderia resistir a seus encantos por muito mais tempo.

— O que você acha da Betty? — Persia perguntou enquanto pegava as chaves e abria a porta deslizante de sua antiguidade amarela pálida.

Soltando um suspiro de frustração, ele sorriu. — Betty? Você nomeou sua van?

— Claro, todos não fazem isso? — Ela perguntou, olhando para ele como se ele fosse o esquisito.

— Uh, não, — ele riu enquanto olhava para dentro.

Esfarrapado não era um termo suficientemente forte para descrever os bancos da frente. Mastigados e cuspidos teria sido mais parecido. O couro original de listras marrons tinha se desgastado em tiras, permitindo que o amortecimento por baixo espreitasse. Um pedaço de carpete felpudo mal cortado estava no chão atrás dos assentos, onde um armário bege e marrom embutido servia como uma pequena cozinha. Luzes cintilantes apagadas pairavam ao longo do teto, com trincos que permitiam que a coisa toda se inclinasse para oferecer algum espaço para a cabeça. Uma grande bandeira desbotada, escrito *Tibete livre!* estava deitada sobre o banco de trás. Persia empurrou uma caixa que parecia um banquinho para os pés com uma almofada de assento combinando, fazendo um olhar de desculpas para ele.

— O que? — Ele perguntou, sem noção.

— Esse é o banheiro portátil. Desculpe.

A casa de Warren, uma pequena cabana no interior da floresta, perto da casa da alcateia, não era muito grande, mas era uma mansão em comparação com a van da Persia. Acampar por alguns dias em tal engenhoca seria uma coisa, mas viver em uma era algo completamente diferente.

— Você... *mora* nisso? Sério?

Ela deve ter pego seu olhar de descrença e bufou. — Muitas pessoas têm que morar em seus carros ou pior hoje em dia, Warren. Pelo que vejo, estou vivendo no colo do luxo, comparado a eles. Além disso, não faz sentido pagar aluguel em um apartamento quando viajo tanto.

Ele resmungou sem se comprometer, não querendo dizer palavras da maneira como se sentia por ela morar em um espaço tão inseguro. Ela *merecia* morar em uma mansão com todos os acessórios luxuosos - não que ele pudesse dar isso a ela, mas comparado a uma van, sua cabana poderia realmente *parecer* uma.

— Parece o tamanho perfeito para uma pessoa, — ele fez o possível para não enfatizar — uma. — O olhar engraçado que ela deu a ele disse que ele falhou.

Após o — tour— pela sua van, Persia olhou sem jeito para ele, depois para o chão, depois para o céu. — Bem, hum, obrigada pela carona. — Ela falou baixinho.

Essa era a sua deixa para sair, mas ele estaria condenado se a deixasse estacionar esse equipamento irregular ao lado da estrada. Um assassino em série poderia tropeçar nela, ou pior ainda, ela poderia ser tentada a relaxar com seu ex novamente. Uh-uh, de jeito nenhum. Mas ele teria que lidar com delicadeza, para não a assustar.

— Você sabe, um amigo meu é um policial local, e ele me disse ontem que eles vão fazer patrulhas ao redor de Wolf Woods para garantir que ninguém acampe lá. Pode não ser a melhor ideia você estacionar na entrada como você está fazendo.

O rosto de Persia se enrugou em uma careta. — Oh.

Ela olhou em volta, como se tentasse determinar se morar no estacionamento de Hux poderia ser uma opção. Felizmente Warren tinha uma alternativa que *não era* a casa dele, que ele tinha a sensação de que ela não gostaria nesta fase do relacionamento.

— Tenho certeza de que Trina não se importaria se você estacionasse do lado de fora da casa dela. Você e sua van estariam totalmente seguras e fora do alcance da polícia local.

— Você acha? — Ela perguntou, seus olhos distrativos iluminando com esperança.

— Eu sei.

O sol brilhou em seu sorriso deslumbrante, e oh, Deus, aquelas covinhas. — Vou voltar para Trina!

CAPÍTULO CINCO

Mais ou menos uma hora depois, Warren orgulhosamente estacionou na área de estacionamento em frente a Wolf Woods com Persia no banco do passageiro da sua caminhonete. Dessa vez, a excitação tomou conta dela e ela não esperou que ele abrisse a porta. Isso aconteceria de tempos em tempos, mas ele estava determinado a continuar tentando até que se tornasse um hábito. Além disso, sua excitação era justificada. A caçamba de sua caminhonete transbordava com madeira e ferramentas suficientes para construir pelo menos algumas casas na árvore, e havia mais a caminho.

— Você tem certeza disso? — Persia o questionou pela terceira vez. Ela se preocupava com o custo de todos os materiais de construção e com o consumo de todos os suprimentos dele.

— Tarde demais agora, você não acha? — Ele piscou, o que enviou um rubor rosa às bochechas dela. — Além disso, há mais por vir.

O resto dos manifestantes abaixaram suas placas e vagaram, curiosos e cautelosos, até avistar Persia. O garoto magro da barraca de lona se aproximou, mas parou com o olhar aguçado de Warren. Warren sentiu o bastante para saber que ele era o ex mais recente de Persia, Leaf. *Leaf!* O garoto

girou nos calcanhares e voltou ao seu lugar sob o outdoor da McNish. Talvez ele não fosse tão burro, afinal.

— Eu... *não* podemos agradecer o suficiente, — dizia Persia enquanto abria a porta traseira.

— Hospitalidade do sul, Red, — ele respondeu, roçando-a enquanto pegava uma folha de madeira compensada.

Ela endureceu contra o toque e o cheiro de seu desejo atingiu Warren como uma granada. *Sim!* Ela o queria tanto quanto ele a queria. Espero que ela esqueça seu voto de evitar os homens e ceder às suas necessidades primárias. Em breve.

— Ok, vamos com isso, garoto do campo, — ela sussurrou e depois afastou-se muito rapidamente.

Uma multidão se reuniu ao redor da caminhonete e Persia o surpreendeu batendo palmas alto enquanto ela se virava para enfrentar os amigos. — Tudo bem, pessoal, ouçam! Este é meu amigo Warren. Ele está nos fazendo um grande favor, oferecendo uma carga de madeira e ferramentas para nossa causa. Ele também chamou um apoio para ajudar. Vocês sabem o que isso significa – estaremos montando algumas plataformas de árvores hoje! Quero todas as mãos capazes que temos trabalhando nas plataformas. Se você não sabe construir, ajude a mover os materiais. Vamos!

Para sua surpresa, a multidão imediatamente obedeceu às ordens de Persia, fazendo fila para ajudar a descarregar a caminhonete. Que uma mulher tão pequena pudesse

comandar tantas pessoas com tanta habilidade o impressionou. Mas assim que terminou, um punhado de manifestantes mais jovens se afastou, tentando sumir na floresta, para que não tivessem que fazer mais trabalho braçal. Pelo menos os mais velhos – vinte e poucos, no máximo – tentaram descobrir qual era o objetivo de um martelo.

Até então, mais algumas caminhonetes carregadas de suprimentos haviam chegado e mais dois de seus companheiros de alcateia por caminhonete. Persia juntou os retardatários e atribuiu-os a diferentes tarefas, como se fosse algo que ela já tivesse feito tantas vezes antes. Pelo som disso, ela tinha.

Os caras que ele havia pedido emprestado da empresa de construção de Zeke trabalhavam com as equipes de manifestantes designadas, alguns atirando olhares sujos por prendê-los ensinando carpintaria básica. Eles podiam reclamar o tanto que quisessem, mas era por uma boa causa. O bando certamente poderia sobreviver sem acesso a Wolf Woods, mas depois que os caçadores contratados de McNish mataram o pobre pequeno Hux, filho de Hux Davenport, de sete anos, quando ele estava em sua forma de lobo, o bando de Soren declarou guerra.

Warren não seguia Persia enquanto organizava todo mundo, mas ele também nunca a deixava fora de vista. Ela movia-se com uma agilidade que desmentia sua estatura, o que o fez pensar em quão flexível ela poderia ser. Um lampejo de uma imagem dela com os joelhos perto das orelhas

provocou um acesso de tosse que ele não conseguiu controlar. Era melhor do que andar pelo grupo com um tesão furioso, mas apenas por pouco. Voltando à sua pilha de suprimentos, ele descobriu Persia amarrando um cinto de ferramentas em volta da cintura e dando um grande polegar para cima.

— Pronto? — Ela estava tão cheia de energia e entusiasmo.

Amarrando o próprio cinto de ferramentas e colocando uma pilha de madeira duas por quatro no ombro, ele apontou a cabeça em direção às árvores. — Depois de você.

Warren gostava de segui-la pela floresta enquanto ela procurava a árvore perfeita para sua casa na árvore. Cerca de cem metros, ela a encontrou. Era um sicômoro velho e resistente que tinha muito espaço nos galhos para uma plataforma. Talvez não seja grande, mas seria temporário na melhor das hipóteses.

— Ooh, ela é perfeita, — Persia cantou enquanto olhava para os galhos retorcidos e a copa das árvores exuberante. — O que você acha?

— Perfeita, — ele concordou, seus olhos nunca deixando suas curvas exuberantes e cabelos impetuosos.

Ela deve ter ouvido algo em seu tom, porque ela olhou curiosamente para ele. O que quer que ela tenha visto no rosto dele - pura luxúria, provavelmente – enviou um adorável rubor nas bochechas, e ela voltou para a árvore rapidamente.

— Vamos começar. — Ela pegou um dois por quatro e então ficou lá, olhando para ele sem ter ideia do que fazer em seguida.

Trabalhar lado a lado com a sua companheira era a ideia do céu para Warren. Persia aceitou bem as instruções e aprendeu rapidamente, quase como se tivesse trabalhado em construções uma ou duas vezes em sua vida. Logo ela nem precisava de nenhuma direção dele. Enquanto as outras equipes procuravam suas próprias árvores, Warren e Persia já haviam encontrado um ritmo.

Geradores e ferramentas elétricas chegaram à área geral onde os manifestantes estavam construindo, e então a construção realmente começou. Subindo no estilo livre da árvore, ele enrolou algumas cordas de escalada em um galho grosso e resistente e enviou as pontas amarradas à Persia para montar um sistema de elevação usando polias para transportar a madeira e a si mesmos. Sem hesitar, Persia amarrou-se em um cinto de escalada, prendeu a corda e puxou-se com as polias. Dois caras permaneceram no chão para enviar seus suprimentos.

— Aff, está quente aqui em cima, — Warren comentou enquanto puxava a camisa sobre a cabeça.

— Uh huh, — ela murmurou distraidamente, o que chamou sua atenção. Persia ficou com um martelo frouxamente segurado na mão enquanto olhava para o peito nu dele.

— Você parece saber como se usa um martelo, — brincou Warren, dando-lhe uma piscadela enquanto a balançava de volta à realidade.

— Não tenha nenhuma ideia, — ela riu, instalando-se em um galho. — Talvez eu saiba o que fazer com um martelo e um serrote, mas esse é o limite das minhas habilidades.

Warren pegou o primeiro pedaço de madeira compensada e ajudou a estabilizá-lo entre os dois galhos. — Foi um bico entre protestos? — Ele perguntou quando começou a martelar a madeira.

O silêncio dela chamou sua atenção e, quando ele olhou para ela, ela estava ocupada olhando para o lugar em que estava segurando. — Trabalhei durante os verões quando estava na faculdade.

— Ah? O que você estudou?

— Bacharelado em Ciências políticas depois direito.

— Direito? — Ele quase derrubou o martelo. — Droga, eu sabia que você era inteligente, mas não sabia que tínhamos uma advogada em nossas mãos.

— Direito ambiental, — ela falou casualmente, como se não fosse grande coisa e não uma grande conquista pela qual Warren sentia orgulho de segunda mão. — Você poderia dizer que esse tipo de coisa está no meu sangue, sabia?

— Uma mulher que sabe o que quer. Tenho que apreciar isso.

— Você parece apreciar muito sobre mim.

Sua expressão continha uma promessa e um aviso, e Warren não conseguia decidir o que o excitava mais. Ainda assim, ele estava tentando parecer calmo com ela, mas ela o farejou. Ele não estava acima de flertar com sua própria companheira - mesmo que ela ainda não soubesse – ele deixou seus lábios torcerem em um sorriso lento e sedutor.

— O que há para não gostar?

Calor e atração vibraram entre eles, enchendo o ar no alto da árvore de tensão. Como se o risco de cair para a morte já não fosse suficiente. O sexo na árvore seria definitivamente arriscado, mas Warren aceitaria isso se Persia quisesse. Antes que ele descobrisse uma maneira de abordar o assunto sem parecer um pervertido total, ela começou a trabalhar pregando o lado da plataforma. Então ela começou a cantar.

Era uma música pop, cheia de angústia, amor e saudade. Algo que ele já ouviu antes, mas não conseguiu identificar. Era velho, ele sabia disso, mas como fã de música country, ele não conseguiu identificar. Claro, poderia ter sido a entrega. A versão da Persia era muito desafiadora e quase dolorosa de ouvir. E ele adorou.

— O que? — Ela perguntou, quando o pegou sorrindo para ela.

— Nada. Que canção é essa?

— *Endless Love*. Por que você não se junta a mim? Você *tem* que conhecê-la. É um clássico.

Nada o agradaria mais do que se juntar a ela em um amor sem fim, mas ela provavelmente estava falando sobre a música, não o futuro deles juntos.

— Nah, ninguém quer ouvir isso. — Ele empurrou outra prancha no lugar. — Além disso, eu gosto mais do jeito que você canta. Na verdade, eu não me importaria de ouvir mais. Talvez um concerto privado em algum lugar mais calmo?

Ele ergueu uma sobrancelha sugestiva para ela, quando ela revirou os olhos com o drama de uma atriz de novela.

— Sério, seu pai nunca te ensinou a comprar algumas flores para uma garota antes de propor algo a ela?

Droga, movimento errado. Ele deu de ombros, fazendo o possível para encobrir sua triste tentativa de sedução e soltou a primeira coisa que lhe veio à mente.

— Você terá que colher suas próprias flores. É frufru demais para mim.

Ele imediatamente se arrependeu. Se Persia quisesse flores, ele escolheria uma colina inteira, só para ver suas covinhas novamente. Ele só queria aliviar qualquer preocupação que ela tinha com ele, não a afastar completamente dele. *Idiota!*

— Legal, — ela falou, seu tom implicando que ela pensava o contrário. Ele realmente pisou na bola dessa vez.

Eles trabalharam em silêncio depois disso. Ele tentou contar algumas piadas, mas ela não conseguiu nem sorrir o suficiente para ativar suas covinhas.

— Bem, isso parece bastante resistente. — Ela subiu no cinto novamente. — Acho que está na hora de almoçar.

A esperança brilhou no peito de Warren, que ela o convidasse para comer com ela, mas o comentário rude dele obviamente a fez pensar melhor *nisso.*

— Acho que vou descer e almoçar na minha van, talvez dar um passeio e pegar algumas flores para mim. — Ela começou a se abaixar no chão. Antes que sua cabeça desaparecesse abaixo da plataforma, ela pegou seu olhar. — Sozinha.

Bom Deus, essa mulher o frustrava! O cheiro do desejo dela nublava seus sentidos, mas ele já viveu o suficiente para saber que ela fugindo assim não era como deveria funcionar. Observando cada movimento enquanto ela se abaixava na árvore como um especialista, Warren sabia o que ele tinha que fazer. Não era sua primeira escolha, mas ele estragou tudo. Hora de sacar as grandes armas.

— Ela não pode gostar muito de mim, mas eu sei de quem ela *gosta.*

CAPÍTULO SEIS

— Persia, você não disse nada sobre o trabalho de construção quando me recrutou para esse bico, — lamentou uma jovem morena magra chamada Joy.

O namorado dela, Rustle – não Russell, mas *Rustle* – juntou-se a ela, concordando tão eloquentemente. — Sim.

Logo Persia estava cercada pelo grupo que liderava, alguns reclamando de trabalho físico, outros querendo saber a melhor árvore para construir e um casal reclamando de que os pregos os estavam machucando. Normalmente, ela não se importaria de ser bombardeada com perguntas e queixas, mas seus nervos já estavam afiados. Especialmente depois de estar tão perto de um certo suado, impecavelmente musculoso, bonito como aquele caipira do inferno. Era tudo o que ela podia fazer para controlar a raiva.

Foram necessários quinze minutos para ouvir as preocupações de todos, mas Persia considerou-se sortuda por não terem insistido em um círculo de paz, onde todos ficavam de mãos dadas e expressando todo e qualquer pensamento que lhes ocorresse. Eles eram pessoas boas - na maioria das vezes - mas caramba, eles poderiam ser cansativos. Enquanto a maioria deles se afastava, Leaf pairava ao redor do perímetro, lançando olhares maliciosos para ela.

— O que foi, Leaf? — Ela soltou um suspiro irritado. A floresta estava chamando por ela, e o pensamento de ter Leaf implorando para aceitá-lo de volta atingiu seu último nervo.

— Você nunca voltou ontem à noite, — ele se aventurou, seu tom suave e talvez um pouco triste.

Ela não queria machucá-lo, mas não se atreveria a mostrar nenhuma vulnerabilidade ou ele tentava tirar vantagem, como sempre fazia. — Muito astuto.

Ela girou nos calcanhares e foi para a floresta. O sanduíche que ela deixou na caminhonete de Warren poderia esperar até que ela estivesse mais calma. Ela não estava prestes a ficar lá e deixar que seu ex-namorado a envergonhasse por viver sua vida da maneira que ela considerava adequada, mesmo que ela tenha passado a noite em uma clínica e não na cama de alguém.

— Você estava com aquele cara?

Ela tropeçou um pouco e olhou para o chão, fingindo procurar a raiz que havia tropeçado. Olhando para trás, ela lançou um olhar sombrio para Leaf.

— O que faço e com quem faço não é da sua conta, Leaf. Agora, se você me der licença...

Leaf bufou, um som odioso que ela nunca tinha ouvido nele antes.

— Você está transando com ele. Não está?

Dessa vez, Persia parou fria, lançando um rápido olhar para sua árvore – nenhum sinal de Warren. Ele deve ter saído despercebido enquanto ela lidava com a multidão, graças a Deus. Ele ouvindo a acusação de Leaf a teria matado de vergonha.

Ela lentamente voltou seu olhar impetuoso para Leaf. Ele nem estremeceu. Em vez disso, ele bateu os punhos nos quadris em um movimento desafiador. Alguns dos outros manifestantes se inclinaram na direção deles, tentando ouvir as últimas fofocas suculentas.

— Não que seja da sua conta, — ela deslizou o olhar pelos outros, — ou de *qualquer um de vocês*, mas não. Eu não estou transando com ele.

Se eles perguntassem se ela *queria*, ela teria dificuldade em mentir, porque sua pele clara ficaria vermelha como beterraba, revelando seus verdadeiros sentimentos. Pele estúpida da paixão!

— Ele é um cara que tem interesse em manter Wolf Woods selvagem, assim como nós. Ele e seus amigos queriam ajudar, então eu os convidei para se juntar a nós. Eles são boas pessoas e temos sorte de tê-los. Não apenas eles estão fazendo a maior parte do trabalho que vocês deveriam estar fazendo, mas é sempre melhor ter os habitantes locais do nosso lado. Vocês não acham?

Leaf olhou com raiva e alguns trocaram olhares céticos, mas ninguém pronunciou uma palavra. Persia não perdeu a

chance de dar o fora dali. A floresta a envolveu rapidamente e logo ela pôde respirar novamente. Abrandando para um passeio fácil, ela deixou as tensões das últimas vinte e quatro horas derreterem de seus ombros. A pancada em sua cabeça ainda estava sensível, mas fora isso, ela se sentia bem.

Mais do que bem.

Algo sobre Warren a chamava, assim como a natureza. Ela sempre se sentia assim andando pela floresta, sentada em uma praia intocada, ou subindo uma magnífica encosta. Como se uma parte dela tivesse sido finalmente encontrada. Inexplicavelmente, Warren tinha um efeito semelhante nela, apenas com o prazer adicional da tensão sexual.

Lembrando como ele manejou aquela folha de madeira compensada, transformou-a em cinquenta tons de formigamento. Quando ele puxou a camisa sobre a cabeça, ela quase caiu de bunda da árvore. Músculos tensos se espalhavam pelo peito e pela barriga. Não músculos inchados como um fisiculturista, mais um nadador ou um cara que alcançou tanta magnificência através de trabalho físico em vez de uma academia.

— Controle-se, Persia, — ela rosnou para si mesma.

Depois de todas as suas declarações justas sobre estar farta de homens, aqui estava ela fantasiando sobre um cara musculoso e caipira que acabou de conhecer. A última coisa que ela precisava era de uma distração, especialmente na forma de um garoto sexy do campo que sabia como lidar com

suas ferramentas. Definitivamente, não em um ponto crucial no protesto contra McNish. Era muito arriscado.

Ela jogava seu jogo de protesto há tempo suficiente para saber melhor do que deixar algumas pequenas vitórias torná-la complacente. Homens como Dick McNish se orgulhavam de operar acima da lei. Ele esperaria e observaria até que ela perdesse a vantagem. O grupo precisava manter os olhos no prêmio. Seu povo, por mais gentil que fosse, precisava dela para manter o momento e a energia. Todos procuravam ela por orientação e liderança.

Era muita responsabilidade, que ela geralmente gostava. Ela era uma líder nata, um dos poucos benefícios de sua educação, mas às vezes isso pesava. Foi quando ela encontrou uma maneira de comungar com a Mãe Natureza. Não importava o cenário, ela sempre se sentia pequena de uma maneira que a confortava e a inspirava. Como se ela fosse um pedacinho de um enorme e belo quebra-cabeça.

Seguindo seu caminho familiar, Persia atravessou a densa vegetação rasteira e entrou em sua clareira favorita. Para sua alegria, o mesmo lobo de pelo de areia estava no centro, seus inteligentes olhos azuis rastreando cada movimento dela enquanto ele ofegava e abanava o rabo fofo. Quais eram as chances de uma mulher humana e um lobo selvagem estarem no mesmo local exato em dois dias diferentes? Astronômicas, e isso plantou a semente completamente ilógica que o lobo estava esperando por ela, como se soubesse que ela estava a caminho. Era estúpido,

totalmente ridículo, mas ela não conseguia se livrar do sentimento.

— Oi, lindo. — Ela sorriu amplamente enquanto caminhava em direção a ele. Pena que o encanto das covinhas se perdia nos animais.

Ele a encontrou no meio do caminho, pressionando o lado do corpo enorme contra as pernas dela. Ela deu um tapinha em sua cabeça macia, mas ele continuou empurrando contra suas pernas, como se quisesse algo dela.

— O que foi? — Ela só entendeu o que ele queria quando empurrou o que deveria ter sido um focinho assustadoramente enorme na parte de trás dos joelhos, quase a derrubando. — Ok, ok, — ela riu e sentou-se na cama de grama.

Um gemido de satisfação ecoou na fera quando ele deitou a cabeça no colo dela e olhou para ela com grandes olhos de cachorrinho. Persia passou os dedos pelo focinho e pelas bochechas dele, terminando com os dedos em volta do pelo mais macio que ela já havia sentido.

— Oh, você gosta disso, não é? Eu também.

O lobo rolou para o lado dele, totalmente satisfeito com a atenção dela. Sem medo, Persia plantou uma mão do outro lado do corpo e encostou-se ao corpo dele. Ele era como um travesseiro gigante, vivo, e depois dos últimos dias, o contato físico a acalmava.

— Isso é realmente estranho. Você sabe disso, certo? Quero dizer, é quase como se você me entendesse. O que faria de você, o primeiro, — ela bufou e depois suspirou. — Bem, exceto talvez por aquele cara sexy da construção.

O lobo bateu com o rabo no chão e rolou de costas por baixo do braço dela, as patas dianteiras flácidas acima do peito, procurando o mundo como se estivesse implorando. Persia colocou um cacho vermelho atrás da orelha e sorriu para ele.

— Só... que tipo de cara se recusa a comprar flores para uma mulher quando ele sabe que ela gosta delas? Isso é meio merda, certo? Egoísta também. — A atitude que Warren lhe deu sobre flores – não que ela esperasse alguma coisa dele em primeiro lugar – parecia contraditória à sua personalidade amável e generosa. — Ainda bem que não estou interessada em namorar ou ele teria ferido meus sentimentos.

O amigo gemeu baixinho e inclinou a cabeça o suficiente para lamber a mão dela algumas vezes, até que ela concordou e o acariciou.

— Além disso, tenho que ficar forte. Não posso me distrair, mesmo que ele *seja* muito perturbador. Estou aqui para realizar mudanças reais, meu amigo, não para ficar com os meninos locais. Quero manter essas florestas por perto para criaturas como você, bem como para os habitantes locais que as usam para recreação. Condomínios podem ser construídos em qualquer lugar, mas depois que essas madeiras

desaparecem, elas desaparecem para sempre. Preciso me concentrar em parar Dick McNish e nada mais.

Ela quase se convenceu, mas o sorriso de Warren brilhou em seu cérebro, enviando brilhos e fogos de artifício saltando em seus nervos.

— É muito difícil, eu sei, mas ninguém lá fora conhece McNish como eu. Eu o estudei por tanto tempo. Conheço todas as suas forças, fraquezas e truques que ele usa para transformar essas fraquezas a seu favor. Eu rastreei seu caminho de destruição em todo o estado, mas não importa o quanto eu tente fazer com que as pessoas o vejam pelo que ele realmente é – um monstro frio e ganancioso – ele continua fugindo de suas atrocidades. Ninguém parece entender, mas eu entendo. É por isso que não posso deixar passar ou fazer outra coisa que possa ser produtiva. Se eu pelo menos não *tentar* detê-lo, ninguém mais o fará.

Os arbustos que ela empurrou para entrar na clareira farfalharam alto. Algo grande estava por vir, e antes que Persia pudesse reagir, o lobo se levantou e deu um passo à sua frente, como se quisesse protegê-la. Sua cabeça caiu ameaçadoramente baixa, e cada músculo sob seu pelo ondulou com tensão. Até a faixa mais escura ao longo de sua coluna havia subido, e o rosnado vindo de dentro dele a deixou ainda mais tensa.

— O que foi, garoto? — Ela murmurou enquanto se levantava, vagamente consciente de que parecia uma personagem de *Lassie*.

Antes que ela pudesse realmente ficar assustada, um homem e uma mulher emergiram da linha das árvores – um casal de amantes para um passeio romântico. Teria sido absolutamente adorável, se um lobo muito grande e muito zangado não estivesse pronto para atacá-los como se fossem sua próxima refeição. Persia estava prestes a atacá-lo, segurá-lo, mesmo que isso significasse que ela seria seu próximo alvo. Antes que ela pudesse, porém, o lobo caiu para os quadris ao lado dela e soltou um suave — Rumph.

— Por favor, não tenham medo, — ela gritou, embora o casal parecesse achar mais divertido do que qualquer coisa. — Ele é realmente muito legal.

O homem, um sujeito alto e bonito, com cabelos castanhos que brilhavam com reflexos de cobre à luz do sol, lançou um sorriso malicioso a companheira quando eles se aproximaram. — Oh, nós sabemos. Nós o vimos por aí.

— Vocês viram? — De repente, Persia não se sentiu mais tão especial. Era bobo, mas ela preferia apreciar a fantasia que de alguma forma domava um animal selvagem.

— Uma ou duas vezes, — a mulher falou. Ela era quase tão alta quanto seu companheiro e quase tão musculosa, como evidenciado por seus shorts e camiseta. Seu cabelo preto

estava preso em um rabo de cavalo apertado que realçava suas maçãs do rosto altas e bronzeadas, olhos escuros.

— Desculpe se nós, hum, interrompemos você. — O homem estava claramente tentando não sorrir. — Eu sou Zeke Soren.

— Oi, Zeke. Eu sou Persia Moonshadow. — Ela estendeu o braço para um aperto de mão, que repetiu com a esposa, que ele apresentou como Valerie.

— Eu sou o prefeito da nossa pequena vila na estrada. Acho que você conheceu Max e Trina, além de seu irmão Warren.

Persia riu. — Uau, a fofoca com certeza se espalha rapidamente aqui.

— Todos ficamos de olho um no outro, — confirmou Zeke.

— Então você também deve saber que sou a líder do protesto contra a McNish Development Corporation.

— Confie em mim, — os olhos de Valerie ficaram tempestuosos, — sabemos mais sobre Dick McNish do que queríamos.

— Então pense em mim como sua inimiga natural, — respondeu Persia, sorrindo orgulhosamente. Ela adorava encontrar espíritos afins – ou pelo menos aqueles com inimigos em comum. Seus dedos encontraram o caminho para a cabeça do lobo e enterraram profundamente em seu pelo grosso.

Zeke inclinou a cabeça como se a estivesse avaliando. — Também ouvimos que você é advogada. Isso é verdade?

Quando as pessoas descobriam que ela era advogada, muitas vezes a enchiam de perguntas sobre coisas que ela pouco sabia, então ela sempre hesitava em compartilhar esses detalhes sobre si mesma. Mas Valerie e Zeke pareciam espertos o suficiente para não perguntar como processar os bens do tio-avô por não colocá-los em seu testamento.

— Sim.

— Ótimo, — Zeke se iluminou. — Estávamos pensando, já que estamos do mesmo lado e tudo mais, se você poderia apresentar algum tipo de liminar contra McNish ou algo assim?

Os ombros de Persia caíram e um suspiro derrotado escapou. — Eu realmente gostaria de poder. Eu tentei várias vezes, mas ele cobre suas bases muito bem. Tão bem que ainda tenho que encontrar uma sólida razão legal para que um juiz não me ponha para fora dos tribunais, mesmo que ele não esteja na folha de pagamento do McNish.

A dupla trocou um desses olhares psíquicos que os casais desenvolvem ao longo de anos e anos juntos, apesar de parecerem muito jovens por estarem juntos há tanto tempo.

— Na verdade, poderemos ajudar nessa frente, — ofereceu Valerie. — E se tivéssemos provas de que uma espécie

ameaçada de besouro fedor habita Wolf Woods? Acha que daria certo?

A mandíbula da Persia quase caiu no chão e seus olhos se arregalaram. Quando seu coração acelerou, seus dedos agarraram o pelo do lobo. Mas, em vez de reclamar, o animal zumbiu de excitação, como se ele sentisse suas emoções ou entendesse o que estava acontecendo. Obviamente, era a primeira opção, mas certamente parecia a última.

— Oh meu Deus, isso seria *incrível!* É claro que eu precisaria confirmar a existência deles, talvez chamar um entomologista que eu conheço, mas se o que você está dizendo é verdade, isso pode realmente funcionar. Os tribunais tendem a lidar com cautela quando está em jogo a existência contínua de uma espécie inteira.

— E criamos um plano alternativo que achamos que McNish poderia seguir, se ele enfrentar esse tipo de desafio, — acrescentou Zeke. — Esperamos que você participe de uma reunião conosco mais tarde para apresentar o plano a ele.

O estômago de Persia deu um nó e um suor frio irrompeu em sua testa. Cara a cara com Dick McNish novamente. Ela fez tudo o que estava ao seu alcance para evitar sequer olhar para o homem nos últimos dois anos, e enquanto preferia morder o próprio braço do que ir a uma reunião com ele, os locais que confiavam nela o suficiente para juntar forças precisava dela.

— Apresentar uma frente unida, hein? — Ela meditou, ganhando tempo para tomar uma decisão. — Esse cara, o Warren estará lá? Você sabe de quem estou falando?

O casal sorriu um para o outro. — Nós sabemos.

— Ele é legal e tudo, mas entre você e eu, ele é um pouco insistente para o meu gosto.

Zeke beliscou o nariz e tossiu na mão, dando à Persia a impressão distinta de que ele lutava para não rir.

Valerie respondeu pelos dois. — Isso vai ser difícil, porque ele é quem propôs o plano.

— Sério? — Persia recusou. — Eu não achei que ele tivesse muito mais do que um rosto bonito e um corpo escultural.

Foi a vez de Valerie esconder sua diversão enquanto Zeke assumia o papel de palestrante. — Se fizer alguma diferença, eu pessoalmente garanto que ele se comportará melhor. E acho que você terá uma melhor impressão dele depois. Então, você vem?

Por mais que ela quisesse dizer não, ela não podia desistir. Sua paixão pelo mundo em que viviam dominou seu desejo de evitar olhar novamente nos olhos frios e mortos de Dick McNish. Olhando para o rosto de Zeke, ela o pegou encarando seu lobo antes de encontrar rapidamente seu olhar. Estranho, mas tudo sobre esse protesto era estranho.

— Ok, eu vou fazer isso.

CAPÍTULO SETE

Do banco de trás do SUV de Zeke, Warren olhou pela janela. O dia começou tão bem passando um tempo com sua companheira, mas Zeke e Val tiveram que aparecer e estragar tudo. Ele deu uma olhada neles e, com certeza, eles *ainda* estavam sorrindo. Cruzando os braços em um bufo, ele voltou para a janela. Uma visão do kudzu era um milhão de vezes melhor do que suas bundas presunçosas.

— Então, quanto tempo você planeja tentar derreter o coração dela como um lobo? — Zeke fez a pergunta, terminando com uma risadinha.

— Não, — Warren resmungou.

— Vai pedir um *osso* para ela no seu primeiro encontro? Entendeu? *Osso?*

— Val ainda alimenta você com ração? — Warren estalou. — Oh sim, eu ouvi *tudo* sobre isso.

— Levi do caralho, — Zeke rosnou, fazendo uma careta para a estrada enquanto Val dava uma risada.

O incidente da ração após o primeiro encontro viveria para sempre na infâmia, embora Warren tivesse convencido Levi, que testemunhou a coisa toda e mal podia esperar para compartilhá-la, para nunca contar a outra alma ou Zeke poderia estar com a cabeça no palito. Ainda assim, ele não

estava acima de usar a pequena pepita para sua própria vantagem.

— Olha, cara, eu estou do seu lado, — Zeke coçou a barba por fazer em seu rosto. — Tudo o que estou dizendo é que a mulher pode pensar que os lobos são fofos, mas como ela deve se apaixonar por você? Você está latindo na árvore errada, meu amigo.

— Ele está latindo na árvore certa, — Val corrigiu. — O problema é que ele está *latindo*.

— Foda-se a minha vida, — Warren gemeu baixinho e pressionou a testa quente contra o vidro frio. — Eu entendi. Eu só estou pegando o que eu posso no tempo que posso passar com ela. Você a ouviu. Ela nem *gosta* de mim tanto assim. Como diabos eu devo convencê-la de que ela é minha companheira?

Val virou-se no banco do passageiro para encará-lo. — Antes de tudo, pare de pensar em termos de 'sua companheira'. Ela não tem ideia do que isso significa. Isso vai foder com a mente dela, e eu digo isso como alguém que estava no lugar dela não faz muito tempo. Espere... — ela olhou para o companheiro, — são sapatos ou sandálias Birkenstocks?

Zeke bateu no volante enquanto ria. — Eles são uma abominação, se você me perguntar.

Val sorriu e revirou os olhos. — Tanto faz. O que quero dizer é que demorei um pouco para envolver minha cabeça em

todo o sistema shifter em geral, quando Chloe me explicou isso na faculdade. Caso contrário, eu teria me assustado totalmente quando conheci Zeke.

— O que você sugere então? — Warren estava desesperado por qualquer conselho que resultasse na Persia caindo de cabeça para ele.

— Não sei. Prepará-la para isso. Vá devagar. Trate ela com respeito. Talvez aprender o nome verdadeiro dela, porque... vamos lá, *Moonshadow?*

Isso colocou Zeke em outro ataque de riso. Ignorando seu alfa, bem como a sugestão de Val, Warren se inclinou para frente. — Como você reagiu quando Chloe contou a você?

— Hum, da mesma maneira que você faria se pegasse sua colega de quarto se transformando em uma sereia e se jogando no chão.

Warren acenou com a analogia. — Mas como ela te *contou*?

— Não me lembro dos detalhes sujos. Vi-a acidentalmente mudar e ela sentou comigo para explicar tudo.

— Que tipo de perguntas você fez a ela?

Val e Zeke trocaram um olhar sombrio, e Warren sabia exatamente o que eles estavam pensando um com o outro. *Pobre coitado.* Ele não se importou. Ele precisava de esperança e, naquele momento, Val era sua melhor chance.

— Eu tenho que ser honesta, Warren. A única grande questão que tive foi como ela conseguia fazer alguma coisa quando era capaz lamber sua própria vagina como um lobo.

Zeke quase os fez fazer xixi de tanto rir.

Warren estava longe de se divertir. — Vamos lá, pessoal. Estou voando cego aqui. Me digam isso. Quanto tempo levou para você, como você disse, envolver sua cabeça?

— Eu realmente não me lembro, — Val encolheu os ombros. — Uma semana? Talvez até seis meses para realmente aceitá-lo? Difícil dizer, foi há tanto tempo.

— Seis *meses*! Eu realmente me importo com essa mulher, mas não quero assustá-la tanto que ela acabe em um hospital psiquiátrico. Me ajude.

— Ei, eu apostaria um bom dinheiro que ela já acredita em alienígenas e fantasmas. — Val deu outro sorriso. — Você tem isso a seu favor. Talvez não seja difícil.

— Escute, Warren, — Zeke entrou na conversa, — só estou te enchendo o saco. Você é um cara muito bom. Você só precisa ir devagar e deixar que ela conheça o verdadeiro você, não apenas o imbecil. Mas não vá muito devagar, ou ela pensará que você não está interessado. Apenas a quantidade perfeita de devagar.

Warren revirou os olhos e recostou-se na cadeira. — Certo. Ótimo. Obrigado por nada.

Entramos nas terras da grande plataforma estrondosa da sede da McNish Development Corporation em Tremble. Todo mundo no bando odiava o local do brilhante trailer da nova construção, principalmente porque servia como um lembrete altamente visível de que McNish não estava indo a lugar algum.

Quando saíram do SUV, um rosto familiar chamou a atenção de Warren. E, a julgar pela maneira como as mãos de Zeke se fecharam em punhos, seu alfa também havia visto o homem. Randy Leeper, o idiota que atirou no braço do pequeno Hux com seu rifle de caça e quase matou Max, por acaso era o caçador de lobos-chefe de McNish. Ele até usava a camuflagem para provar isso, embora seu rifle de caça não estivesse em lugar algum. Ele *estava* com algo em suas mãos, mas era pequeno demais para ver.

Leeper ergueu os olhos quando eles se aproximaram e sorriu amplamente, como se estivesse dando boas-vindas a velhos amigos, e depois se dirigiu a eles. Zeke parou, ficando tenso e ficando um pouco peludo ao redor da gola. Não era hora de brigar no estacionamento, mas antes que Warren pudesse impedir Zeke de rasgar a garganta de Leeper, Val entrou na frente de seu companheiro.

Como ex-militar, Val seguiu a linha de comando à risca. Seu hábito de proteger seus oficiais superiores estava profundamente enraizado. Embora Zeke também fosse seu companheiro, ele era o alfa do grupo, e ela via como seu dever ser sua primeira linha de defesa. Dentro dos limites de seu relacionamento, eles eram iguais, mas no que dizia respeito à

alcateia, Zeke era o líder e ele precisava permanecer seguro. Warren se aproximou logo atrás de Val, caso algo de ruim acontecesse.

Quanto mais Leeper se aproximava, menos ele parecia querer brigar. Ele tinha uma espécie de olhar sonhador no rosto e quase flutuou na direção deles. Em vez de socá-la, ele puxou Val para um abraço lateral clássico, com um braço e estilo sulista.

Warren olhou para trás e viu Zeke fervendo ao ver um homem estranho – um inimigo para atacar – tocando sua companheira, mas antes que ele pudesse mudar e rasgar o idiota em pedaços, Leeper virou-se para Zeke e repetiu o abraço. Quando ele agarrou Warren para um abraço, todos se entreolharam confusos. Era algum tipo de tática subversiva? Os caçadores haviam tentado isso uma vez, mas Valerie havia apontado para que não fossem enganados. Mas isso... isso era estranho demais.

— Veja! — Randy começou com o entusiasmo de uma criança, liberando Warren e estendendo a mão.

Warren estava quase com medo de olhar. Seria bem o estilo de Randy ter algo letal que mataria todos eles em um instante. Mas uma olhada surpreendeu Warren mais do que os abraços.

Três pequenas flores amarelas estavam em sua palma grande e calejada. Um por um, ele passou uma flor para cada

um deles, sorrindo como se tivesse acabado de entregar as joias da coroa.

— Elas não são bonitas? — Sua voz estava cheia de admiração. — Eu vou encontrar mais.

Sem sequer olhar para eles, ele se virou e se afastou como uma mola que quase poderia ser confundido com pular. Eles o observaram por um longo momento antes de Val sussurrar: — Que porra foi *essa*?

— Lembre-se, Cassandra disse que o enfeitiçou para impedi-lo de caçar lobos, — Zeke murmurou baixinho, encarando o sujeito. — Talvez a semente que ela plantou tenha sido um pouco mais profunda do que ela esperava.

— Enquanto isso o mantiver fora das terras da alcateia, eu estarei feliz, — Warren murmurou e os outros concordaram com acenos solenes.

— Não fique muito confortável, — alertou Val. — Poderia facilmente ser algum tipo de ardil para nos fazer abaixar nossas guardas.

Soltando as flores na terra, o trio subiu os degraus da porta do reboque, Zeke na liderança. Ele abriu a porta com prazer, deixando-a bater contra a lateral do trailer – e, esperançosamente, estragando seu exterior brilhante. Uma mulher de meia idade se levantou e sorriu para eles.

— Boa tarde. — Seu tom era perfeitamente agradável, apesar de um lampejo de cautela brilhando em seus olhos. —

Vocês devem ser os, hum, os proprietários. Por favor, sentem-se em volta da mesa de conferência.

Zeke ignorou o braço estendido apontando para a mesa e olhou para ela. — Onde está o Dick?

Ela apertou os lábios com a grosseria dele. — Senhor McNish estará aqui em breve. Agora, se você apenas...

Zeke levantou a mão. — Está tudo bem, senhora. Vamos esperar a chegada da nossa advogada.

A mulher ficou rígida e depois assentiu, deixando-os sozinhos no trailer. O espaço foi montado com um punhado de mesas para vários trabalhadores, uma pequena lanchonete com uma cafeteira e as representações artísticas dos condomínios propostos que McNish quer construir em Wolf Woods. Eles se pareciam com todos os outros condomínios já construídos - estéreis e fortemente controlados. Nada como a natureza exuberante da floresta.

O putt-putt-putt de um pequeno motor a diesel parando no estacionamento fez o coração de Warren bater forte. Ela chegou. A qualquer momento, sua companheira entraria pela porta e a ponta de frustração como uma navalha se nivelou e lhe deu uma base mais firme, ele vinha andando na ponta dos pés desde o almoço.

Ele sentiu a tensão de Persia antes mesmo que ela abrisse a porta. Sorrindo um pouco brilhante demais, ela cumprimentou a todos enquanto entrava como se nada a

incomodasse. Warren não era fashionista, mas a roupa que ela vestia parecia vintage. Sua saia floral esvoaçante na altura da panturrilha terminava em meias listradas em rosa e amarelo vibrantes, dobradas em tamancos de couro marrom arranhados. Sua blusa roxa de camponesa oferecia uma deliciosa espiada em seus ombros, e Warren de repente se viu fantasiando em beijar aquele pescoço macio e cremoso, tanto quanto o tecido permitiria. Sacudindo a imagem de sua cabeça - por enquanto - ele não conseguia parar de sorrir ao seu estilo único. Provavelmente não é o que se esperaria de uma advogada, mas de alguma forma, ela se encaixou perfeitamente.

Persia passou por ele, seu doce perfume encheu suas narinas quando ela o ignorou e sentou-se perto da cabeceira da mesa. Todos seguiram o exemplo, Warren se estabelecendo diretamente em frente a ela. Ele queria estar perto, mas não a assustar. Ele também queria ter uma boa visão do rosto dela, não apenas porque era a coisa mais linda que ele já viu, mas talvez para que ele pudesse pegar pistas sobre o que a incomodava vendo suas expressões.

O problema era que ela mal levantou a cabeça dos papéis que tirou da maleta, quase como se estivesse evitando o olhar dele. O silêncio inquieto ficou mais desconfortável quando ela vasculhou alguns arquivos e os organizou ordenadamente na frente dela. Definitivamente algo estava incomodando-a. Ele queria perguntar o que. Ele queria abraçá-la e confortá-la. Dizer a ela que o motivo para ela estar nervosa daria certo,

desde que eles estivessem juntos. Mas ela não estava pronta. Ele sabia disso e odiava.

Quando ela finalmente levantou o rosto e o agraciou com seus deslumbrantes olhos bicolores, Warren pensou que ele havia morrido e ido para o céu. — Zeke e Val me disseram que isso foi ideia sua.

Tudo o que ele conseguiu fazer foi dar um aceno fraco.

— Bem, — ela continuou, endurecendo as costas até ficar reta, — bom trabalho. Este é exatamente o tipo de coisa que poderia salvar Wolf Woods.

O tom dela permaneceu neutro, como se elogiá-lo fosse a coisa mais difícil para ela, mas Warren sentiu como se tivesse acabado de ganhar um Oscar, ou melhor ainda, um Prêmio Nobel da Paz. O calor inundou seu rosto e ele coçou atrás da orelha esquerda, desconfortável.

— Hum, obrigado. Apenas, você sabe, fazendo minha parte.

Persia largou a pasta que estava segurando e se inclinou na direção dele, seu olhar fixado no dele e não o deixando ir. O que estava acontecendo dentro dela não tinha nada – ou pelo menos quase nada – a ver com ele, pelo o que ele podia sentir dela.

— Não, Warren. Eu realmente quero dizer isso. O plano que você montou... é bom. Muito bom. Você nos deu um poder de fogo sério e deveria se orgulhar.

A parede em seu olhar começou a desmoronar. Tijolo por tijolo, a distância que ela colocou entre eles diminuiu, revelando um desejo que Warren esperava que ela sentisse. No olho direito azul dela, ele viu uma vida de amor e riso até eles ficarem velhos, enrugados e mancando. Em seu olho castanho esquerdo, ele viu os filhotes mais fofos de cabelos crespos se tornarem membros sólidos da alcateia e tendo seus próprios filhotes. Emoção queimou a parte de trás de seus olhos enquanto ele procurava os dela para garantir que fosse real, mas antes que pudesse, passos soaram na escada de metal que levava à porta do trailer.

E as paredes sacudiram.

Warren piscou confuso, não apenas com a mudança abrupta, mas com a ansiedade saindo dela em plumas. Mas ele não teve tempo de entender. McNish estava a caminho, então ele teve que enterrar seus problemas, assim como ela. Quando a porta se abriu e McNish entrou, Persia se endireitou e voltou os olhos para os arquivos.

— Desculpem pelo meu atraso. — Ele exalava desonestidade e arrogância. Ele não parecia nem um pouco arrependido. Muito provavelmente, sua chegada tardia havia sido uma tentativa deliberada de expulsá-los do jogo. Para adicionar insulto a isso, ele nem se deu ao trabalho de olhar para eles enquanto se aproximava da mesa. Ele estava muito envolvido com seu telefone, ou pelo menos ele fingia estar.

Levantando os olhos brevemente, encontrou Zeke e inclinou a cabeça. O alfa olhou furioso, incapaz de controlar seu ódio pelo homem que foi responsável por quase matar dois membros do bando de Soren. A expressão de Val permaneceu tão dura e impassível como sempre, mas Warren sentiu sua raiva fervendo logo abaixo da superfície. Se o homem olhasse para Zeke de maneira errada, ela estaria nele como um tigre em uma presa ferida. McNish mal olhou para Warren, descartando-o como irrelevante, e então seu olhar pousou na Persia.

Piscando de surpresa, McNish abaixou o telefone e olhou para ela enquanto ela erguia o queixo desafiadoramente e olhava de volta. Warren teve apenas algumas interações com o homem, mas ele nunca imaginou que McNish revelaria seus verdadeiros sentimentos sobre qualquer coisa. No entanto, não foi preciso um leitor de mentes para ver o choque de McNish.

— Oh, — McNish riu, meio que engasgando. — Olá, princesa.

Sem perder o ritmo, Persia pronunciou as últimas palavras que Warren esperava.

— Oi, papai.

CAPÍTULO OITO

A tensão no trailer intensificou tanto que poderiam cortá-la com uma faca. Todas as células do corpo da Persia entraram no modo de defesa, como seu corpo fazia tantas vezes quando confrontadas com esses níveis insanos de constrangimento. Ainda assim, ela se recusou a desviar o olhar do pai primeiro. Pegando uma página de seu livro, ela não deixou que seus verdadeiros sentimentos aparecessem, por mais difícil que fosse. Não apenas para preservar sua reputação com seus novos amigos, mas também com seu pai. Por mais distorcida que fosse sua ética, ele era perspicaz. Ele sabia quais botões dela apertar, porque os colocou quando ela era criança. Mas ela não era sua doce princesinha há muito tempo.

Olhando para o velho que ele se tornou, Persia não via um pai amoroso. Ela via problemas. Ela via seu inimigo. Ela via vermelho. Os anos de batalha entre eles ainda não haviam sido resolvidos e provavelmente nunca seriam. Eles eram muito diferentes *e* muito parecidos. Teimosos, obstinados, implacáveis. Eles não parariam por nada até vencer, mas por razões muito diferentes. Persia lutava pela melhoria do planeta. Sua vida era centrada em sacrifício pessoal, enquanto o pai tratava de sacrificar qualquer um que se metesse no caminho. Eles eram diametralmente opostos, de pé teimosamente nos dois polos, olhando um para o outro através

de uma sala de tribunal ou de um canteiro de obras ou de uma mesa de reunião, desde sempre. Isso acabaria?

Provavelmente não. Pelo menos não até um deles morrer.

Seus amigos – se ainda a consideravam como uma – trocaram olhares confusos. Naquele momento, eles provavelmente pensaram que pedir ajuda a ela havia sido um erro, que ela era uma agente dupla ou algo assim. Compreensível. A pequena comunidade da montanha parecia muito unida, com muitos laços familiares. Eles não podiam entender como Persia poderia dar as costas ao pai e se tornar sua inimiga. Ela o amou uma vez, mas ele deixou muita destruição em seu rastro para que ela o respeitasse novamente. E não apenas ambientalmente.

Persia não precisou olhar em volta da mesa para saber que eles estavam questionando onde estava sua lealdade. Mesmo quando ela olhou para o próprio pai, os olhares chocados queimaram sua carne com suas suspeitas de que ela era uma traidora. Ou uma espiã. Algum tipo de célula adormecida, apenas esperando para atacar vítimas inocentes. Tal pai, tal filha. A maçã não cai longe da árvore. Filho de peixe...

Nada poderia estar mais longe da verdade, mas ela não podia dizer isso a eles. Não naquele momento. Não com *ele* sorrindo para ela, como se ela fosse uma criança fazendo uma cena que ninguém gostava, mas tinham que passar por aquilo para aumentar a confiança da criança.

Talvez ela devesse ter escapado da reunião, como estava tentada a fazer. Não porque encarar Dick McNish a assustava – não fazia. O que *realmente a* assustou foi o pensamento de Warren acreditar em sua suposição inicial. Depois de pesquisar sua proposta, ela percebeu o quão brilhante realmente era. Merecia ser apresentada, não apenas por Wolf Woods, mas ele merecia o direito. Naturalmente, ela esperava que seu pai estivesse irritado com isso, mas talvez a nova oferta e as evidências sobre o besouro fedorento o fizessem fazer a coisa certa pela primeira vez, por mais improvável que isso possa parecer.

Dick finalmente se sentou na cabeceira da mesa e esperou. Com todos os olhos fixos nela, Persia pigarreou e embaralhou os arquivos e a papelada à sua frente. Ela não estava lá para brincar. Não era uma sessão de aconselhamento familiar. Ela estava lá para fazer seu maldito trabalho. E por Deus ela iria fazer isso. Então, ela respirou fundo e deslizou diretamente para o modo advogada.

— Obrigada por participar desta reunião conosco, Pa... — ela tossiu para encobrir seu passo em falso. — Sr. McNish. Viemos de lados opostos da questão, sendo a questão o futuro e a preservação das terras locais, que carregam uma imensa quantidade de valor histórico, cultural e ambiental. A terra em questão não é apenas parte integrante da sobrevivência e dos meios de subsistência da comunidade local, mas a floresta também abriga outra criatura digna de preservação: o besouro

fedorento azul marmorizado, que é uma espécie protegida encontrada apenas nessas florestas.

— O... o *quê*? — McNish repetiu com uma gargalhada quando se recostou na cadeira. — Estamos aqui para conversar sobre um *besouro?* Sério?

A mandíbula de Persia se apertou involuntariamente enquanto ela olhava na direção do pai. — Sim. Mas não somos apenas nós que estamos preocupados em proteger essa espécie ameaçada. Tenho certeza de que não preciso informá-lo sobre como nosso governo tende a reagir em relação à preservação e proteção de tais espécies. Os tribunais quase sempre se posicionam a favor da defesa da natureza, principalmente quando uma espécie endêmica está em risco.

— Quase sempre, — ele respondeu. — Essas são as palavras chave, princesa.

— Eu não sou sua princesa, — ela retruca, deixando que seu ressentimento em relação ao pai a vencesse.

Não mais.

— Hmm, não mais, ao que parece. — Ele repetiu o pensamento dela. Ele cruzou os braços sobre o peito e olhou para todos com uma leve diversão. — Isso é o melhor que você conseguiu fazer? Não consigo construir casas que geram empregos e estimulam a economia local por causa de um *inseto?*

— Na verdade, assumimos que você não seria movido pela situação de uma espécie em extinção e de repente interromper toda a construção. — A voz de Warren derramou de seus lábios como melaço em um dia quente. Pelo menos esse é o efeito que teve no sistema nervoso dela, acalmando-a e aquecendo-a ao mesmo tempo.

— Então é isso? — McNish inclinou a cabeça, ignorando Warren e dando-lhe um olhar curioso.

— Isso mesmo, — continuou ela, folheando a pasta na frente dela. — Senhor Edgecomb aqui apresentou um plano alternativo para o seu desenvolvimento – um plano que beneficiaria igualmente os dois lados.

Ela deslizou uma pilha de fotos e papéis sobre a mesa para o pai e esperou enquanto ele os examinava. Sua sobrancelha franziu, e então seus olhos se arregalaram por um momento antes que ele se contivesse.

— Que diabos é isso, Persia? — Ele demandou.

— É uma oportunidade. É isso que é. A propriedade fica no local de uma fazenda de galinhas abandonada do outro lado da cidade e está no mercado há anos.

Dick parecia menos do que impressionado. — Essa é sua grande proposta? Uma granja velha e fedorenta?

Persia inclinou-se para o pai, não se preocupando em manter as aparências. Ela tinha que convencê-lo de que a proposta de Warren era a melhor solução para todos.

— Papai, me escute. A cidade apreendeu a propriedade há alguns anos por impostos não pagos. Liguei para eles e você poderia conseguir a terra por uma pequena fração do que Wolf Woods custará. Por mais terra! Isso *tem* que apelar para você.

Dick não reagiu, apenas continuou folheando os papéis e as fotos. Essa era sua estratégia preferida, mas Persia não queria dar tempo para ele pensar em uma maneira de recusar. Se ela continuasse pressionando os pros do plano de Warren, talvez...

— Você sempre fala muito sobre a construção de comunidades e economias locais. Essa é a chance perfeita de fazer isso. Pegue aquela terra para uma música e transforme-a de algo horrível em algo que as pessoas queiram ver. Wolf Woods permanece selvagem para turistas e moradores locais, bem como o besouro. Todo mundo ganha. Basta olhar para essas fotos, papai. Eu sei que você pode ver o potencial.

Ela conhecia o pai dela melhor do que qualquer um na sala, mas mesmo Persia não conseguia ler o rosto dele. O conceito era sólido, mas ele tinha uma veia teimosa que ela herdou.

— Eu acho que agora você quer um pouco de publicidade positiva, Sr. McNish. — O aviso de Warren chamou sua atenção por um momento.

Ela amava sua paixão, mas seu pai não gostaria de ser lembrado da má imprensa com a qual ele estava lidando

ultimamente. Estranhamente, porém, ele não parecia incomodado.

— Isso é notícia velha, filho. As pessoas têm uma atenção curta nos dias de hoje. Amanhã, alguma celebridade aleatória será presa por dirigir bêbado e eu serei esquecido.

— Você tem certeza disso? — Zeke zombou.

Persia o avisou com um olhar silencioso e Val colocou a mão firmemente em seu braço. Ele precisava se controlar. Não adiantava tentar começar uma briga. Seu pai simplesmente se afastaria se Zeke continuasse pressionando. Então eles voltariam aonde começaram.

— Imagine a boa vontade e a confiança que você ganharia na comunidade se você assumisse o rancho de frango e o transformasse em algo bonito, — continuou Persia. — Um marco amado permaneceria para as gerações futuras, além de você economizar uma tonelada de dinheiro na terra.

— Claro, — admitiu o pai, — mas isso exigiria mais trabalho, o que significa contratar mais pessoas.

— Perfeito, — Val acrescentou. — Mais empregos para os habitantes locais equivalem a ainda mais boa vontade.

— E em um nível mais pessoal, — disse Persia, — você não precisaria mais lidar com meu grupo de protesto. Tenho certeza de que você gostaria da chance de remover esse espinho em particular do seu lado.

— Além disso, você pode começar a construir imediatamente, — acrescentou Warren.

McNish apertou os lábios enquanto olhava para uma foto do rancho, absorvendo tudo com os dedos na frente dele. Persia não pôde deixar de prender a respiração enquanto esperava o próximo passo. Por um breve momento, ele parecia estar realmente considerando a proposta de Warren. Ela deveria saber melhor.

Recostando-se na cadeira, ele deu um sorriso presunçoso para a filha e deu-lhe um aplauso lento e paternalista. — Muito bem, princesa. Bem feito. Um esforço e tanto.

Fúria e humilhação arderam nela por pensar que ele poderia realmente considerar qualquer coisa que ela trouxesse para a mesa. — Este não é um projeto de escola, Sr. McNish. Não quero ou preciso da sua aprovação. O que eu *quero* é uma resposta a esta proposta muito séria.

— Mmm hmm. Claro. Sim. Muito séria.

Ninguém poderia irritá-la como seu pai cruel e condescendente. Fechando a pasta rapidamente, ele a deslizou sobre a mesa como se não pudesse afastá-la o suficiente. Ele fez um aceno de cortesia para Warren.

— Bom esforço, mas sinceramente, gosto muito mais do meu plano original. Realmente, quem quer morar na Gizzard Road ou na Chickenshit Lane[4]? Eu sei que eu não!

Ela entrou na reunião suspeitando que ele a mandaria embora só por princípio, mas ela ainda tinha mais uma carta para jogar.

— Eu sei de outra coisa que você não vai querer, Sr. McNish. Se você não desistir de seus planos para Wolf Woods e mudar para o rancho de frango, amanhã de manhã, entrarei com uma liminar contra a McNish Development Corporation em nome do besouro fedorento azul marmorizado protegido. E será um juiz *federal*, papai. Não um juiz de condado ou estado que você pode subornar com seu dinheiro sujo.

Uma veia no fundo do pescoço de seu pai pulsou rapidamente, quase imperceptível na superfície, mas ela reconheceu isso como um sinal. Ela o tinha na palma da mão. Mas assim que apareceu, desapareceu, substituído por seu sorriso mais típico quando ele se levantou. Estendendo a mão, ele deu um tapinha na cabeça da Persia como se ela fosse algum tipo de filhote bem-comportado.

— Isso mesmo, princesa. Ponha o seu diploma em direito pelo qual paguei para trabalhar.

[4] Estrada da Moela ou na Avenida Merda de Galinha

CAPÍTULO NOVE

Warren sentiu um desejo avassalador de pular nas costas de Dick McNish e rasgá-lo em pedaços enquanto o observavam sair do trailer. Assassinar o pai da sua companheira provavelmente não era a melhor maneira de convencer Persia de que eles estavam destinados a ficar juntos. Além disso, o cheiro da raiva de seus companheiros de alcateia para Persia desviou sua atenção da bola de gosma saindo.

Um a um e sem uma palavra, eles saíram do trailer, incapazes de tolerar permanecer nos confins de um trailer cheio do cheiro desagradável de McNish. Eles chegaram bem a tempo de assistir o imbecil saindo do estacionamento no seu BMW, lançando para eles um movimento arrogante de dedos pela janela.

Assim que ele sumiu de vista, Val girou sobre ela. — Que *porra* foi essa?

— Eu sei, — Persia fez uma careta, como se estivesse esperando sua ira e merecendo recebe-la.

— O que aconteceu com Moonshadow, Srta. *McNish*? — Zeke rosnou.

— Esse é apenas o meu nome de manifestante, — ela tentou explicar, claramente ansiosa para que eles acreditassem nela. — Ninguém usa seus nomes reais.

Warren queria acreditar nela, mas como ele podia? Seu lobo insistia que ela nunca foi desonesta, mas sua metade humana não concordava. Não era como se ela tivesse mentido sobre seu peso ou o quão rápido ela poderia digitar. Essa era uma grande omissão, que abalou sua própria fé nela.

— Tudo bem, mas você ainda deveria ter nos dito que ele era seu pai, — insistiu Val. — Por que você mentiu?

— Ela é advogada, lembra? — Zeke estalou, como se isso explicasse tudo. Val fungou com nojo mascarado com diversão.

— Precisamos dar a ela uma chance de se explicar. — Warren surpreendeu a todos, inclusive a si próprio. Ele não a estava defendendo exatamente. Ainda não, pelo menos. Lançando um olhar duro para ela, ele exigiu: — Então, explique.

Persia suspirou. — Eu uso Moonshadow para me encaixar com os outros manifestantes e... — Ela mordeu a bochecha por um segundo, como se estivesse debatendo se deveria admitir tudo. — E para impedi-los de saber que ele é meu pai. Se eles soubessem...

— Eles não confiariam em você? — Zeke terminou, arqueando uma sobrancelha irônica para ela.

A pele clara de Persia ficou rosa enquanto ela lutava para encontrar as palavras necessárias para incitar a confiança do resto deles. Ela estava encurralada em um canto, e ele odiava isso. O destino os uniu, de uma maneira estranha, talvez, mas

a ação estava feita. Persia era sua companheira predestinada, e nada e ninguém jamais seria capaz de convencê-lo do contrário. Mas seu principal dever era proteger o bando, não importa o quê. No entanto, ali estava sua companheira, filha do inimigo mais perigoso.

Ele deveria ter percebido a verdade. Os lobos eram conhecidos por ser farejadores, e ele deveria ter captado o perfume familiar entre Persia e Dick. Talvez fosse o patchouli que se agarrava a ela como o fedor de um gambá. Talvez fosse o fato de incenso cobrir a conexão melhor do que perfume. Talvez tenha sido negação da parte dele. Ele não sabia ao certo, mas não podia ignorar os sentimentos de traição que o consumiam.

A verdade era que Warren sabia mais sobre a Persia do que Zeke e Val – e provavelmente até McNish. As conversas de mão única quando ele estava em sua forma de lobo haviam provado que ela realmente queria parar o pai. É claro, Zeke argumentaria que ela poderia facilmente estar ciente da verdadeira natureza da alcateia e estar alimentando o querido papai com todas as informações que pudesse.

— Como sabemos que você não está falando para seu pai tudo o que pode sobre nós? — Zeke rosnou.

Warren sentiu uma dor de cabeça chegando. — Zeke, ela não é... — começou, mas Persia o interrompeu, seus olhos brilhando com lágrimas não derramadas.

— Você tem que acreditar em mim.

— É aí que você está errada, — Zeke a interrompeu.

— Ei pessoal!

Todos congelaram no meio da frase, girando lentamente ao som de botas pesadas batendo no asfalto. Randy Leeper correu na direção deles, segurando algo em seus braços. Provavelmente outro buquê de flores silvestres. Ele tropeçou até parar na frente deles e estendeu as mãos, sorrindo orgulhosamente.

— Miau? — Um pequeno gatinho cinza enfiou a cabeça sobre os dedos de Randy e mordeu seu polegar adoravelmente.

Val e Zeke encararam o gatinho como se nunca tivessem visto um gato antes. Certamente, eles nunca tinham visto um idiota assassino se transformando em um bebê de qualquer maneira.

— Onde você encontrou... — Val perguntou e depois parou quando um motor a diesel ligou atrás deles e o cheiro de pipoca encheu o ar.

Embora ainda não tivessem se acasalado, Warren sentiu a angústia de Persia pela situação. Não era de admirar que ela tivesse escapado assim que Randy os distraiu. No momento em que todos se viraram para onde ela havia estacionado, sua Westfalia estava saindo do estacionamento, deixando o cheiro de um saguão de cinema em seu rastro.

— É claro que ela usa biodiesel, — Zeke bufou.

— Bem, merda, — disse Val. — Vamos persegui-la, ou o quê?

— Não faz sentido, — Zeke respondeu, indo para o SUV com os punhos cerrados.

As portas bateram e logo eles estavam voltando para casa, a raiva de Zeke dominando todos eles. Não era como se Warren tivesse o prazer de saber as notícias sobre a ascendência de Persia, mas a reação de Zeke e Val era injustificada, considerando toda a ajuda que a Persia havia oferecido.

— Você sabe, nós poderíamos ter conseguido mais informações sobre ela e o pai dela se vocês dois não tivessem pulado na garganta dela assim, — ele empurrou as palavras por entre os dentes.

— Desculpe? — Zeke lançou lhe um olhar arrepiante no espelho retrovisor.

Seguindo a tradição, Warren fez uma careta de volta ao seu alfa. Ele não estava disposto a recuar no que dizia respeito a sua companheira. Não, ele não gostou do fato de ela ter escondido uma informação vital deles, mas fatos eram fatos. Persia era sua companheira e ele sentiu que ela não estava sendo uma agente dupla.

— Vocês dois agiram como se ela fosse o próprio McNish.

— Isso é porque ela *é* uma McNish, idiota, — Zeke rosnou, retornando seu olhar ardente de volta para a estrada. — Tudo o que ela fez até agora não importa, ela ainda é filha dele. Esse

é um vínculo profundo de alma, Warren. Não podemos mais confiar nela. Inferno, eu não sei se posso confiar em você, já que você acha que ela é sua companheira.

A lealdade de Warren nunca havia sido posta em dúvida. Nunca. E ele não estava disposto a permitir isso agora.

— Como você pode me dizer isso, Zeke? De todas as pessoas. Depois de tudo o que passamos?

Os ombros de Zeke caíram e ele suspirou. — Bem. Eu confio em você na maior parte das vezes, mas vamos lá, cara. Você pensou que Chloe era sua companheira por anos. Veja como isso acabou.

— Eu estava errado antes. Não estou errado agora.

— Claro... — Zeke resmungou.

Os dentes de Warren pareciam estar se despedaçando em pedaços pela força com que ele apertou sua mandíbula. — Entendo sua hesitação, mas não acho que Persia seja minha companheira, Zeke. Eu *sei* e gostaria de receber um pouco de apoio. Assim como eu te apoiei quando você decidiu que uma humana aleatória era *sua* companheira.

Francamente, não teria surpreendido nem um pouco Warren se Zeke tivesse encostado para que eles acertarem as contas no acostamento. Mas, em vez disso, Val reprimiu um sorriso divertido com toda a testosterona que passava pelo SUV e Zeke lançou lhe um olhar de advertência no espelho.

— Você tem sido uma versão beta boa e fiel, Warren, então eu vou deixar essa passar. Não force.

Warren sabia quando calar a boca. A política da alcateia era mais do que apenas hierarquia. Para um bando sobreviver, todos os membros tinham que trabalhar dentro de uma hierarquia muito específica. Ser rude com o alfa – mesmo quando você era o segundo em comando – poderia garantir que a sua bunda fosse completamente chutada. Se algum outro membro da alcateia estivesse com eles, Warren teria enfrentado uma reação mais dura por sua piada. Foi uma prova do respeito de Zeke por seu beta que lhe deu alguma liberdade.

— Independentemente do que você pensa sobre ela, Warren, estou encarregado de proteger o bando e não vou ser pego de surpresa por McNish novamente. Até que eu tenha provas de que posso confiar nela, ela pode ser a própria McNish.

Isso não parecia promissor. — Alguma ideia sobre o que pode ganhar sua confiança?

— Somente quando ela prometer sua lealdade à alcateia é que eu confiarei totalmente nela. Mas primeiro, como você tem certeza de que esta é sua companheira, terá que dar a ela a mordida de reinvindicação e transformá-la em uma de nós. Faça isso, e podemos conversar sobre nossos problemas de confiança novamente.

— M-mas... — Sua cabeça girou entre Zeke e Val. — Ela nem sabe o que somos.

Zeke encolheu os ombros. — Não é problema meu. Se você quer que eu confie nela, a bola está na sua quadra.

Warren recostou-se no assento e olhou pela janela enquanto o cenário passava como um borrão. Quando Zeke descobriu que Val era sua companheira predestinada, ele teve uma vantagem que Warren não tinha. Val sabia sobre lobisomens há anos quando eles se conheceram. Persia era tão ignorante quanto a maioria dos outros seres humanos. Lobisomens eram coisas de filmes e folclore, não a realidade escondida à vista de todos.

Como uma mulher reagiria não apenas a saber a verdade, mas também saber que estava destinada a ser a companheira de uma criatura tão mítica? Não muito bem, ele imaginou. Ele teria que ir devagar, mas rápido o suficiente para que Zeke confiasse nela antes que fosse tarde demais. Seria um equilíbrio delicado.

O SUV passou rapidamente pela entrada de Wolf Woods ao longo da estrada florestal. A van da Persia estava estacionada perto do parque de campismo e seu coração disparou um pouco por ela não ter retornado à casa da Trina. Procurando por orientação, ele pensou por um momento e depois assentiu.

Ele sabia o que tinha que fazer.

CAPÍTULO DEZ

Que dia de merda. Primeiro, ela tinha acordado em um lugar estranho com uma dor de cabeça que podia derrubar um elefante e depois tudo foi ladeira abaixo. Por um minuto, ela pensou que as coisas começaram a melhorar. Então seus novos amigos locais – seus *únicos* amigos, ela percebeu enquanto olhava ao redor do círculo de hippies de mãos dadas enquanto eles colocavam suas queixas a seus pés – se voltaram contra ela. Sem dúvida, eles tinham todos os motivos para desconfiar dela, mas ela esperava que seu trabalho para salvar a floresta que eles amavam, lhe desse alguma importância.

Aparentemente não.

Pessoas de quem ela realmente *gostava* gritando com ela já era ruim o suficiente, mas então a merda realmente atingiu o ventilador quando ela entrou no acampamento.

— Juntei esse círculo porque precisamos resolver algumas coisas, — anunciou Leaf, aparentemente o líder desse pequeno — círculo da paz.

Cada manifestante de mãos dadas em círculo na floresta, olhando para ela como se ela tivesse matado um filhote ou algo assim.

— Fala sério, gente, — ela começou, mas Leaf levantou uma colher de pau.

— Não é a sua vez de segurar a verdade, Moonshadow. Ou devo dizer, senhorita McNish.

Bom Deus, esse dia nunca terminaria? — Quantas vezes tenho que lhe dizer? É *Persia.*

Enquanto Leaf falava sobre como Persia havia ferido seus preciosos sentimentos – deixando de fora o fato de que ele era um perdedor e um aproveitador – ela fez o possível para conter suas emoções rapidamente em espiral. É claro que qualquer dia em que ela tivesse que enfrentar seu pai imbecil estava automaticamente condenado. Ela já havia desistido da esperança de qualquer tipo de interação significativa com ele. Ele era muito cruel, muito egoísta, muito... demais. Eles nunca se olhavam nos olhos, o que era algo que ela seria capaz de aceitar e passar por cima se ele não fosse tão deliberadamente insensível.

Outros podem não entender, mas cortá-lo da vida dela parece certo. Não tinha sido fácil e, honestamente, demorou muito tempo, mas ela estava confortável com sua decisão neste momento de sua vida. Não era seu trabalho trazê-lo para o lado certo, e era um esforço inútil de qualquer maneira. Ele não tinha mais alma para apelar. Foi substituído por pilhas e pilhas de riqueza. Ele pode ter todos os dólares para contratar pessoas para cuidar dele na velhice, mas elas não vão se *importar* com ele. Não é como família. Mas esse era o destino que ele escolheu para si mesmo.

Leaf passou o — bastão da verdade — para Summer, que estava ao lado dele com lágrimas perfeitamente brilhantes em seus grandes olhos azuis. — Minha verdade é que estou me sentindo muito vulnerável. E sob ataque. Por você, Persia. Por você e suas mentiras. — Ela fungou.

— Oh, bom Deus, — Persia murmurou, deixando cair a mão de Leaf para beliscar a ponte do nariz.

— Obrigado por compartilhar sua verdade, Summer. — Declarou Leaf, lançando um olhar de justiça para Persia e agarrando a mão dela com força.

Summer enxugou os olhos e passou a colher para Toby, que começou um discurso aparentemente interminável sobre honra e confiança e algo sobre a deusa lua.

Nada desse absurdo importava, não comparado ao modo como seus amigos a olharam. Um em particular. Ele não a acusou de traição como Zeke e Val, mas a confusão e a dor em seus tristes olhos azuis quase a rasgaram em duas. Era por isso que ela não usava mais seu nome legal, exceto quando necessário. As perguntas, os olhares, as acusações silenciosas eram demais para suportar. Ela pensou em mudar legalmente, mas a ideia de assinar documentos judiciais como Persia Moonshadow era quase tão impensável.

Quem sabia como isso tinha acontecido? A notícia de sua linhagem se espalhou como fogo e, antes mesmo de voltar ao acampamento, todos os manifestantes ouviram as notícias e

exigiram que ela se juntasse a um círculo de paz. As pessoas continuaram chegando.

— Eu acho que é realmente muito nojento que você finge se preocupar com o meio ambiente, quando na verdade você está apenas tentando chamar a atenção do seu pai ou o que quer que seja, — Rustle disse, puxando Persia de seus devaneios.

— Sério, Rustle? Você realmente acha que eu estou fazendo isso por *ele*? Dick McNish não tem um inimigo maior que eu.

— Mais uma vez, Moonshadow, você tem que esperar sua vez de segurar o bastão da verdade, — interveio Leaf.

— Persia! — Ela gritou no topo de seus pulmões, fazendo todos pularem um pouco.

Respirando fundo, ela se concentrou em conter sua raiva desses idiotas por questionar sua ética. Professores de psicologia da faculdade de nível inferior teriam dito a ela que sua raiva era simplesmente projeção, mas ela não os ouviu na época e não estava prestes a começar agora. Eventualmente, a pessoa ao lado dela terminou seu pequeno discurso – que era o mesmo que todos os outros – e passou o "bastão da verdade" para ela.

— Minha vez, hein? — Ela olhou para cada idiota parado naquele maldito círculo. — Antes de tudo, deixe-me lembrá-los de que, se não fosse por mim, nenhum de vocês estaria aqui

agora. *Fui eu* quem organizou esse pequeno grupo de alunos que abandonaram o ensino médio e adolescentes entediados. *Fui eu* quem encorajou todos vocês a se importarem com mais do que apenas fumar maconha e brincar com seus didgeridoos[5] e seus footbag[6]. *Fui eu* quem lhes ensinou tudo o que está em jogo se não lutarmos para proteger nosso planeta. *Fui eu* quem lhes mostrou como transformar sua falta de ambição em algo significativo. *Fui eu* quem uniu todos vocês, que mantém essa operação em funcionamento.

— Agora, espere só um minuto... — Leaf tentou intervir, mas Persia balançou a colher de pau na cara dele. — Uh, uh, uh, eu estou com o bastão da verdade agora e estou falando a porra da minha verdade. — Leaf pressionou seus lábios em uma linha fina e dura e, para seu crédito, calou a boca. — Eu *nunca* vou desistir de lutar por este planeta. Não importa contra quem eu tenha que ir. E sim, isso inclui meu pai. Fiz o suficiente para provar a todos que estou do lado certo, que estou fazendo boas coisas por este mundo. E se vocês não gostam do fato de eu estar relacionada a esse sociopata, então, francamente, todos podem ir se foder, seus pseudos hippies!

Ela segurou a colher contra o corpo e soltou-a, embora o efeito fosse menos do que satisfatório. Leaf se afastou quando ela saiu do círculo, mordendo a parte interna da bochecha para

---

[5] Instrumento de sopro aborígene australiano na forma de um longo tubo de madeira, tradicionalmente feito de um galho oco, que é soprado para produzir um som profundo e ressonante, variado por acentos rítmicos de timbre e volume.

[6] Uma bola de tecido do tamanho de uma bola de tênis com areia dentro, muito utilizada no EUA como recreação individual ou em grupo.

não chorar. Cada célula de seu corpo fervia de raiva. Principalmente de si mesma.

Os manifestantes do acampamento não mereciam o peso de sua raiva. Sim, os seus novos hábitos às vezes irritavam-na, mas eles eram gentis, pessoas amáveis que estavam pelo menos tentando fazer a coisa certa. Alguns eram mais espertos que outros, e alguns eram idiotas totais. O problema era que eles não conseguiam enxergar além do nariz. Eles não perceberam que a guerra que ela estava travando não era apenas sobre Wolf Woods. Tratava-se de parar o reino de terror de seu pai. Mas seus corações estavam geralmente no lugar certo.

No entanto, o dela parecia ter se desviado.

Seus pensamentos se voltaram para Warren, todo suado e provocante quando ele manobrou uma folha de madeira compensada na posição de meio caminho acima de uma árvore gigante. Sem medo, sem hesitação, apenas ação. E gostosura. Toda a gostosura!

Galhos chicoteavam por sua bochecha e arbustos espinhosos puxavam a carne de suas panturrilhas enquanto ela caminhava mais fundo na floresta, indo para o único lugar onde ela se sentiria segura novamente – a clareira. A dor era uma distração bem-vinda da profunda dor que sentia por Warren.

O sol ainda iluminava a clareira quando ela tropeçou nela, encontrando seu animal favorito no mundo sentado em

um círculo de luz. O rabo dele bateu com a aproximação dela, e a tensão em seu corpo se iluminou e flutuou na brisa suave.

— Ei, lindo. — Ajoelhou-se na terra macia e acariciou sua enorme cabeça.

Ele acariciou a mão dela e deitou-se de lado, fazendo Persia soltar uma risada. — Ok, entendi a dica.

Ela deitou-se perpendicularmente ao lobo e descansou a cabeça nas costelas dele, uma sensação de calma fluindo através de seu corpo com cada respiração suave que ele dava. O céu no alto a lembrava dos olhos de Warren, um tom perfeito de azul. Ela suspirou pesadamente e agarrou uma das patas dianteiras do lobo na mão. Ela segurou-a gentilmente, seu polegar cavando entre as almofadas e massageando o espaço entre elas. O lobo gemeu de prazer.

— Você *não* acreditaria no dia que eu tive desde o almoço. Lembra daquele casal que veio aqui mais cedo e me pediu para participar da reunião com Dick McNish? Bem, eu posso ter omitido que ele é meu pai.

O lobo fungou alto, como se o nome de seu pai o afetasse. — Eu sei. Eu sei. Eu sou uma idiota. Eu deveria ter dito a eles antes. Então talvez eles não tivessem me acusado de ser uma traidora. Queremos a mesma coisa e eu simplesmente amo como eles são, em comparação com o resto do meu alegre grupo de lunáticos. Agora eles não confiam em mim, e eu não posso culpá-los. A pior parte – e eu não posso admitir isso para mais ninguém além de você, meu doce amigo – a pior parte foi

ver a traição nos olhos de Warren. Não sei porquê. Quero dizer, eu mal conheço o cara, mas... eu realmente odeio a ideia de decepcioná-lo.

Ela se virou para olhar o lobo, como se ele realmente entendesse o que ela estava dizendo. — Warren é um cara nativo gostoso que está me ajudando com minha plataforma na árvore. Você acredita que eu pensava que ele era apenas um colírio para os olhos? Não. Ele também tem cérebro. Ele elaborou um plano brilhante que eu tinha certeza de que meu pai iria seguir. Economizar dinheiro, comprar a boa vontade com os habitantes locais seria um caminho mais fácil para ele. Mas ele teve o bom senso de ver os benefícios? Não o meu pai. Teimoso demais. Acho que a maçã não caiu muito longe da árvore, afinal.

Olhando para o céu, ela bufou. — É claro, eu tirei a minha bunda de lá assim que todos me acusaram de traí-los. Então voltei para o acampamento e encontrei todos *lá* bravos comigo. Não tenho ideia de como as notícias se espalharam tão rápido, mas todos pensam que eu os traí também. De fato, esse idiota Leaf convocou um círculo de paz para exaltar todos os nossos sentimentos.

O lobo levantou a cabeça e deu-lhe um olhar curioso.

— Aconteceu o que você esperaria. Todos se revezaram, desabafando sobre o saco de merda horrível e mentirosa que eu sou. Mas chegou a minha vez no final. — Suas bochechas coraram com o que ela disse. — Infelizmente, eu fui meio idiota

com eles. Eles não são todos ruins. A maioria tem intenções nobres e não mereciam eu tê-los rasgados assim. Eu deveria ter sido mais paciente, mas depois do dia que tive... eu simplesmente não tinha paciência sobrando. Então, eu vim aqui para vê-lo.

O lobo começou a ofegar, oferecendo-lhe a outra pata para uma mini massagem.

— Não sei, talvez isso seja uma perda de tempo. Talvez eu devesse encontrar alguma outra causa pela qual lutar. Não tenho dúvidas de que todos do meu grupo se arrumariam de bom grado e sairiam logo de manhã – talvez antes mesmo de eu voltar. Isso seria um bom castigo para mim por como eu falei com eles. Honestamente, perdê-los não doeria a metade do que a dor de perder o pessoal da vila Soren. Se eles me abandonarem por causa de quem transou com minha mãe, é quando saberei que eu falhei.

O lobo gemeu e se aproximou para lamber sua bochecha.

— Eu sei. É deprimente como o inferno. Mas, a julgar pela irritação do prefeito, não vejo como eles confiarão em mim novamente. Então, pergunto novamente, por que me preocupar? Posso muito bem fazer as malas e seguir em frente para lamber minhas feridas.

Com isso, o lobo saiu de baixo dela, fazendo com que sua cabeça caísse na grama. Quando ela se apoiou nos cotovelos, ele se sentou a uma curta distância, olhando-a intensamente. Quase como se ele estivesse tentando lhe dizer alguma coisa.

Quando ela se aproximou dele, ele deu dois passos para trás e sentou-se novamente, o mesmo olhar quase decepcionado em seu rosto.

— Ei, foi algo que eu disse? — Ela tentou se aproximar novamente, mas novamente ele se afastou, sempre nivelando aquele olhar duro nela.

Ela se contorceu sob seu escrutínio até que se tornou desconfortável. Se ele fosse humano, ela poderia ter pensado que ele a estava julgando por pensar em se afastar da briga com o pai. Obviamente, seu subconsciente estava trabalhando horas extras.

— Ei, depois das últimas 24 horas, ganhei o direito de me sentir desencorajada, — ela choramingou defensivamente.

O lobo permaneceu imóvel, seu olhar a queimando com vergonha.

— Tudo bem, você está certo, ok? Eu sei disso. Duh! Não vou desistir só porque tive um dia ruim e cheio de drama. Se esses manifestantes forem embora pela manhã, foda-se. E foda-se os Sorens também. Foda-se qualquer um que pense que não posso impedir que meu pai espalhe sua ganância maligna por esses belos e intocados bosques.

A determinação zumbiu através dela, energizando-a com uma nova resolução. Ela não precisava da ajuda de ninguém. E talvez se Warren – er, toda a vila Soren – visse o quanto ela estava trabalhando para impedir seu pai, eles pudessem

começar a confiar nela novamente. Sentada, ela sorriu para o amigo lobo.

— Eles podem questionar minhas motivações o quanto quiserem. Ainda vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para detê-lo, para manter essa floresta selvagem. Vamos começar pelo começo, no entanto. Preciso voltar e terminar minha plataforma. Então eu vou dar entrada nessa liminar amanhã pela manhã. Depois disso, é apenas um jogo de espera, então acho que vou ficar deitada na minha... casa na árvore.

Uma imagem de Warren batendo nos pregos da plataforma surgiu em sua cabeça espontaneamente. Seu sorriso, seu bíceps tonificado, sua natureza gentil e generosa. Ela nunca conheceu alguém como ele. Talvez um dia ele pudesse perdoá-la. Caso contrário, ela sobreviveria, mas a vida iria ser muito mais chata.

Pondo-se de pé, Persia colocou as mãos nos quadris, estilo Mulher Maravilha, e sorriu para o lobo. — Marque minhas palavras, amigo. Não vou descer dessa árvore até ouvir que Wolf Woods permanecerá selvagem.

Ele latiu em aprovação e depois trotou na direção oposta ao acampamento, como se fosse isso que ele estivesse esperando ouvir o tempo todo.

CAPÍTULO ONZE

Warren estava sentado na plataforma da casa da árvore, os últimos raios do pôr do sol laranja aquecendo os músculos do seu peito e dos braços nus, enquanto fixava uma grade baixa. A pequena casa na árvore estava se formando para parecer adequada e útil, com espaço suficiente para duas pessoas se deitarem confortavelmente. Ele limpou o suor da testa e olhou para o acampamento, encontrando uma figura ruiva familiar caminhando pela clareira em direção a sua árvore.

Bem na hora.

Ninguém jamais saberia, mas Warren provavelmente estabeleceu um recorde de quão rápido um lobo podia correr pela floresta de volta ao acampamento, através de um atalho. Ele pulou nas calças de trabalho enquanto se dirigia para a árvore escolhida por Persia, mas não se incomodou com a camisa. Depois que soube que ela gostava da aparência dele, ele se perguntou se poderia passar a vida toda sem camisa apenas para impressioná-la. Provavelmente não, mas construir sua casa na árvore era uma desculpa perfeita.

Nenhum dos outros manifestantes tentou impedi-lo de voltar ao trabalho, mas todos estavam ocupados demais discutindo as últimas fofocas sobre Persia para se incomodarem em se juntar a ele. Ele mal recuperou o fôlego

antes de ouvi-la progredir através da floresta. Movendo rapidamente a grade rudimentar para o lugar, ele começou a pregar como louco até que ela apareceu.

Parando na base da árvore, ela olhou com surpresa de olhos arregalados. — Warren?

Sua voz soou como um sussurro de esperança em uma noite fria e escura. Isso partiu seu coração.

— Ei, por que você demorou tanto tempo, Red? Imaginei que eu teria um apartamento aqui quando você decidisse ajudar.

Um robalo não poderia ter feito uma melhor expressão de peixe fora d'água, a boca abrindo e fechando sem que nada saísse, exceto alguns grunhidos. Com um aceno confuso de cabeça, ela amarrou uma corda solta à alça de sua pequena caixa de ferramentas e puxou a outra extremidade da corda.

— Eu subindo! — Ela gritou depois que ele pegou a caixa de ferramentas. Ela ignorou os olhares desconfiados, zangados e magoados dos outros enquanto subia no cinto, que ele deliberadamente deixou no chão para ela.

Quando ela alcançou o galho da árvore, ele estendeu a mão para içá-la na plataforma com ele. Os olhos dela se fixaram no torso largo e brilhante e ele fingiu não perceber. Ele não conseguia impedir que um sorriso brincasse em seus lábios, então ele rapidamente voltou para a grade antes que ela o pegasse rindo.

— Eu não queria começar essa conversa gritando com você, mas o que você está fazendo aqui? Não me interprete mal. Estou feliz, mas depois do que aconteceu mais cedo, não achei que alguém da sua aldeia estivesse mais interessado em me ajudar.

Ele encolheu os ombros enquanto martelava um prego na grade. — Tenho que admitir que não sou fã de mentiras. — Quando ela abriu a boca para protestar, ele levantou a mão para detê-la. — Sim, sim, você não mentiu. Vou reformular, advogada. Não gosto que você mantenha segredo de algo tão grande assim de mim... *de nós.*

Porque companheiros não guardam segredos, ele pensou, mas conseguiu engolir as palavras. Eles tinham muito terreno a cobrir antes que pudessem ser tão abertos um com o outro. Eles chegariam lá, ele sabia em sua alma, ele só precisava permanecer paciente.

— Eu gosto de pensar que sou um bom juiz de caráter, — continuou ele, olhando por cima do ombro e pegando o olhar dela percorrendo suas costas. Sua pele clara não tinha chance de esconder seu constrangimento. — Tenho certeza de que você teve seus motivos para esconder sua conexão com McNish, mas algumas pessoas na minha alca... — Ele cobriu o deslize com um espirro falso e continuou. — Algumas pessoas na minha vila não veem exatamente dessa maneira. Eles se perguntam sobre o quanto você é dedicada à sua causa.

O rosa das suas bochechas deram lugar a um vermelho, manchando seu pescoço e seu peito, onde desapareceu sob sua blusa. A tristeza em seus olhos quando eles caíram para inspecionar as suas botas arrancou seu intestino.

— Não eu, — ele acrescentou rapidamente, — ou eu não estaria aqui agora. Mas você precisa entender que meu povo tem sido enganado por estranhos com muita frequência. Isso é difícil para nós, Red.

Em vez de discutir, ela ficou pensativa por um momento e depois encontrou os olhos dele sem um pingo de intenção de se defender. — Seu plano da fazenda de galinhas é sólido. Esse é um pensamento rápido em que meu pai deveria ter interesse. Qualquer pessoa na mesma posição teria. Por outro lado, talvez, se outra pessoa que não fosse eu, a tivesse apresentado, ele poderia ter aceito.

Warren sentou, dando uma pausa muito necessária de estar todo suado e viril para ela. — Talvez ele veja a luz.

— Talvez. — Embora seu tom contenha zero esperança disso acontecer. — Mas esse não é realmente o estilo dele. Mas, manipular pessoas, é. Eu acho que é isso que realmente acelera seus motores, forçar as pessoas a estarem em posições em que não têm outra escolha. E talvez eu tenha herdado esse gene porque já tenho toda a papelada pronta para registrar a liminar amanhã de manhã. Vai levar tempo para a liminar ser concedida, mas não tenho dúvida de que vai ser. Enquanto isso...

Warren sorriu e deu um tapinha na plataforma. — Lar, Doce Lar.

Persia sorriu de volta, aquelas covinhas indo até a China. — Exatamente.

Pela primeira vez, ela olhou ao redor da plataforma, seu olhar se concentrando em uma pilha de mercadorias que ele arrastou pela árvore. Uma sobrancelha vermelha escura se ergueu e seu olhar azul e marrom se voltou para ele com um olhar interrogativo.

— O que? — Ele fingiu inocência.

— O que é isso?

— Hmm? — Ele olhou por cima do ombro, como se não soubesse muito bem do que ela estava falando. — Apenas um pouco de comida e um par de sacos de dormir.

— E por que tem dois?

— Um para cada um de nós. — Ele deu de ombros e voltou a pregar a grade. — Pronto. Alto o suficiente para não rolamos para o chão no meio da noite. Também é grande o suficiente para dois dormirmos confortavelmente.

— Whoa, whoa, whoa, diminua seu ritmo, Paul Bunyan[7]. — Ela balançou a cabeça. — O que faz você pensar que eu estou deixando você dormir na mesma plataforma que eu?

[7] Paul Bunyan é um lendário lenhador gigantesco que aparece em alguns relatos tradicionais do folclore dos Estados Unidos.

Ele realmente não se importava se isso a irritava. Nenhuma companheira dele dormiria *sozinha* em uma árvore cercada por hippies com tesão. Não vai acontecer. — Eu disse que ajudaria você a construir uma casa na árvore, Red. Eu nunca disse nada sobre deixar você dormir sozinha.

— Desculpe? Quem é você para me *deixar* fazer alguma coisa?

— Escute, eu realmente não entendo o ponto de tudo isso, mas se você está determinada a dormir em uma casa de árvore sem paredes, o mínimo que posso fazer é dar para você um amigo de acampamento. Eu!

Uma batalha travava dentro dela, isso ele podia dizer. Seus belos lábios rosados se moviam como se ela estivesse tentando formar palavras, mas o cheiro que vinha dela traía sua excitação.

— Você acha que eu não posso me cuidar? — Ela disse, estreitando o olhar para ele.

— Não me lembro de ter dito isso.

— Você pensou.

— Conjectura, advogada. — Ele lhe lançou um sorriso malicioso.

Ela bufou sua frustração. — A questão é que eu não preciso de ninguém cuidando de mim como uma babá.

— Quem disse alguma coisa sobre babá? Estou aqui apenas como seus músculos, que você não pareceu se importar até agora, pelo que posso dizer.

A cor em suas bochechas ardeu, e Warren sentiu uma mudança em seu perfume que lhe dizia que ele poderia não ter cruzado uma linha, mas que pelo menos a havia tocado.

— Que diabos isso deveria...

Seu volume de voz havia aumentado a ponto de Warren quase perder um som que parecia deslocado. Chegando perto dela, ele cobriu a boca com a palma da mão grande. Obviamente, ela pensou que ele estava tentando impedi-la de discutir, a julgar pelo fogo em seus olhos, mas um dedo cauteloso nos lábios dela a acalmou. Então ele apontou para o chão, onde o som de alguém ou alguma coisa atravessando as árvores ecoava pela floresta.

Então vieram os gritos e mais folhas farfalhando até que alguns manifestantes correram em direção às árvores escolhidas. Vários agentes os perseguiam, afastando-os de seus projetos semiacabados antes que eles pudessem pisar no chão direito.

— Você está preso por invasão, seu imbecil abraçador de árvores! — Um policial mais jovem gritou um pouco ansioso quando empurrou o rosto de Leaf no chão da floresta.

Warren soltou uma Persia atordoada enquanto a cena se repetia mais algumas vezes, até que os policiais escoltaram o

último dos manifestantes da floresta. Mais gritos e discussões ondulavam no ar na direção do acampamento, o que só poderia significar uma coisa. Todos os manifestantes estavam sendo despejados. Não apenas despejados, mas presos.

A operação foi muito coordenada e violenta demais para o gosto de Warren. Cheirava trabalho de McNish. Os orgulhosos membros do Departamento de Polícia de Tremble eram tão honestos quanto o dia é longo, o que explicava porquê os policiais do condado haviam entrado nisso. McNish provavelmente subornou a mão do xerife do condado para fazer o trabalho.

Warren e Persia caíram deitados de barriga para o chão, espiando por cima da borda da casa na árvore durante a comoção. Eles permaneceram em silêncio e imóveis enquanto assistiam ao ataque, sabendo instintivamente que eram muito mais valiosos para a causa se permanecessem na árvore do que se caíssem e se deixassem ser presos. Isso não faria bem a ninguém, a não ser ao McNish.

O som do último carro da polícia saindo diminuiu e o silêncio tomou conta da floresta no mesmo momento em que a escuridão da noite os envolveu. Warren estava prestes a dizer algo quando Persia balançou a cabeça. Eles esperaram cinco minutos antes de ela finalmente se sentar e descansar as costas no tronco da árvore.

— Bem, merda, — ela respirou, parecendo atordoada, tanto quanto ele podia dizer na penumbra. — Não acredito que

meu pai fez isso. Você sabe que ele foi responsável por isso. Certo?

— Imaginei, — respondeu Warren, recostando-se ao lado dela.

— Eu também não posso acreditar que nenhum deles nos entregou. Eles sabiam que estávamos aqui em cima, mas não disseram nada. Mesmo depois de todas as coisas terríveis que eu lhes disse.

— Talvez aqueles idiotas do círculo gostem mais de você do que você imagina. — Ele distraidamente tirou os sacos de dormir.

Ela o encarou com uma expressão confusa quando ele entregou o dela. — C... como você sabia sobre... — Ela começou.

Ah Merda. Ela desabafou com o *lobo* dele, não com *ele*. Um bom ataque sempre foi a melhor defesa, ele decidiu.

— Você não é tão difícil de ler quanto pensa, Red.

Ela pareceu cair nessa. — Acho que não. Não é uma grande característica para uma advogada, não é? Devemos ir resgatá-los?

— Só se você tiver certeza de que o xerife tem a menor intenção de libertá-los antes que tudo isso exploda a favor do seu pai, o que posso garantir que ele não tem. — Ele estava sombrio quando estendeu a ela o saco de dormir.

Ela o observou com incredulidade por um momento antes de responder. — Você só pode estar brincando comigo.

Ele sorriu quando se sentou na relativa almofada do saco de dormir e puxou um saco de batatas fritas das sacolas de alimentos que ele trouxe. — Aqui está o que eu vejo, Red. Você não vai desistir da sua vantagem deixando essa árvore. Não vou te deixar aqui sozinha. O que significa que ficaremos aqui por um tempo. É melhor ficar confortável.



CAPÍTULO DOZE

As pernas de Persia pendiam da beirada da plataforma enquanto ela observava as brasas de algumas fogueiras morrendo no esquecimento. Assim como seu protesto. Alguns minutos a mais ou a menos, e ela iria estar no banco de trás de uma viatura, como Leaf e Summer e todo o resto. Seu pai ficaria irritado por ela não ter sido jogada atrás das grades durante a noite, ou por mais tempo, se ele pudesse de alguma forma ter conseguido. Nada o faria mais feliz do que lhe ensinar uma lição.

— Quão ruins são os policiais locais? — Ela olhou para Warren, que conseguiu encontrar a camisa dele, para sua amarga decepção.

A mão grande de Warren arrastou seu cabelo castanho, afastando a parte que ainda estava úmida de seu suor. Quando seco, seus cabelos eram bastante lisos, apenas encaracolados na nuca e nas têmporas quando ele estava trabalhando duro. Ficou tão escuro na copa das árvores que ela não conseguia ver muito bem esses tipos de detalhes, e de repente ela desejou uma lanterna.

Girando, ela se concentrou na silhueta de uma árvore próxima, tentando *não* pensar na maneira como seu corpo reagia toda vez que ele aparecia. Inferno, toda vez que ela pensava nele. Não muito diferente da atração animal, Persia

nunca ficou tão irresistivelmente atraída por ninguém antes. Era quase como se ele fosse uma fogueira e ela fosse uma mariposa infeliz. Com um movimento firme da cabeça, ela lembrou a si mesma – como havia feito muitas vezes no último dia - que estava lá para fazer um trabalho, não ficar com um garoto local.

— Os policiais da cidade são bons rapazes, — ele finalmente respondeu, — mas esses idiotas do condado...

— Então, eles são maus?

Warren bufou. — Eu diria 'maus por tabela'. Pelo que ouvi, seu pai tem o xerife e alguns de seus representantes no bolso há um tempo.

— Isso é bem provável, — Persia suspirou. — Meu pai sempre usou dinheiro para subornar as rodas do que ele chama de progresso. Não importa para onde ele vá, ele consegue farejar as pessoas encarregadas que são mais suscetíveis a aceitar subornos e os faz quebrar seus juramentos. É tipo o superpoder dele.

— Saco de merda, — Warren zombou, e rapidamente acrescentou: — Sem ofensa.

Persia sacudiu a juba de cabelos ruivos. — Você está brincando certo? Ele tem sido uma sombra gelada pairando sobre mim desde o dia em que nasci. Eu acho que saco de merda é bom demais para ele.

A raiva era um chá de ervas em comparação com a fúria que pulsava em suas veias nesta última do bom e velho querido papai. Ele foi longe demais desta vez. Eh, quem ela estava tentando enganar? Ele tinha ido longe demais *muitas* vezes, mas essa era a última gota. Saltando de pé, ela agarrou o cinto e amarrou.

— Ei, o que diabos você pensa que está fazendo? — A voz de Warren estava cheia de alarme.

Persia prendeu o mosquetão no cinto e deu um bom puxão. — Duh, eu vou socorrê-los. Não posso simplesmente sentar aqui e mexer meus polegares enquanto eles apodrecem em algumas celas nojentas com água parada. Sem ofensa.

Ele não pareceu ouvir o insulto acidental enquanto se levantava e agarrava sua corda de segurança. — Como o inferno!

— Eu não posso simplesmente sentar aqui! — Ela grita de volta.

Warren deixou as pálpebras fecharem quando ele respirou fundo, dando-lhe a chance de observar a linha afiada do nariz dele, a barba por fazer nas bochechas, a maneira como seus lábios se apertaram quando ela o frustrava. Porra, isso seria um paraíso de ver todos os dias.

— Ouça-me, Persia. — Ele suavizou o tom e deslizou a mão para cobrir a dela. Levou toda a sua concentração para se concentrar nas palavras dele depois disso. — Nós já

conversamos sobre isso. Você não pode correr o risco de ser presa. Se você for lá embaixo e algum policial errante estiver estacionado em algum lugar, você se juntará a todos atrás das grades. O sacrifício deles não significaria nada. Você não pode salvar Wolf Woods de uma cela de prisão.

— Eu sei, mas parece que estou me escondendo aqui em vez de encarar meu pai de frente.

Warren gentilmente a soltou do cinto e a ajudou a sair antes que ela realmente soubesse o que ele estava fazendo. Tudo o que sabia era que o corpo dele estava tão perto do dela, as juntas dos dedos roçando pontos aleatórios em seu corpo e fazendo seu cérebro girar dentro de seu crânio como um pião.

— Se há uma coisa que aprendi, é que você deve escolher suas batalhas com sabedoria. Tirar seus amigos da prisão pode *parecer* importante, mas eles não a denunciaram por um motivo. Mesmo se eles estivessem bravos com você, eles sabiam que você é a única pessoa que tem uma chance de ganhar contra seu pai.

Ela saiu cautelosamente do cinto, uma mão segurando o bíceps esticado de Warren como uma alavanca. Sim... *alavanca*. Ele largou o cinto na plataforma e a agarrou pelos ombros, transformando-a em uma pilha ansiosa de mingau enquanto ela olhava nos olhos dele - o que ela podia ver deles, de qualquer maneira.

— Persia, nós não construímos esta casa na árvore espetacular para você ir parar na cadeia. Se você for presa,

precisa saber que eu irei atrás de você, mesmo que isso signifique que eu também seja preso. Isso deixaria a floresta vulnerável. Ninguém ficaria para defendê-la das escavadeiras que seu pai deseja trazer até aqui.

O desejo de ficar na ponta dos pés e beijar aqueles lábios deliciosos quase a dominou. Limpando a luxúria de sua garganta, ela contornou-o para colocar algum espaço tão necessário entre eles.

Então ela sorriu. — Você continua me surpreendendo, Warren.

Havia muita luz para ver seu sorriso sexy. — Bom. Espero que isso nunca pare. — Então ele bateu palmas, procurou em suas caixas de suprimentos e virou-se para oferecer a ela uma lata. — Cerveja? Depois de hoje, eu sei que preciso de uma.

— Não, — Persia olhou de volta para onde os últimos pedaços de vermelho brilhavam nas fogueiras dos campistas. — Ah, foda-se. Me dê.

Ela pegou a cerveja da mão dele e sentou-se no saco de dormir, encostada na árvore. Quando a cerveja gelada deslizou por sua garganta, ela gemeu de alívio. Uma dose de tequila poderia tê-la inundado de calor mais rapidamente, mas nada relaxava mais que uma boa cerveja no final de um longo dia. Cerveja e batatas fritas não eram as únicas coisas que Warren havia levado até a plataforma, o que ela descobriu quando ele lhe passou metade de um sanduíche de peru.

— Uau, você realmente veio preparado. — Ela aceitou o sanduíche com gratidão.

— O que posso dizer? Sou escoteiro. — Ele procurou novamente em suas sacolas e pegou uma bandeira esfarrapada do *Tibete Livre!*

— Isso é meu...

Ele sorriu. — Sim! Achei que você poderia gostar de um toque de casa.

Enquanto mastigavam e bebiam suas cervejas, outra complicação surgiu na cabeça da Persia. — O que eu vou fazer amanhã? Preciso registrar essa liminar logo cedo. Caso contrário, não teremos chance de derrotar meu pai.

— Não preocupe sua linda cabecinha. Não é como se fosse um hotel. Tenho certeza que você estará acordada ao raiar do dia. Vou ligar para Zeke para que alguém possa distrair qualquer policial que esteja na área e eu vou ficar aqui. Sem complicações. Mas você vai querer fazer com que sua bunda doce volte para esta árvore o mais rápido possível, apenas por precaução.

Persia tomou um longo gole da cerveja amarga e estremeceu. Não pelo gosto, mas pelo que ainda estava à sua frente. — Eu simplesmente não suporto o pensamento daquele idiota ganhando novamente.

Ela sentiu os olhos de Warren nela, estudando-a. — Importa-se de eu perguntar o que aconteceu com seu

relacionamento com ele? Não quero ser grosso, mas parece meio que fodido.

Persia bufou com sua observação. — Sim, pode se dizer isso.

Onde começar? Ela bebeu a cerveja e, quando lhe entregou a garrafa vazia, ela foi substituída instantaneamente por uma nova. Alguns goles depois, ela finalmente teve coragem de continuar.

— Honestamente, não é tão complicado assim. Sentada aqui nesta árvore, vejo minha vida como duas partes. A primeira metade foi quando eu era jovem e ingênua. Feliz. Convencida de que meu pai não podia fazer nada errado, que ele realmente queria dizer toda a besteira que ele falava sobre fazer o bem. Ao longo da minha infância, ele me incentivou a ser ambiciosa, a colocar toda a minha energia e foco no meu futuro. Olhando para trás, uma sólida ética de trabalho é a única coisa positiva que ele me ensinou. Claro, ele não poderia saber que todo o meu trabalho duro se viraria para mordê-lo na bunda.

— E sua mãe?

Persia suspirou e bebeu sua segunda cerveja só para poder falar sobre sua mãe. — Ela está... por perto. Bem, na verdade não. — Ela suspirou novamente, dando-lhe uma careta divertida. — É um negócio inteiro. O talento do meu pai é trabalhar muito. O da minha mãe é se divertir muito.

Warren esperou pacientemente enquanto ela descobria a melhor maneira de explicar sua dinâmica familiar distorcida. Ninguém neste planeta que ela estava tentando salvar jamais poderia acusá-la de ter uma vida difícil. Ela cresceu branca, hétero e mais privilegiada do que a maioria. Tantas pessoas tinham tido a vida muito pior do que ela jamais poderia imaginar. Mas, como dizia o ditado, todo mundo sabe onde o calo aperta.

— Nós nunca fomos próximas, minha mãe e eu. Ela sempre manteve uma distância sólida de mim, literal e figurativamente. Enquanto papai trabalhava duro, mamãe viajava. É a paixão dela. Eu acho que ela só me teve porque papai queria ter filhos. Depois que nasci, foi isso para ela. Ela partiu em cruzeiros, retiros de ioga, turnês europeias, tudo que você imaginar. No meu décimo sexto aniversário, ela me levou para Paris para fazer compras e eu odiei cada minuto. Se não estiver óbvio, a *alta costura* não foi feita para o meu tipo de corpo.

O olhar de Warren percorreu todo o corpo, transformando seu interior em mingau quente. — Parece bem perfeito para mim, — ele murmurou, quase alto o suficiente para ela ouvir.

— De qualquer forma. — Seu cérebro lutou para mantê-lo ouvindo enquanto seu corpo lembrava que eles estavam sozinhos... em uma floresta... em uma árvore... com sacos de dormir, batatas fritas e cerveja. — Mamãe gosta de luxo e papai... bem, acho que ele gosta de mantê-la ocupada em outro lugar.

— Então, você era próxima do seu pai enquanto crescia?

— Mais do que com mamãe, mas era quase como um relacionamento comercial. Desde o meu nascimento, eu sempre fui a garotinha do papai. Ele me mimou um pouco, eu não vou mentir, mas principalmente ele me ensinou a seguir seus passos. Acho que ele esperava que eu me tornasse uma mini versão dele.

Warren engasgou com a cerveja e depois riu, enxugando o rosto. — Sim, isso não funcionou tão bem para ele. Certo? Você não é nada como ele.

Seu coração se aqueceu com isso. — Obrigada por isso, mas até eu sei que temos semelhanças. Mas vou ser sincera, houve um tempo em que meu desejo mais profundo era ser igual a ele. Durante a primeira parte da minha vida. A parte dois começou quando eu soube a verdade.

Warren sentou-se um pouco. — Sobre o que?

— Sobre ele. Meu pai. Sobre como é o modelo de negócios dele. Durante a minha juventude, ele esteve envolvido com todas essas agências ambientais. Acredite se quiser, ele me pressionou a entrar no direito ambiental. Tanto quanto eu sabia, ele era um estimado filantropo, o tipo de homem rico que usa seu dinheiro para boas causas. Eu o colocava em um pedestal, ele poderia tocar o sol.

— O que aconteceu?

— Acabei sendo contratada como associada júnior de uma respeitada firma ambiental. Meu trabalho era basicamente colocar milhares de páginas de documentos em pastas de arquivo nessas enormes prateleiras que se moviam com o apertar de um botão. Era muito chato, e as horas eram cansativas, mas eu adorava. Eu estava seguindo meu caminho! Uma noite, muitos de nós, funcionários mais jovens, fomos para o happy hour em um bar próximo. Quando fui ao banheiro, essa mulher me seguiu e começou a conversar. Acontece que ela era uma repórter e eu estava completamente despreparada para a bomba que ela jogou em mim. Ela me disse, não tão educadamente, sobre as táticas de armamento do meu pai, como ele apenas finge ser ambientalmente consciente para manter os ambientalistas longe dele, que basicamente ele era o tipo exato de cara com quem eu queria lutar. No começo, eu pensei que ela estava apenas tentando brigar ou algo assim, mas ela tinha documentação e testemunhas oculares para apoiar suas alegações.

— Porra, que happy hour que acabou por ser triste.

Mesmo durante uma conversa difícil, Warren de alguma forma conseguiu aliviar seu humor. — Depois disso, meu mundo virou de cabeça para baixo. Tudo ficou claro. Meu pai queria que eu fosse uma advogada ambiental para ajudar *ele,* não o planeta. Ele usou sua influência para conseguir o emprego, então a primeira coisa que fiz foi me demitir. As pessoas pareciam dedicadas a salvar o planeta, mas eu não podia permitir que meu futuro fosse contaminado assim. Antes

que ele oficialmente me cortasse, parei de usar o dinheiro dele. Usei meu último salário da empresa para comprar Betty, e passei os últimos anos sendo um espinho na bunda dele. E essa é praticamente a minha história triste. Você já está chorando?

Ele riu e pegou a garrafa vazia de seus dedos. — Eu definitivamente posso entender por que você escolhe usar um nome diferente.

— Depois que comecei a fazer barulho sobre ele, ficou difícil ganhar a confiança das pessoas depois que elas descobriam que eu sou a filha do monstro que todos nós estamos tentando parar.

Os dedos grossos e quentes de Warren encontraram sua mão vazia e a apertaram gentilmente. — Se serve de consolo, eu confio em você. Mil por cento, não importa o que os outros pensem. Você é uma boa pessoa com um bom coração.

Aquele coração acelerou no seu peito com o toque dele e palavras gentis. Sem mencionar o brilho de adoração em seus olhos – embora isso pudesse ter sido simplesmente a lua espreitando através da copa das árvores.

— Obrigada, — ela sussurrou, mal capaz de falar as palavras sufocadas pelas emoções que a consumiam. — Isso significa muito.

Ela nunca teve um aliado como Warren, e era bom. Era ainda mais agradável que *Warren* fosse seu aliado, não um

cara aleatório que ela conheceu em um protesto. O que, é claro, ele era. No entanto... ele não era. Os sentimentos confusos precisavam parar. Ela precisava se concentrar, e não em si mesma. Era hora de virar a mesa e colocar o foco nele.

— Chega de mim. — Ela não conseguia puxar a mão da dele. Era bom demais. — E você? Como é a sua família? Por favor, diga-me que não é tão disfuncional quanto a minha.

— Nem mesmo perto. Bem normal, sério. Pais que nos amavam, uma ótima irmã, uma comunidade unida e amigos nos quais realmente posso confiar. Arriscaria minha vida por qualquer um deles e sei em minha alma que o sentimento é mútuo. Posso parecer um pobre caipira burro, mas, na minha opinião pessoal, *eu* sou o privilegiado aqui.

Persia caiu na gargalhada, deslizando alguns centímetros mais perto dele enquanto seu corpo estremecia. — Eu teria que concordar com você, Warren. Eu não tenho ideia de como é isso. Os manifestantes que recruto, vão e vêm como o vento, então nem tenho o que consideraria amigos de verdade. Gostaria de saber se algum dia encontrarei um lugar que me sinta em casa.

O silêncio se prolongou entre eles por tanto tempo que ela olhou para ele. A escuridão não fez nada para esconder a intensidade em seu olhar.

— Talvez você já tenha encontrado.

Seu cérebro gritou para ela dizer a ele parar de vender esse lugar, mas sua boca não obedeceu. Tudo o que ela queria fazer era pressionar contra aqueles lábios que tanto sonhava. Naquele momento, realmente lhe ocorreu que ela gostava de Warren. Muito. Demais, até. E o sonho de finalmente pertencer a algum lugar – e com *ele* para começar – era tentador demais para ignorar. Por todos os seus caminhos misteriosos e sua personalidade tranquila e do campo, Warren estava começando a parecer... seguro. Sempre que estavam juntos, parecia que todas as decisões em sua vida a levavam até ali. Como se ela pertencesse. Como se ela estivesse em casa.



CAPÍTULO TREZE

Uma rajada de ar fresco do outono despertou Warren, o assustando. Ainda estava escuro, escuro demais para ver qualquer coisa, exceto a pálida luz da lua brilhando através da copa das árvores. Os instintos o fizeram farejar o ar, mas nada fora do comum chamou sua atenção. Exceto uma coisa.

Persia.

Finalmente despertando e tendo controle em seus sentidos humanos, ele lentamente virou a cabeça para encontrar as costas de Persia pressionadas contra sua frente, de conchinha. Piscando algumas vezes para se certificar de que ele não estava imaginando coisas, ele ficou feliz e surpreso ao se ver olhando para trás da cabeça dela, seus cachos vermelhos espalhados por cima do ombro e do braço esquerdo dele, o mesmo em que a cabeça dela descansava. Seu braço direito se contraiu, querendo puxá-la com mais força, mas ele não queria acordá-la.

Ele queria que esse momento durasse para sempre.

A maneira como o peito dela subia e descia sob o braço dele, o leve cheiro do xampu sob o perfume pessoal mais poderoso e intoxicante, como o corpo dela se encaixava tão perfeitamente no dele, apesar do tecido grosso de dois sacos de dormir entre eles. Droga, ele sabia que deveria ter costurado os sacos para fazer um saco de dormir gigante!

Claro, ela não teria aceitado isso, não na noite passada, quando já estava irritada com ele. Honestamente, ele ficou surpreso que ela não o tivesse rolado da beira da plataforma enquanto dormia. Ainda bem que ele construiu essa grade.

Persia se mexeu, sua bunda pressionando contra o local que realmente não precisava estar mais alerta do que já estava, mas ele silenciosamente implorou por mais. Ele poderia ter permanecido assim pelo resto da noite, seu pênis vibrando contra o saco de dormir, mas ela não tinha terminado de se mexer durante o sono. Rolando dentro de seu saco, ela aconchegou-se ao calor dele, encarando-o e depois suspirou pacificamente.

Naquele momento, Warren encontrou a felicidade. A simples alegria de segurar sua companheira, respirando-a, deleitando-se em cada centímetro dela sem sequer tocar sua carne. O que ele poderia ter sentido com Chloe no passado não era nada comparado a como ele se sentia com a Persia tão perto. Zeke e Val podiam zombar de tudo o que quisessem, mas ele sabia. Ele *sabia.*

Por nenhuma razão em particular – ou talvez porque em algum lugar profundo de seu inconsciente, ela também sentisse a ligação deles – os olhos de Persia se abriram. Mesmo no escuro, ele conseguia distinguir a diferença entre o olho azul e o olho castanho dela, e os dois o encaravam com uma vulnerabilidade tão profunda que sua respiração parou no peito. Ela nunca pareceu tão aberta, tão confiante.

Persia desprotegida.

Uma mecha vermelha se espalhou por sua bochecha e Warren sentiu que era seu dever colocá-lo de volta no lugar com os dedos. Ela não o deteve. Ela nem parou de encará-lo com aquela expressão doce, e ele encontrou o resto dos dedos segurando sua bochecha suavemente enquanto o polegar roçava seus lábios. Em vez de se afastar ou dizer a ele para... diminuir o ritmo..., Persia permitiu que suas pálpebras se fechassem e soltou um suspiro. Esse era todo o convite que Warren precisava.

Warren passou os dedos pelos cabelos dela, longe o suficiente para segurar os fios gloriosos. Ele puxou a cabeça dela para trás para expor a longa linha do pescoço e ela respirou fundo, a boca se abrindo com um suspiro.

Ele abaixou a cabeça e acariciou-a com os lábios, salpicando-a com beijos e saboreando seu suspiro. Ele lambeu e provou-a, provocando os dois quando ele gentilmente mordeu sua pele entre seus dentes. Isso lhe rendeu um chiado agudo e seu coração disparou com o prazer óbvio dela.

Ele segurou o peito dela com a mão livre, o mamilo rígido sob o tecido fino que os separava. Ela o acariciou, a palma da mão deslizando sobre o peito e os dedos se curvando para arrastar as unhas sobre os músculos tensos. O desejo o consumia, o conhecimento de que ela o queria aumentava ainda mais sua necessidade. Ele respirou fundo e saboreou o

perfume de sua excitação, o doce almíscar atraindo sua besta para a superfície – encorajando e atormentando-o.

Naquele momento, ele estava agradecido por não ter costurado seus sacos de dormir juntos – o tecido agindo como uma barreira para mantê-los separados. Ele ainda precisava contar a verdade sobre os lobisomens antes de lhe dar a mordida. Era um fato claro e simples e agora não era o momento para essa conversa. Mas isso não significava que ele tinha que parar. Contanto que ele não a fodesse – a reivindicasse – ele ficaria bem. Certo?

Ele levou seus lábios aos dela, capturando sua boca enquanto tentava deixá-la maluca com os beijos. Ela inalou e ficou tensa com o primeiro beijo, mas derreteu um momento depois e arqueou em seu toque. Ela moveu-se para se aproximar e ele saboreou sua proximidade. A paixão compartilhada aumentou, beijos passando de lentos e preguiçosos para duros e agressivos – a língua dele invadindo sua boca e pegando o que ele desejava. Ela pressionou contra ele e eles praticamente lutaram pelo poder, pelo encontro de suas bocas e toques compartilhados, cada vez mais agressivos.

Persia o soltou e se abaixou, deslizando ao longo de sua frente o máximo que podia dentro do saco de dormir. Eles lutaram com o tecido grosso, encontrando-se em um ângulo estranho que nenhum deles estava disposto a abandonar. Ela parecia saber o que estava procurando e iria em busca. Os dedos dela roçaram o eixo grosso de Warren e depois rapidamente envolveram seu comprimento.

Ele endureceu ainda mais com o toque dela, a sensação dela o apertando. Ela explorou o pau dele, da base grossa até a ponta protuberante e voltando. Ele sentiu como se seu corpo se exibisse para ela, mais grosso e quente que o normal, respondendo a ela com mais sensibilidade.

Warren retribuiu o favor sem hesitar. Ele esticou o braço no saco de dormir dela, cercado pelo calor dela até chegar às suas coxas. Ele a acariciou e ela mudou de posição, abrindo as pernas para lhe dar um ângulo melhor – mais espaço. Ele escovou sua boceta e uma respiração quente abanou seu rosto quando ela soltou um suspiro delicioso. Mas não foi suficiente. Nem perto. E ele não estava disposto a deixar o saco de dormir permanecer em seu caminho. Mesmo que isso significasse perder o toque dela.

Ele se adiantou e pediu à Persia que se virasse, com domínio firme, mas gentil, ao qual ela se submeteu sem hesitação. Ela colou nele, deixando zero espaço. Sabendo que ele tinha conquistado a confiança dela para deixá-lo movê-la, o inundou de orgulho.

Com uma mão, ele segurou o peito dela e apertou, passando o polegar sobre a ponta dura do mamilo. Ela estremeceu com o toque dele e ele transferiu seu aperto suave para o outro seio, fazendo a mesma coisa. Ele moeu seu pênis contra sua bunda, pressionando seu corpo quente e esfregando sua necessidade contra os montes de sua bunda. Ele ouvia todos os gemidos suaves e ofegantes, os sons se tornando mais frequentemente quanto mais ele a provocava.

Quando o cheiro da excitação dela quase o deixou fora de controle, ele se deu permissão para descer mais.

Ele enfiou os dedos sob a barra da calcinha, encontrando as dobras dela escorregadias e quentes com a necessidade. Ele soltou um murmúrio suave, deleitando-se com a sensação dela, e ela ofegou quando ele provocou seu clitóris. Ele repetiu o golpe, desfrutando do prazer dela. Ele poderia ser dominador, mas não queria atormentar Persia. Ele queria dar algo que ela se lembraria.

Ele acariciou sua boceta, provocando sua fenda com movimentos sensuais enquanto se familiarizava com as suas dobras. Ele enfiou um dedo em sua entrada e a enrolou levemente. Ela estremeceu em sua carícia - uma mão subindo ao peito enquanto a outra se agarrou ao saco de dormir e o segurou com força. Um segundo dedo grosso se juntou ao primeiro e ele massageou sua vagina, golpe após golpe.

Ele se retirou e levou os dedos ao clitóris, o feixe de nervos inchados e muito sensível ao seu toque. Ele fez pequenos círculos com os dedos e ela se contorceu contra ele, empurrando sua bunda confortavelmente contra sua virilha. Quando ela choramingou e estremeceu mais uma vez, ele sabia que tinha encontrado o ponto de ouro. Ele ficou mais agressivo, esfregando-a com um ritmo constante e implacável, que a deixou ofegante e choramingando por mais.

Ele sabia que ela se aproximava mais e mais da liberação, podia sentir seu crescente prazer e que ela estava à beira do

orgasmo. Ele podia sentir o cheiro no ar. Praticamente provar as nuvens de felicidade. Seus dedos ficaram mais úmidos a cada momento e Warren desejou que ele já tivesse conversado com ela sobre lobisomens. Ele queria deslizar em sua boceta molhada e disposta. Afundar profundamente, enchendo-a.

Um som filtrou através de seu desejo, um som estranho, que não deveria estar ali. Uma corda deslizando através de um mosquetão. Warren congelou, ouvindo com atenção para se certificar de que não tinha imaginado. A respiração ofegante da Persia quase abafou o som quando aconteceu novamente, mas ele ouviu. Claro como um sino. Um humano estava fazendo algo na base da árvore deles!

Antes que sua amada soubesse o que estava acontecendo, ele estava fora do saco de dormir e espiando por cima da borda da casa da árvore. Então, um perfume ainda mais poderoso que a excitação da Persia o atingiu como um taco de beisebol.

Humano.

Masculino.

Pólvora.

Persia se aproximou do corpo tenso dele, os dedos deslizando entre os dele. Seu lobo disparou contra o autocontrole de Warren, exigindo ser liberado para que ele pudesse proteger sua companheira, mas Warren permitiu que ele saísse apenas o suficiente para aumentar sua visão. Não

fazia sentido exagerar até ter certeza de que havia realmente uma ameaça.

Com certeza, um homem com uma arma pendurada no ombro avançou subindo a árvore usando suas próprias cordas de escalada.

Porra!

CAPÍTULO QUATORZE

O coração da Persia batia como um tambor tribal no peito, seu estômago revirando em nós de ansiedade enquanto olhava por cima da borda da plataforma. Como as coisas mudaram tão rapidamente? De dormir tão pacificamente e acordar da maneira mais agradável para olhando para o abismo, tentando ver a ameaça que colocou Warren em alerta. A tensão pulsava nele com tanta força que parecia um fogo ardente e continuava crescendo, mas ela não conseguia entender o que ele parecia sentir.

— O que foi? — Ela sussurrou, os olhos arregalados quando desejou que se ajustassem à escuridão.

Warren soltou sua mão enquanto ela piscava com força várias vezes, esforçando-se para se concentrar em algo... *qualquer coisa*. Um pequeno movimento chamou sua atenção, e foi isso. De repente, a forma de alguém subindo na árvore era visível, e seu sangue gelou. Era uma surpresa tão grande que ela deu um passo para trás e bateu as mãos na boca para não gritar.

— Merda! — Ela sussurrou, girando para ver se Warren poderia ter contrabandeado um caldeirão de lava derretida com seus suprimentos para que pudessem derramar sobre o agressor. Mas, em vez disso, recebeu uma visão mais

horripilante, mais incompreensível do que jamais vira em sua vida.

— W-warren? — Sua garganta se apertou, não permitindo que ela desse um gritinho depois disso.

Ele não era mais o gentil garoto do campo, com beijos suaves e um sotaque doce como mel fresco de colmeia. Os olhos azuis do Caribe que a derreteram até o núcleo intensificaram-se para uma sombra totalmente desumana de cobalto, brilhando de raiva, até mesmo a estrutura de seu rosto mudou. A princípio, sutilmente, mas depois rapidamente e de forma dramática. O resto de seu corpo logo seguiu o exemplo.

Não importa o quão rápido ou quanto ela piscasse, esse pesadelo ou visão bizarra ou o que quer que fosse não desapareciam. Permaneceu, e só ficou mais estranho. Mas não poderia ser real. Nada disso. Ela tinha que estar sonhando ou sonâmbula.

O tempo diminuiu quando o corpo de Warren se contorceu e torceu, esticando as costuras do jeans e da camisa de flanela. Ele caiu de quatro, sua boca e nariz parecendo se alongar em um focinho – ela sabia que era impossível, mas era a única maneira de descrevê-lo – e pelos dourados brotavam sobre cada centímetro de pele exposta. Deve ter levado apenas alguns segundos, mas parecia que haviam se passado horas enquanto Persia observava, totalmente paralisada, enquanto a camisa e calças dele rasgavam de seu corpo em pedaços, como o Hulk. Exceto que, em vez de se transformar em Lou Ferrigno

coberto de maquiagem verde, ela ficou encarando algo tão incompreensível que seus joelhos cederam e ela caiu de bunda, olhando para a fera em choque total.

— Não, não, não, não..., ela balbuciava enquanto seu cérebro entrava em curto-circuito.

Recuando e pressionando-se contra a casca áspera do tronco da árvore, ela ficou boquiaberta com o enorme lobo parado no meio da plataforma, os lábios puxados para trás em um rosnado cruel. Pelo menos não estava rosnando para ela. O olhar assassino do animal estava focado na borda da plataforma, onde a pessoa que subia na árvore logo apareceria.

As respirações de Persia saíram em suspiros curtos e rápidos, seu cérebro tentando freneticamente entender o que acabou de ver – *ainda* estava vendo – mas não podia. Em vez disso, tentou se convencer de que Warren não havia acabado de se transformar em lobo. Que o lobo nunca tinha sido um homem para começar. Um homem era um homem, um lobo era um lobo. Claro, isso tinha que ser a verdade, e ainda assim... ela assistiu Warren mudar, contorcer, e se transformar. E ela não podia ignorar o fato de que ele não estava em lugar algum. Ela até esticou o pescoço para trás para ver se ele subiu na árvore, mas ele desapareceu no ar.

Talvez ele nunca esteve aqui para começar, seu pragmatista interior sussurrou. Talvez ela simplesmente tivesse sonhado que estava abraçando-o, beijando-o, tocando-o. Talvez tenha sido o que aconteceu.

Então de onde veio o lobo? Outra parte dela discutiu. Ela odiava essa parte. Um urso *poderia* ter escalado uma árvore, mas os lobos não eram conhecidos por suas habilidades em subir em árvores.

Eu enlouqueci, ela decidiu. Era a única explicação, a menos que os alienígenas a tivessem transportado para uma realidade alternativa ou universo paralelo ou dimensão diferente ou como quer que os loucos de ficção científica o chamassem. Porra, ela estava balbuciando dentro de sua própria cabeça!

A linha entre realidade e alucinação ficou turva no fundo de sua mente. Tudo era real e nada era real, tudo ao mesmo tempo. Com um sobressalto, Persia percebeu que Wolf Woods havia ficado em silêncio. Sem farfalhar de animais noturnos. Não havia pássaros voando enquanto se preparavam para o dia. Nem mesmo a brisa que esfriou sua pele quente momentos antes sussurrava entre as folhas. Nenhum som da floresta em si, como se estivesse em silêncio para ouvir melhor o turbilhão que estava prestes a ser desencadeado.

Apenas alguns sons passaram pelo trovão de seu coração. A fera – imaginária ou terrivelmente real – rondava na beira da plataforma, movendo-se silenciosamente, enquanto a baba pingava no compensado recém-cortado. Suas respirações continuaram em rajadas quentes e irregulares, e ela se perguntou por um momento se sua garganta estava fechando. Talvez morrer assim fosse o melhor antes que o lobo pudesse

olhar para ela. O silvo áspero da corda roçando na árvore a lembrou da ameaça prestes a se apresentar.

Incapaz de se conter, ela voltou seu olhar quase catatônico para a borda da plataforma a tempo de ver um par de mãos grandes e fortes agarrando o corrimão que Warren instalou poucas horas antes. Ela não precisava ver o rosto do homem para saber que ele era um dos capangas de aluguel de seu pai. Ele veio atrás dela. Ou talvez do lobo enorme em pé na frente dela, protegendo-a do caçador. Conhecendo a tenacidade dos homens que Dick McNish contratava, o que quer que estivesse prestes a acontecer, não aconteceria suavemente.

O lobo deu um passo para trás, mais perto de Persia, mas de alguma forma, ela sabia que não era porque estava com medo. Ele só queria ficar fora da linha de visão do caçador pelo maior tempo possível. Era esperto. Mais esperto que um lobo comum, porque a tática funcionou. O caçador resmungou baixinho quando içou a metade superior do corpo pela borda da plataforma e os encarou.

O homem provavelmente mal teve tempo para seu cérebro processar o que estava vendo antes que o lobo pulasse para frente, estalando suas mandíbulas poderosas e trancando-as em algo com tanta força que o barulho a fez estremecer de medo. O silêncio da floresta foi quebrado por um grito de surpresa e dor. Então o estalo de galhos e o barulho repugnante de um corpo atingindo o chão da floresta quase a fizeram vomitar sua cerveja e batatas fritas.

Persia prendeu a respiração, sem ousar se mexer ou emitir um som. Mesmo sabendo que o homem tinha quase certamente sido enviado para tirá-la da plataforma, se não para matá-la, ela não queria que ninguém morresse. O silêncio se arrastou por tanto tempo que ela ou daria um grande suspiro ou desmaiaria, mas antes que isso acontecesse, algumas maldições muito criativas chegaram aos seus ouvidos.

Ousando se aproximar do lobo, ela olhou para baixo e viu o caçador mancando para longe do lobo raivoso na árvore e em direção à entrada da floresta, segurando uma mão no ombro e arrastando uma perna quase inútil atrás dele.

Uma vez que o homem estava fora de vista, os sons noturnos normais da floresta preencheram o ar, e Persia ousou encarar o lobo. Das muitas maneiras em que se imaginava morrendo – saltando de paraquedas sobre o Mojave, fazendo trilha pela Amazônia, inferno... dirigindo pela I-75 na hora de hush – tornar-se comida de lobo nunca foi uma delas.

Mas quando os brilhantes olhos azuis do animal encontraram os dela, o fogo que ardia neles momentos antes piscou e pareciam quase familiares. Somente quando ele se recostou em seus quadris é que a atingiu. Ela conhecia esse lobo. Muito bem.

— V-você? — Ela murmurou, seu coração gaguejando no peito.

O lobo inclinou a cabeça para o lado e deu um tapa com o rabo fofo na madeira compensada algumas vezes, como se estivesse fazendo uma pergunta. A raiva surgiu dentro dela, atraída por sua confusão e medo, além de alívio por conhecer seu misterioso visitante.

— O que *diabos* está acontecendo aqui! — Ela gritou, abafando os sons noturnos da floresta novamente. — Estou tendo um surto psicótico. Tem que ser isso. Nada disso está realmente acontecendo. Não. De jeito nenhum. Nuh-uh. Estou louca.

Pessoas que têm surtos psicóticos geralmente não sabem que estão tendo um, aquela voz idiota em sua cabeça a lembrou. O que poderia significar apenas uma coisa.

Tudo era real.

Lágrimas escorriam espontaneamente por suas bochechas e ela sabia que sua cabeça tremia de um lado para o outro freneticamente, embora não tivesse dito nada especificamente. O lobo, seu amigo especial que não foi nada além de gentil com ela, deu um passo mais perto e choramingou, quase como se estivesse preocupado com ela. Foi o suficiente para enviá-la para um nível histérico.

— Se afaste! — Ela gritou com ele, empurrando as costas contra o tronco como se ela pudesse de alguma forma se enterrar dentro disso para ficar segura.

O lobo congelou, e então algo ainda mais louco aconteceu, confirmando que ela estava, de fato, perdendo sua cabeça. Seu corpo peludo se alongou e contorceu, seus ombros musculosos encolhendo e se alargando ao mesmo tempo. pelos grossos retraíam como se fossem sugados de volta para dentro por um aspirador invisível, deixando apenas a pele macia e bronzeada para trás. O focinho ainda espumante voltou ao rosto humano, enquanto seus olhos se embotavam em um azul hipnotizante, bonito e aterradoramente familiar.

O lobo desapareceu, substituído por um Warren completamente nu.

— Está tudo bem, Persia, — ele falou suavemente, erguendo as mãos para ela, como se isso de alguma forma tornasse tudo melhor. — Fique calma. Você está segura.

Está tudo bem? Fique calma? Besteira! *Nada* estava bem, então ela não estava prestes a ficar calma. Cada célula do corpo dela gritava para ela *correr!* Afastar-se dessa loucura o mais rápido que pudesse, *como* pudesse. Se afastando dele em direção ao outro lado da plataforma, ela se levantou e olhou loucamente em volta, procurando sua melhor chance de escapar. Ela tinha que sair dessa árvore. Agora!

Agachando-se e pulando com toda a força que possuía, Persia conseguiu envolver as mãos ao redor do próximo galho mais próximo, a adrenalina mascarando os profundos arranhões que a casca áspera da árvore deixava em seus dedos. Ela não estava acima de escalar livremente esta árvore,

e ela com certeza não iria esperar para ser devorada por algum mutante humano-lobo, não importa o quão doce, fofo e sexy que ele fosse. Nuh-uh, de jeito nenhum.

Prendendo a respiração, Persia puxou com todas as suas forças, balançando uma perna em direção ao galho, mas não conseguindo por uns centímetros. Ela pendia de seu galho, a uns dez metros acima do chão da floresta, lutando para ficar fora do alcance de Warren, quando sua visão começou a embaçar. Seus membros pareciam tão pesados quanto troncos e ela mal conseguia manter os olhos abertos. A tontura a dominou, e a última coisa que ela sentiu foi a terrível sensação de cair.



CAPÍTULO QUINZE

— Tudo bem. — Zeke gemeu, passando as mãos pelo rosto na clínica da Trina algumas horas depois. — Podemos repassar como fomos de 'um caçador na base da árvore' para 'nossa advogada deitada em uma clínica'?

Warren andava de um lado para o outro na pequena clínica da Trina com uma bandeira de leão que dizia *Free Tibet!* Enrolado na cintura em vez de roupas. A irmã dele se curvou sobre uma Persia inconsciente, abrindo as pálpebras e brilhando uma luz nelas, procurando uma concussão. *Outra* concussão, ele lembrou a si mesmo.

Que show de merda!

— Ele sabia que estávamos lá em cima, — resmungou Warren, sem paciência com as inúmeras perguntas de seu alfa. Ele estava certo ao pergunta-las, mas isso não significava que Warren tivesse paciência para respondê-las. — Se eu não tivesse acordado, o bastardo teria nos derrubado.

Ninguém mais precisava saber que o caçador havia interrompido uma sessão quente e pesada de beijos, o que apenas trouxe de volta memórias de como o corpo de Persia reagiu ao seu toque, seu beijo. Seus suspiros suaves, sua necessidade avassaladora por ela.

Val estalou os dedos na frente do rosto de Warren. — Saí dessa, garoto apaixonado. Agora explique por que você mudou na frente dela. E deixe-me lembrá-lo da seriedade dessa ofensa em particular.

Irônico, vindo de Val, considerando que a irmã de seu companheiro havia se transformado na frente dela quando eram colegas de quarto da faculdade.

— Eu não tive escolha, — Warren retrucou, observando todos os movimentos da Trina. — Era um dos caçadores de McNish. Eu apostaria minha vida nisso. Ele sabia exatamente onde estávamos, ele estava nos esgueirando e ele tinha uma arma. Honestamente, acho que foi isso que acordou meu lobo. Eu nunca teria sentido o cheiro da pólvora sozinho, mas ele estava perto da superfície.

Zeke levantou uma sobrancelha curiosa, mas Warren o ignorou em favor de manter o foco em sua companheira.

— Eu não estava prestes a arriscar a segurança da minha companheira, Zeke, e sei que você teria feito o mesmo. Sorte do caçador, ele não chegou tão perto quanto meu lobo queria. — Ele encolheu os ombros de seu desinteresse pelo destino do caçador. — Minhas presas provavelmente nem perfuraram a pele, mas eu posso ter quebrado sua clavícula. Eu acho que a queda realmente o machucou. Não tão ruim que ele não conseguisse se afastar muito rápido, no entanto. Resumindo, ele vai viver.

— Tudo bem, — Zeke franziu a testa para sua versão beta. — Ele viu você mudar?

— Sem chance. Tanto quanto ele sabe, algum lobo louco conseguiu subir em uma árvore. A menos que McNish explique a verdade para os seus capangas, duvido que alguém o leve a sério. Apenas mais um avistamento fictício de Wolf Woods que alimentará as tradições locais.

— E a Persia? — O olhar duro de Zeke o atingiu.

— Ela viu a coisa toda. Depois que o caçador caiu, ela surtou e tentou subir na árvore para se afastar de mim. Eu realmente não posso culpá-la. Não é como eu imaginava contar a ela. Deve ter a sobrecarregado porque ela desmaiou no meio da subida. Eu consegui pegá-la antes que ela pudesse cair.

Depois de abaixar o corpo flácido dela para a plataforma, Warren a colocou dentro e depois usou as cordas de segurança que ele usou para suprimentos para abaixá-los ao chão, pegando a bandeira do Tibete no caminho, apenas no caso de encontrar alguém. Ele então a carregou por Wolf Woods e a levou pelas terras para a clínica da Trina. Usar a caminhonete dele seria muito arriscado.

— Como ela está? — Ele ousou perguntar à irmã.

Trina sorriu e apertou seu ombro antes de puxar as pontas dos ouvidos do estetoscópio. — Tenho certeza de que ela só desmaiou, irmãozão. Ela deverá ficar bem. Esse foi um pensamento rápido da sua parte. Eu acho que você salvou a

vida dela mais de uma vez hoje à noite. Ou ontem à noite. Que horas são mesmo?

— Cinco, — Max rosnou roucamente quando entrou na clínica e entregou a sua companheira uma caneca de chá Earl Grey fumegante. Ela deu um beijo na bochecha dele, e então ele deu uma olhada em um Warren quase nu antes de desaparecer de volta para a cabana.

Talvez ele devesse ter ficado aliviado com o diagnóstico, mas o equívoco de sua irmã o incomodou. — Você tem certeza? Por que ela ainda não acordou? — Ele nem tentou esconder a preocupação de sua voz.

— Warren, ela passou por muita coisa nas últimas vinte e quatro horas, — repreendeu Trina. — Aquele tombo que ela teve na outra noite pode ser o motivo. Se ela não sofreu novos ferimentos, tenho quase certeza de que ela acordará em breve.

— Quase? — Ele retrucou, dirigindo sua culpa e preocupação para a pessoa errada.

Val mudou-se para se colocar entre os irmãos, mas Trina a afastou e deu a seu irmão um olhar duro. — Ouça, Warren, eu não sou uma médica humana. Você sabe disso melhor do que ninguém. Mas conheço uma lesão quando a vejo, e ela não tem uma. Então pare com essas merdas ou sua bunda estará sentada na minha sala de espera.

Ela apontou para a única porta da clínica, que levava diretamente para fora. De jeito nenhum ele deixaria sua

companheira, então ele mordeu a língua e olhou com raiva enquanto sua irmã fazia mais alguns testes. Max voltou, olhou para a bandeira em volta da cintura dele e entregou a Warren um moletom.

— Ela pode não gostar de ver seu pau esfregando-se contra o símbolo da libertação tibetana quando ela acordar. — Ele deu um sorriso irônico e uma piscadela.

Warren assentiu agradecido e, quando terminou de se vestir, Persia começou a se mexer. Todas as cabeças da sala apontaram em sua direção, e Warren correu para o lado dela, pegando sua mão fria nas dele. Zeke e Val o flanquearam enquanto Trina permanecia do outro lado.

Os olhos dela se abriram e depois se apertaram contra a luz brilhante da clínica. Quando seus olhos se ajustaram um pouco, seu olhar deslizou sobre os que estavam ao seu redor, pousando em Warren. A mão dela apertou a dele por um momento, absorvendo o conhecimento de que ela era dele e ele era dela. Um sussurro de um sorriso brincou em seus lábios, o mesmo tipo de olhar sonolento que ela lhe deu quando acordou na plataforma.

Então seus olhos se arregalaram e suas pupilas dilataram. Doce carinho deu lugar ao terror. Toda a cor drenou de seu rosto e seu peito se expandiu em preparação para um grito de gelar o sangue. No momento em que seu grito agudo rompeu o ar, todo o inferno se soltou.

Persia se agitou, tentando fugir da fonte de seu pânico - Warren. Os instintos de Val presumivelmente começaram quando ela tentou manter Persia na maca, enquanto Trina e Warren usavam tons suaves para tentar acalmá-la. Zeke gritou para Max mover sua bunda e ajudar enquanto Max se afastava do caos, o que Warren apreciou. Ele já não gostava da ideia de Val tocar sua companheira. Se outro homem – acasalado ou – a tocasse, ele poderia enlouquecer.

— Persia, querida, você precisa se acalmar ou vai desmaiar de novo, — Trina permaneceu firme, sua voz muito perto de gritar.

— Acalme-se, porra! — Val rosnou enquanto ela lutava para contê-la sem machucá-la.

— Você está segura, Persia. — Warren tentou sorrir, mas ela apenas se encolheu.

— Respire fundo, — Zeke acrescentou com um tom autoritário que certamente não acalmou os nervos de Warren, e ele duvidava que isso ajudasse Persia.

— Vocês, talvez devessem... — Max começou, mas Trina o interrompeu com um olhar.

Warren estava desesperado para ajudá-la, para acalmá-la, para mostrar que eles não fariam nenhum mal, mas ela não podia ouvi-los por causa de seus próprios gritos. — Eu disse que você está segura, — ele levantou a voz. — Está tudo bem!

— Warren, você não está ajudando, — Val gritou.

— Nem você. Solte-a!

Trina fez uma careta para todos eles. — Todo mundo precisa calar...

Uma explosão fresca de ar matinal atingiu todos eles, trazendo consigo o perfume da ômega do grupo, Cassandra. Ela flutuou como uma folha ao vento, seu poder irradiando dela e acalmando todos, exceto os nervos estremecidos de Persia. Ela nem precisou pronunciar uma única palavra para levar todos a dar alguns passos para longe da paciente. Ela simplesmente deslizou para eles, seus cabelos brancos como a neve ondulando ao longo das costas e misturando-se perfeitamente com seu vestido de seda igualmente branco. Debruçada sobre uma Persia que ainda balbuciava, ela sorriu e a sala se encheu de um calor pacífico.

— Bom dia, Persia, — Cassandra estendeu a mão e colocou a mão na bochecha de Persia.

Persia congelou e depois suspirou e relaxou um pouco. Seus olhos ainda estavam esbugalhados e seu peito bombeava com a respiração em pânico, mas pelo menos seus gritos haviam se tornado lamentos fracos.

O sorriso de Cassandra ficou mais amplo. — Você está entre amigos aqui, Persia. No fundo, você sabe disso. Certo?

O olhar de Persia voltou-se para Warren e depois de volta para Cassandra, e ela deu um pequeno aceno de cabeça que o atingiu com esperança.

— Bom, — continuou Cassandra. — Seus amigos vão lhe contar tudo o que você quer saber sobre eles. Tudo que você precisa fazer é respirar fundo e manter a mente aberta. Eu prometo, ninguém vai te machucar. Você acredita em mim?

Seu aceno de cabeça foi mais enfático dessa vez. Então seu olhar castanho-azulado o encontrou novamente, e Cassandra deu um passo para trás para permitir que ele se aproximasse. Persia parecia mais confusa do que nunca. Ele só esperava poder explicar tudo sem assustá-la novamente. Coçando a parte de trás do pescoço, ele respirou fundo e começou.

— Sinto muito por assustá-la assim, Persia, mas só fiz isso para protegê-la. Antes de perguntar, sim, o que você viu realmente aconteceu. Eu posso me transformar de um humano em um lobo. O mesmo lobo que você tem ido visitar no prado. Eu sei que isso deve parecer loucura para você, mas é verdade. Eu posso te mostrar de novo, se você precisar...

Os olhos da Persia se arregalaram novamente e Cassandra falou baixinho: — Não acho que seja necessário no momento.

Val mudou-se para a linha de visão da Persia e sorriu. — Eu sei exatamente como você está se sentindo, querida. Eu descobri sobre lobisomens da mesma maneira que você, totalmente por acidente. Confie em mim. O que você está sentindo agora é completamente normal. Apenas espere um minuto.

Persia piscou. — Lobisomens?

Val trocou um olhar com Zeke, que se juntou a ela ao lado da maca. — Todos nós que moramos na montanha? Então, na verdade não somos uma vila. Somos uma alcateia de lobisomens. Eu sou o alfa do bando, não o prefeito.

Warren empoleirou-se na beira da maca e apertou a mão dela novamente. Ele ficou surpreso e satisfeito por ela não se afastar. O simples ato de tocá-la ajudou a aliviar sua ansiedade, e ele esperava que, de alguma forma, a conexão deles também a ajudasse.

— Vivemos entre humanos, mas mantemos nossa verdadeira natureza em segredo. Caso contrário, todos eles surtariam como você. — Seus lábios se curvaram em um sorriso gentil. — Para evitar a exposição acidental, geralmente moramos nos arredores das cidades e mantemos distância.

— Nem sempre, porém, — Val interrompeu. — A irmã de Zeke era minha colega de quarto em Atlanta. Eu a peguei se transformando um dia e tenho certeza que minha reação foi semelhante à sua. Tivemos que ter o mesmo bate-papo. Quando conheci Zeke, eu já sabia dos lobisomens há uma boa década.

O olhar de Persia disparou entre Val e Zeke. Ela sabia que eles eram um casal, e lentamente os pontos se conectaram em seu cérebro.

— Isso significa que você é...

Val assentiu. — Todos nós somos. Ainda sou uma novata nessa coisa toda de lobo, mas estou pegando o jeito.

Zeke sorriu para sua companheira com orgulho. — Melhor do que isso. Você nasceu para se tornar uma, meu amor.

Val colocou a mão protetora em seu estômago ligeiramente saliente e retornou seu olhar de amor. — Esse aqui também.

Persia estava focada em Val. — Como você... como foi... como?

Ela não precisava terminar suas perguntas para que todos na sala entendessem o que ela queria saber. Eram as perguntas óbvias, as que qualquer pessoa em sua posição faria. Perguntas mais difíceis viriam mais tarde, e Warren estava preparado para respondê-las, mas naquele momento, a existência de lobisomens precisava afundar primeiro.

— Muitos de nós nascemos como lobisomens, — respondeu Warren, — embora alguns sejam feitos. Mas não se preocupe. Em nossa sociedade, é uma ofensa de pena de morte um lobisomem transformar um humano que não é seu companheiro predestinado.

A testa da Persia enrugou. — Companheiro o quê?

O coração de Warren trovejou. Como ela reagiria ao que ele tinha a dizer? A ideia de perdê-la era quase demais para

suportar, mas ele não tinha outra escolha. Ela precisava saber tudo.

— Companheiros predestinados. O amor funciona um pouco diferente para nós, Persia. Lobos se acasalam por toda a vida, e nos encontramos pelo cheiro. No momento em que um lobo capta o perfume de sua companheira predestinada, algo muda dentro dele. Só a companheira dele importa, acima de tudo, exceto o bando, pelo resto de sua vida.

Persia olhou para ele atentamente, uma pergunta saltando em seus olhos. Então ela engoliu em seco e perguntou. — Você tem uma companheira?

Emoção brotou dentro dele - como não poderia? Mas, em vez de tentar esconder, ele deixou tudo para ela ver antes de responder.

— Claro que sim, Red. Você.



CAPÍTULO DEZESSEIS

A mente de Persia zumbia tão alto que ela não conseguia se concentrar em nada por mais de meio segundo. Era como quando você clica no link errado no seu computador e sua tela se enche de dezenas e dezenas de pop-ups irritantes. Só que seu cérebro era a tela e a história louca que essas pessoas aparentemente sãs estavam lhe dizendo que eram os pop-ups. Se apenas um pequeno aspecto disso fizesse sentido, talvez a dor atrás dos olhos dela parasse.

Ela beliscou a ponta do nariz e fechou os olhos com força. — Sinto muito, mas estou tendo um pouco de dificuldade para acompanhar.

— Isso é perfeitamente compreensível, — Trina colocou uma mão reconfortante em seu ombro.

Ela provavelmente deveria ter se encolhido com o toque de uma lunática, mas de alguma forma a aterrou.

— O que você não entende? — Warren perguntou em um tom perfeitamente cortês que de alguma forma a irritou.

— Oh, eu não sei, vamos ver... eu não entendo nada sobre criaturas mágicas que podem transformar-se de humanos em lobos. Nem um pouco, parece fora do contexto de um filme de terror ruim. Outra coisa que eu não entendo é esse conceito qualquer que seja de destino. Quero dizer, não me entenda

mal, é fantasia de toda garota ter um homem que se apaixona por ela com tanta força que ele se tornaria seu amante e protetor pelo resto de suas vidas, mas... fala sério. A vida não funciona assim.

Tudo tinha que ser algum tipo de piada épica, talvez algum novo reality show pegando mulheres inocentes com promessas de amor eterno. Cruel, mas o mundo havia se tornado um lugar verdadeiramente cruel.

— Sim, funciona. — Insistiu Warren, um estranho desespero brilhando em seu rosto. — Eu juro.

— Ok, assumindo que lobisomens são reais, o que eu não acredito nem por um segundo, eu não sou uma. Como eu poderia ser sua companheira? — Ela usou aspas no ar em torno de "companheira".

— Não se esqueça, eu também era humana, — Val entrou na conversa. — Eu pensei que todas essas coisas de companheiro predestinado eram apenas um monte de bobagens no começo. Mas posso lhe dizer, Persia, que não ia querer que fosse diferente. A verdade é que nunca senti que me encaixava em lugar algum até chegar aqui. Não quando eu estava na lista do reitor da faculdade, nem quando eu estava fazendo um nome para mim no exército, nem mesmo em combate, que eu sempre pensei que fosse o meu verdadeiro chamado.

Persia queria enchê-la de perguntas, mas dar voz a esses pensamentos poderia sugerir que ela acreditava um pouquinho no que eles estavam dizendo.

O que ela não fazia.

Não.

De modo nenhum.

— Admito que, quando conheci Zeke, não senti nada além de uma forte atração. — Zeke fez uma careta e olhou ao redor da sala, silenciosamente dizendo a todos para manter essa informação para si mesmos. — É verdade, era mais forte do que qualquer coisa que eu já senti, mas eu não diria que isso mudou a minha vida. Parecia um pouco como se você enfiasse um garfo em uma tomada elétrica. Você ficaria um pouco chamuscada, talvez caísse de bunda e definitivamente pensaria: 'Que merda aconteceu?' Mas agora que sou uma shifter, posso dizer-lhe que o sentimento é intensificado, mais como pegar um cabo de alta tensão com as mãos. É de estremecer a alma.

Isso pareceu aplacar Zeke, porque ele passou um braço em volta dos ombros dela e deu um beijo doce em sua têmpora.

— Agora eu *pertenço*, — Val continuou. — Eu não apenas sinto isso. Eu sei disso. Eu tenho meu companheiro, meus amigos, todo o bando, que se tornaram minha família. Meus companheiros de alcateia me aceitam e me amam por quem eu sou, boca suja e tudo. Eu não vou mentir. É difícil entender,

mas tudo o que posso dizer é que me sinto completa agora. Como se eu tivesse encontrado meu lugar no universo. E como se eu não precisasse mais procurá-lo, posso relaxar e aproveitar cada segundo.

O discurso de Val realmente atingiu Persia. Ela sempre se sentiu deslocada. Quando criança, ela era uma moleca quando sua mãe queria que ela fosse uma garota feminina. Seu pai esperava que ela seguisse os passos dele, o que ela claramente ela não tinha feito. Até as únicas pessoas com quem ela podia chegar perto de chamar de amigos eram transitórias - e a maioria delas estava sentada nas celas da prisão naquele momento, sem dúvida odiando suas entranhas. O pensamento de finalmente pertencer a algum lugar atraia Persia mais do que ela jamais teria imaginado. Talvez...

— Não, não, não. — Ela balançou seus cachos vermelhos com força suficiente para que eles saltassem contra seu rosto. — Parem de sacanear comigo, pessoal.

— Você precisa de provas? — Max se aproximou o suficiente para ela vê-lo. — Eu ficaria feliz em mostrar como acontece.

O marido da Trina – ou companheiro ou como ele era chamado – começou a desabotoar sua camisa, o que atraiu Warren. Arrastando Max para fora do campo de visão de Persia, ele entrou em seu lugar.

— Se alguém vai mudar na frente da minha companheira, serei eu!

Memórias manchadas do corpo de Warren se transformando em algum tipo de criatura mutante dispararam adrenalina em suas veias, aumentando sua frequência cardíaca. O terror que ela sentiu encarando seus olhos selvagens e brilhantes a dez metros de altura em uma árvore... o que não era real. Não poderia ser. No entanto, por mais que tentasse acreditar que tudo tinha sido um sonho, ela não conseguia apagar de sua mente as imagens da transformação de Warren. Ela esteve lá. Ela tinha visto. Prova do que todos eles disseram.

— Não, não faça essa coisa de mudar. — Ela cobriu os olhos como se ele fosse fazê-lo de qualquer maneira. — Eu já vi esse show. Duas vezes. Acho que cumpri minha cota por toda a vida.

Trina apertou seu ombro. — Confie nos seus instintos, Persia. Ouça-os, mesmo que seu cérebro racional tente convencê-la do contrário.

Lágrimas queimaram a parte de trás de seus olhos enquanto ela tentava entender tudo. Ela não podia negar o que viu naquela plataforma, e todos os seus instintos gritavam que seus novos amigos estavam dizendo a verdade. Mas ainda...

— Ei, eu tive uma ideia. — Warren puxou a mão para ajudá-la a se sentar. — Por que eu não a levo para uma pequena visita à casa da alcateia? Você pode ter uma noção de quem somos como comunidade. Sem pressão, nada assustador, prometo.

— Ela está bem para andar por aí? — Val murmurou para Trina.

— Claro, apenas vá com calma. Sem longas caminhadas na floresta e, definitivamente, sem mais quedas, ok?

Persia pensou por um momento. Todos na sala exalavam consideração e carinho, então ela não tinha motivos para pensar que estavam armando para ela. Além disso, uma caminhada soava agradável depois da noite que ela teve. Ela assentiu, e então Trina virou-se para Warren.

— Estou falando sério, Warren. Você precisa ficar de olho nela. Entendeu?

A expressão de Warren tornou-se dura, e então ele pronunciou uma única palavra que tirou o fôlego de sua garganta. — Sempre.

O duplo significado dessa palavra não estava perdido para ela, mas ela não conseguia entender o que tudo aquilo significava naquele momento. Deslizando para o chão, ela alcançou o braço estendido de Warren. No momento em que a mão dela tocou a dobra do cotovelo dele, uma corrente do que parecia eletricidade pulsou em seu corpo. Como eletricidade real, de cair de bunda. Exatamente como Val havia descrito. Empurrando o pensamento de sua mente, ela se concentrou em colocar cada pé na frente do outro até que eles se aproximaram de uma grande estrutura de cabana.

— Esta é a casa da alcateia, — explicou Warren, enquanto algumas pessoas – sem lobos – estavam de pé na grande varanda ao redor, bebendo xícaras de café fumegantes. — Zeke e Val moram lá em período integral, assim como alguns outros membros da alcateia. O resto de nós tem pequenas casas em áreas de alcateia, e algumas até moram em Tremble. Em geral, preferimos que todos vivam em áreas da alcateia porque é mais seguro, mas não é obrigatório.

— Por que é mais seguro?

— Não me interprete mal, Tremble é uma cidade legal, e a maioria dos moradores é gente boa. Mas aqui fora, estamos escondidos de olhares indiscretos e dos perigos inerentes aos seres humanos que descobrem nossa existência.

— Como meu pai.

Não era uma pergunta, porque fazia sentido. Supondo que tudo isso fosse verdade. O que não era. Não poderia ser.

— Eu não estava... não quis dizer... — Warren gaguejou, claramente preocupado que ele a tivesse ofendido.

Ela deu a ele um sorriso sombrio. — Eu sei que você não fez. Mas é a verdade. Homens como meu pai são os motivos pelos quais vocês sentem a necessidade de se esconderem. — Ela deixou de fora a parte sobre as ilusões compartilhadas pela comunidade dele.

— As alcateias são estruturadas da mesma forma que os militares, com uma hierarquia específica e forte liderança.

Somos todos lobos, mas não somos todos iguais. O Círculo Governante consiste no alfa como líder, seu beta como uma espécie de braço direito e um executor que comanda a força de segurança, denominado sentinela. São muitos detalhes?

— Não, eu estou entendendo o que você está colocando, — ela respondeu enquanto avistava uma pequena van esperando a uma curta distância da casa de carga. — Você tem uma posição na... alcateia?

Um sorriso orgulhoso tocou seus lábios. — Eu sou o beta de Zeke, o segundo em comando.

— Você já desejou *que você* fosse o líder? — A maioria dos caras se via como alfas, mesmo que a maioria não fosse.

— Bom Deus, não. — Ele riu. — Isso é uma imensa quantidade de pressão e, apesar de ser novo no trabalho, Zeke está lidando com tudo muito bem. Cada um de nós tem seu próprio chamado. Val é única – bem, de várias maneiras, mas principalmente porque ela não é apenas a companheira do alfa, uma posição que oferece muito poder por si só, mas também é a executora da alcateia. As habilidades inatas de cura da Trina fazem dela a curadora perfeita, e Cassandra... bem, Cassandra é uma ômega natural.

— Você quer dizer a mulher bonita de cabelos brancos que conheci? O que é uma ômega?

Warren assentiu enquanto contornavam a varanda da frente em seu passeio preguiçoso. — É difícil de explicar, mas

o melhor que posso dizer é que ela é uma espécie de curandeira mística ou psíquica, se isso soa melhor.

Nada disso parecia melhor. De fato, a coisa toda estava ficando cada vez mais estranha.

— Sim, isso super parece real. Embora, devo admitir, me acalmei bem rápido quando ela entrou.

— Isso faz parte de seu papel como ômega.

— E você, Warren? *Ser* beta é a sua *razão de ser*?

Ele parou de repente, e ela tropeçou alguns passos extras antes de se virar para encará-lo. O que ela viu nos olhos dele a assustou. Não do jeito... eu vou devorar você, Chapeuzinho Vermelho..., mas do jeito... oh merda, ele não está para brincadeiras. A maneira como ele olhou para ela inundou seu corpo com calor e necessidade. Ela quase desejou que eles estivessem de volta à casa da árvore, se beijando como adolescentes.

— Não, Persia, não é minha razão de ser. Eu pensei que era, por um longo tempo, mas depois senti seu cheiro em Wolf Woods. Eu esperei por você, você sabe. Eu cheirei você muito antes de te ver, ou mesmo ouvir seus passos. Quando você saiu para a clareira, o sol brilhou em seu cabelo como se estivesse pegando fogo. Meu lobo queria correr até você, mas eu disse a ele que iria assustá-la. Então, esperamos. E você veio até nós. Você se deitou conosco, mostrou sua alma para nós. Foi

quando eu soube meu propósito na vida. Ser o melhor companheiro possível.

O alvoroço da manhã ao redor deles desapareceu quando Persia olhou para ele, piscando rapidamente enquanto tentava processar as palavras dele em algo que fazia sentido. Não deu certo. A única explicação para ele saber tudo isso era que...

— Ele *era* você! Você realmente *é* meu amigo da floresta!

Parte dela parecia fraca, mas outra parte dela estava excitada, alegre e feliz do que ela jamais imaginou ser possível. Então, a realidade de tudo apagou seu sorriso incipiente e o substituiu por uma carranca.

— O que? — Ele perguntou, olhando-a com uma intensidade que parecia quase invasiva.

— Não sei, Warren. Isso parece tão... complicado. Como posso confiar em você? Você deveria ter me dito quem – ou melhor, o *que* – você é.

A intensidade dela suavizou e ele levantou uma sobrancelha para ela. — Você quer dizer como deveria ter me dito que era filha de Dick McNish?

Persia estremeceu e fez uma careta tímida. — Touché.

Ele colocou a mão dela de volta na dobra do braço e continuou a caminhada, os dedos quentes dele cobrindo os trêmulos dela. — Além disso, considerando sua reação ao *que*

eu sou, tenho certeza que você pode entender o porquê eu não mencionei isso antes.

Vagamente recordando o pânico absoluto que sentiu na noite anterior e os gritos estridentes que ela soltou pouco tempo atrás, ela teve que lhe dar isso. — Justo.

Um pequeno borrão de bronzeado e laranja rasgou o gramado em direção a eles, e Persia se perguntou que inferno estava vindo para ela agora. Quando a criatura desacelerou para fazer círculos em volta deles, ela percebeu que era apenas um cachorro. Um Lulu da pomerânia[8] muito pequeno, se não estava enganada.

Warren riu e se agachou para permitir que o cão pulasse em seus braços. — Persia, eu gostaria que você conhecesse outro membro do nosso bando, Fang. Fang, conheça a Persia.

Fang se esticou o máximo que pôde para alcançar Persia sem sair dos braços de Warren. Persia coçou a orelha do cachorrinho e se aproximou o suficiente para alguns beijos do filhote. — Prazer em conhecê-lo, Fang.

Tendo cumprimentado adequadamente o hóspede, o cachorro pulou dos braços de Warren e correu para Deus sabe onde, deixando uma Persia divertida com a presença de um cachorro em uma suposta alcateia de lobos. Mas antes que ela

[8] Raça de cachorro https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn%3AANd9GcR4qSY3aNMxd9_OZN5qBMoxhhgvPpen2hpulyGRQjGQyhwGx6OR&usqp=CAU

pudesse perguntar sobre isso, uma voz familiar e rouca a chamou.

— Bom dia, Persia!

Virando-se, ela observou seu chefe, Hux Davenport, correndo pelo gramado em direção a eles, um menino pequeno, com feições iguais as dele montando em seus ombros. Ele sorriu quando eles passaram e se dirigiu para a van que esperava.

Mas.

Que.

Inferno?

Ela virou os olhos surpresos para Warren. — Ele é...?

Warren sorriu. — Sim. Ele está levando o pequeno Hux à van que os levará para a escola na cidade. Depois do que aquele pobre garoto passou, Hux faz questão de acompanhá-lo todas as manhãs agora.

Muita informação já havia preenchido seu cérebro. Ela temia que não houvesse espaço suficiente para mais, então não perguntou o que o garoto havia sofrido. Mesmo que tivesse, sua pergunta teria sido abafada pelo som de vários outros pequenos gritando e rindo e sendo crianças empolgadas, todos indo para a mesma van. Um deles se transformou em um filhote de lobo minúsculo, no meio do passo, deixando uma pilha de roupas para trás.

— Que diabos... — Ela engasgou, chocada ao ver uma mudança humana à luz do dia. Era o que ela lembrava da noite anterior, mas muito menos aterrorizante e infinitamente mais fofo. E muito real.

Warren riu suavemente. — A mãe dele vai lhe dar bronca por arruinar as roupas da escola, com certeza.

As crianças eram engraçadas, mas os adultos correndo em círculos enquanto tentavam reunir as crianças hiperativas na van tiraram uma risada da Persia. Até Hux perseguia seu filho, seu mini-eu rindo enquanto tentava fugir de seu pai. Enquanto isso, o pequenino Fang latia e perseguia todos.

O terror que sentiu naquela manhã derreteu completamente. Era apenas uma comunidade, como qualquer outra. Bem, não *muito* como qualquer outra, mas perto o suficiente. Pessoas que se importavam e cuidavam umas das outras, famílias amorosas que tentavam sobreviver, pessoas que queriam viver suas vidas sem serem abatidas em suas próprias terras.

— Mal posso esperar. — Warren murmurou enquanto olhava melancolicamente a cena.

— Para quê?

— Ter alguns filhotes.

Som de disco arranhando.

Puxando a mão para trás, ela o encarou como... bem, como se ele tivesse acabado de dizer que queria ter *filhotes* com ela.

Filhotes!

— Desculpe?

Ele virou um olhar perplexo para ela. — O que?

— Você quer ter o *que* comigo?

— Filhotes. Você não quer filhos?

Ele poderia realmente ser tão imbecil? — Se eu quero ou não, eu literalmente descobri há alguns minutos atrás que um número desconhecido de humanos pode se transformar em malditos *lobisomens* à vontade e, sinceramente, estou tendo bastante dificuldade para entender *isso.* Então você joga essa coisa louca de 'companheira predestinada' em mim, e agora você já me quer com os pés descalços e grávida de bebês lobo? Você precisa seriamente diminuir a velocidade. Sério.

— Eu só... — Ele gaguejou por um momento, aparentemente deslumbrado com a hesitação dela. — Eu apenas pensei que agora que você sabia a verdade, entenderia. Que você gostaria da mordida reivindicatória que a transformará em um lobo e nos unirá pela eternidade.

Persia bufou, olhando para o céu em completa descrença. — Você se ouve. Certo? Diga-me que você ouviu o quão louco isso tudo soa.

— Não para mim.

Seus olhos brilhavam seriamente e, por um momento, uma visão deles em seus anos dourados com dezenas de netos correndo em volta deles trouxe uma onda de alegria ao coração dela. Mas então seu cérebro começou a trabalhar novamente.

— Warren, vamos lá. Não é assim que as coisas funcionam. É uma ideia bonita, mas não é o que acontece no mundo real. Você sabe o que acontece? Casamentos como os dos meus pais. Ele é um viciado em trabalho que ignora a esposa e provavelmente a trai em viagens de negócios. Ela é uma esposa mimada, que gasta todo o seu tempo - e o dinheiro do marido - em viagens ao redor do mundo, provavelmente também o traindo o tempo todo. É assim que um casamento de *verdade se* parece. Tédio. Solidão. Ressentimento. Distância. Não quero isso para mim, Warren. O que eu quero é parar meu pai, e é exatamente isso que vou fazer.

Se ela não saísse dali, seu cérebro poderia explodir. Sem pensar, Persia se afastou de Warren e subiu apressadamente os degraus da van da escola, no momento em que o motorista fechava a porta. O homem a lançou um olhar curioso, mas depois deu de ombros e se afastou do que Warren chamou de casa da alcateia.

Sentando-se ao lado do pequeno Hux na primeira fila, Persia fez o possível para não olhar para trás. Se o fizesse, poderia mudar de ideia e pedir ao motorista que a deixasse sair. Mas seu olhar não parecia querer obedecer a seu

comando. Virando-se, ela olhou pela janela de trás e seu coração se partiu em dois.

Warren estava sozinho na poeira, observando impotente enquanto ela se afastava.

CAPÍTULO DEZESSETE

Warren ficou congelado no lugar muito tempo depois que a van que transportava Persia desapareceu de vista. Até a poeira havia assentado. Todos os pais se dispersaram para cuidar dos seus negócios diários, não prestando atenção ao beta de coração partido, vendo sua companheira fugir dele. Apenas Fang permaneceu sentado perto de seus pés. Ele esticou o pescoço minúsculo para observá-lo e gemeu baixinho com a angústia dele, mas ele mal o notou.

— Bom dia novamente, Warren, — cantou uma voz melódica que ele reconheceu imediatamente.

Cassandra tinha um talento especial para espiar as pessoas, embora ninguém suspeitasse que essa fosse sua intenção. Ela também tinha o hábito de aparecer nos momentos mais ou menos convenientes. Warren não tinha dúvida de que *era* deliberado.

Pela primeira vez desde que ele se lembrava, a presença de Cassandra não teve um efeito calmante sobre ele. Fang parou de choramingar, mas seu coração continuou doendo. Quando ela viu o rosto dele, um sinal de uma ruga se formou entre as sobrancelhas, onde a maioria dos adultos tinha profundas linhas de preocupação.

— Acho que o seu passeio não foi tão bom quanto você esperava, — ela falou suavemente, colocando a mão no ombro dele.

Nada. Nem um brilho quente se espalhando por seu corpo. Nem mesmo um vislumbre do poder de Cassandra poderia passar por sua dor. Mas a presença dela deu-lhe uma ideia. E *isso* permitiu que uma centelha de esperança lançasse uma luz fraca na escuridão.

— Cassandra, — ele se virou para ela com desespero nos olhos. — Faça-a me amar.

A ômega não ria com frequência, mas ela realmente riu de surpresa com o pedido dele. Uma vez que ela se conteve, ela respondeu, dando-lhe um sorriso simpático ao perceber que ele estava falando sério.

— Não funciona assim, Warren.

— Eu vi você fazer isso com aquele caçador, Randy Leeper. — Ele agarrou a mão no braço dela e se recusou a soltar. Ele esperava que ela melhorasse as coisas. Esse era o maldito trabalho dela. — Você transformou um caçador sanguinário em um marshmallow que adora gatinhos e abraços. Deve ser fácil fazer a Persia se apaixonar por mim.

Cassandra suspirou, fazendo com que aquela pequena chama de esperança tremulasse e se apagasse. — Antes de tudo, eu nem tinha certeza de que meus poderes seriam transferidos para um humano, então não posso dizer com

certeza como fui capaz de transformá-lo. Mas deixe-me garantir-lhe que o que ele é agora estava sempre esperando logo abaixo da superfície. Tudo o que fiz foi virar os olhos dele para dentro, o que permitiu que sua verdadeira natureza aparecesse. Acredito que ele passou anos, talvez a vida toda, enterrando a natureza dele sob camadas de masculinidade tóxica.

— Então, vire os olhos de Persia para dentro, para que ela possa ver que me ama. — Ele insistiu, não querendo desistir.

— Oh, meu querido Warren. Não se nasce com amor por outra pessoa. É criado, nutrido, conquistado. O amor humano é especialmente complexo, pois eles não têm nossa capacidade de detectar seu parceiro.

Em vez de se libertar de seu aperto, ela colocou a outra mão em torno da dele, claramente tentando lhe dar forças, mas falhando miseravelmente.

— Você terá meu apoio de qualquer maneira que puder, Warren. Um lobo que encontra sua companheira em uma humana é... desafiador, na melhor das hipóteses. O lobo deve pisar com cuidado e trabalhar duro para conquistar o amor da humana. É preciso muito mais requinte do que simplesmente jogá-la por cima do ombro e começar a trabalhar para ter filhotes no minuto em que vocês se encontrarem. Esse tipo de comportamento é insondável para os seres humanos. A maioria espera anos por algo remotamente próximo disso, e às vezes nunca consegue.

— Mas e Val? — Ele agarraria qualquer esperança neste momento.

Fang uivou ao som do nome de sua dona e depois correu em direção à casa da alcateia para encontrá-la. Cassandra deu um sorriso feliz.

— Val era uma humana quando conheceu Zeke, eu vou lhe dar isso, mas ela estava longe de ser típica. E não esqueça que ela teve muitos anos para aceitar nossa existência. Seria injusto e cruel comparar suas situações.

Poof! A brasa da esperança se apagou. O desespero tomou conta dele. Soltando Cassandra, ele fez uma careta para a terra.

— Então acabou, — ele murmurou, com a voz embargada no final.

Ela esperou um pouco, depois ofereceu: — Não necessariamente. Como você trabalhou pelo amor da Persia?

Ele se animou com isso. — Eu ajudei a construir todas essas casas na árvore, por exemplo. Zeke doou os materiais, e um grupo de sentinelas se ofereceu para ajudar a construí-las.

— Então... você fez o que qualquer trabalhador de construção generoso com o mesmo objetivo que os manifestantes, podia fazer, — ela observou secamente.

Isso não parecia romântico quando ela disse dessa maneira. — Sim, mas...

— O que mais?

Warren destruiu seu cérebro. — Eu, hum, trabalhei sem camisa?

Ela não parecia totalmente impressionada com isso, então ele rapidamente encontrou outra coisa. — Cassandra, eu mostrei a ela tudo sobre mim, como poderia ser a vida na alcateia, qual seria o nosso futuro. Ela sabe como me sinto e sabe que somos companheiros, mas ela virou o nariz para tudo isso. O que mais posso fazer?

Cassandra passou um dedo fantasmagórico pela bochecha. — Meu garoto, muito mais. Você consegue pensar em algo que vocês tenham em comum? Algo que conecte vocês em um plano não-físico?

— Sim! Ela ama meu lobo. Antes que ela... descobrisse sobre mim, eu a encontrava na clareira em Wolf Woods, na minha forma de lobo. Uma vez que ela percebeu que eu não iria comê-la, ela se abriu para mim, desabafando sobre isso e aquilo. Foi assim que a conheci melhor.

— Entendo, — Cassandra refletiu, uma única sobrancelha se erguendo em diversão. — Não convencional, e talvez um pouco enganador, mas inteligente. Você tocou nela?

— Claro. Tanto quanto eu pude, de qualquer maneira.

— Sexualmente?

— O que? Não! Coisas normais, como roçar a mão ou lamber o rosto, esse tipo de coisa.

— Uh huh, — ela murmurou, como se estivesse refletindo sobre essa informação, mas Warren sentiu que já sabia o que estava prestes a dizer. — E com que frequência você vê humanos lambendo o rosto um do outro?

Seu estômago caiu como um balão velho em um dia frio.

— Não pareça tão abatido, Warren. Você e seu lobo podem ter maneiras diferentes de lidar com seus instintos, mas compartilham a mesma personalidade central. Se ela ama seu lobo, acredito que há esperança de que ela vai amá-lo, se você se dedicar ao trabalho.

— Que tipo de trabalho? Conte-me. — Ele faria qualquer coisa para conquistá-la. *Qualquer coisa.*

— Primeiro você precisa encontrar versões humanas de lamber o rosto dela. Pense no que ela gosta no seu lobo. Além do seu pelo fofo. — Ela acrescentou com uma piscadela.

Warren nunca se sentiu tão confuso e sem rumo. Ele era geralmente aquele com o conselho prudente, o plano de ação conservador. Mas agora ele não tinha ideia de como proceder.

— Ela gosta de conversar com ele, eu acho, contando a ele tudo o que ela está lidando.

— Ah! Então, ela gosta de um bom ouvinte. Quando você está na sua forma humana, ouve com a mesma atenção que o seu lobo?

Claro, ele queria dizer, embora soubesse que era mentira. Ele passou muito tempo falando e tentando impressioná-la.

— Acho que esse é o tipo de coisa que os amigos fazem, — ele murmurou, não gostando particularmente do que via no espelho figurativo que Cassandra estava segurando na frente dele.

— Você não acha que os companheiros também devem ser amigos? — Ela perguntou com uma risada suave que enviou chamas às bochechas dele. — Para os humanos, a amizade geralmente vem muito antes do amor. Você quer ser sua companheira imediatamente, e eu entendo esse impulso. Está na sua natureza. Mas não está na dela, então, se você a quiser, terá que reprimir seus instintos e atender aos dela. Tente ser seu amigo, Warren. Só então você terá a chance de conquistar o coração dela.

— E se isso nunca acontecer?

O sorriso que sempre parecia tocar nos cantos da boca de Cassandra se transformou em uma carranca bem definida. — Hipóteses são perigosas, mas não vou mentir. Quando um lobo sabe quem é sua companheira, mas por qualquer motivo não pode tê-la, esse pobre lobo tem minha maior simpatia.

— Por quê? — Ele perguntou, apesar de seu grande desejo de não o fazer. Sempre era ensolarado na terra da negação.

— Porque aquele lobo viveria o resto de sua vida em uma miséria. É um destino que nenhum lobo normal desejaria ao seu pior inimigo.

Uma escuridão tão negra e densa que toda a esperança foi devorada por sua gravidade nublou seus olhos, coração e alma. Ele apertou a mandíbula para não chorar como uma criança no meio do gramado da casa da alcateia. Capturando o olhar de Cassandra com uma urgência que ele sentiu até as pontas dos cabelos, deu um passo em sua direção.

— Então tire isso de mim agora.

— Tirar o que?

— A coisa do companheiro. A atração, a conexão, seja o que for. Não me importo se isso significa que ficarei sozinho pelo resto da minha vida. Não consigo imaginar uma vida inteira dessa dor. Apenas faça seu vodu e faça com que ela não seja minha companheira. Quero dizer, ela é humana. Não pode ser tão difícil.

O olhar de pena e decepção em seus olhos envergonhou Warren mais do que suas palavras jamais poderiam. Então vieram suas palavras.

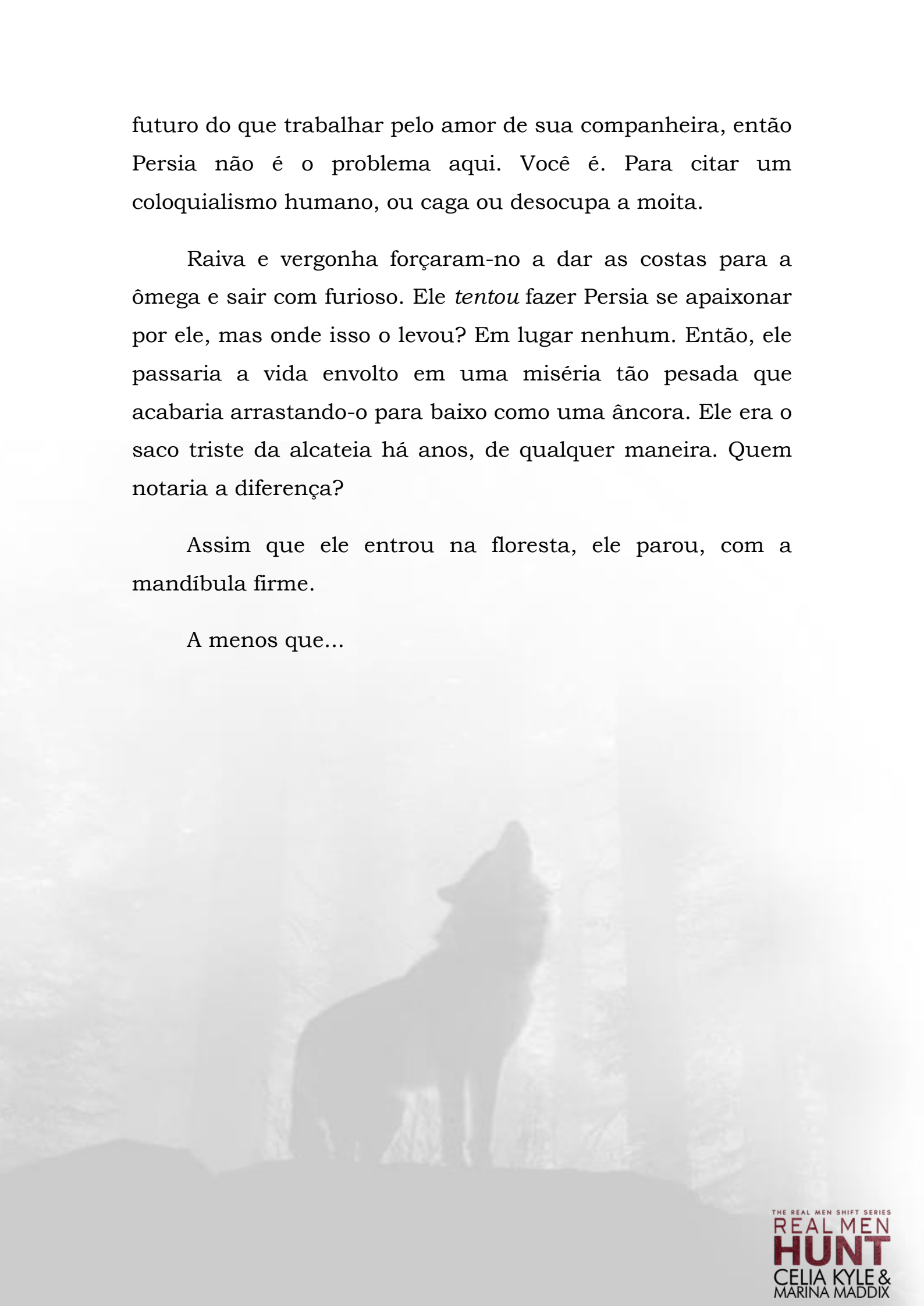
— Warren, eu amo você tanto quanto qualquer outro membro deste bando, então vou falar francamente. Se você prefere uma magia que tire qualquer chance de alegria em seu

futuro do que trabalhar pelo amor de sua companheira, então Persia não é o problema aqui. Você é. Para citar um coloquialismo humano, ou caga ou desocupa a moita.

Raiva e vergonha forçaram-no a dar as costas para a ômega e sair com furioso. Ele *tentou* fazer Persia se apaixonar por ele, mas onde isso o levou? Em lugar nenhum. Então, ele passaria a vida envolto em uma miséria tão pesada que acabaria arrastando-o para baixo como uma âncora. Ele era o saco triste da alcateia há anos, de qualquer maneira. Quem notaria a diferença?

Assim que ele entrou na floresta, ele parou, com a mandíbula firme.

A menos que...



CAPÍTULO DEZOITO

Um pesado silêncio pairava sobre o anteriormente movimentado local de protesto na entrada de Wolf Woods. Persia estava sentada debruçada sobre a minúscula mesa dobrável de Betty, checando três vezes cada pedaço de papelada quanto em busca de erros. Tudo precisava estar perfeito se ela quisesse ter a chance de ganhar uma liminar temporária contra o pai. Um erro de ortografia poderia levar sua moção para fora do tribunal, deixando-o livre para prosseguir com seus planos de começar a derrubar a floresta.

Depois de pegar uma carona na van, levando todos aqueles garotos fofos para a escola, Persia havia dado ao motorista dez dólares para deixá-la em Wolf Woods, para que ela pudesse finalizar sua papelada e ir ao tribunal. Por mais urgente que fosse a liminar, ela se pegou olhando pela janela lateral de sua van em direção à floresta. Mais especificamente, em direção ao prado na floresta. A luz clara da manhã atravessava as árvores em pilares de ouro pálido. Os pássaros faziam suas coisas de passarinho, como se não se importassem com o mundo. Beleza e felicidade demais para seu estado de espírito, então ela voltou o olhar para os documentos e tentou não pensar em Warren e lobisomens e crianças adoráveis que podiam se transformarem em filhotes ainda mais adoráveis.

O som de cascalho triturando sob pneus a trouxe de volta à realidade. Por um breve momento, seu coração deu um salto

ao pensar que Warren a seguiu, mas um olhar pela janela de trás matou essa fantasia. O BMW de seu pai parou logo atrás dela, como se ela precisasse de mais uma nuvem negra para ferrar um dia já sombrio.

— Merda, — ela murmurou, juntando toda a papelada e empurrando-a em uma pasta.

Abrindo a porta lateral e pulando, ela rapidamente fechou e trancou a van, apenas por precaução. Considerando que ele havia enviado um de seus caçadores para sequestrá-la ou matá-la na noite anterior, não valia a pena arriscar.

— Bom dia, princesa, — Dick deu um sorriso caloroso, como se não fossem inimigos amargos.

— O que você quer? — Seu tom hostil não deixou nada para a imaginação.

Dick levantou as mãos em sinal de rendição. — Eu venho em paz, — ele brincou, mas Persia não confiava mais em nenhum de seus tons. — Honestamente, eu esperava que pudéssemos conversar.

Oh, isso não parecia suspeito como o inferno. — Sobre o que?

— Não é óbvio? — le perguntou simplesmente.

Isso era. Ela olhou para a pasta dentro de Betty e depois assentiu. — Tudo bem, fale.

— É uma manhã perfeita para passear com seu velho pai, — ele ofereceu o braço.

Ela o ignorou e partiu em direção à clareira, em parte por hábito, mas mais na esperança de que ele visse a beleza do lugar e decidisse deixá-lo imperturbável. Um tiro no escuro, sem dúvidas, mas com certeza não poderia machucar.

Ele rapidamente ficou para trás, preocupado com arbustos baixos pegando suas calças ou arrastando seus sapatos polidos. Persia continuou a caminhar, sentindo um gosto amargo pelo desconforto. Uma vez que o caminho abriu um pouco, ele conseguiu chegar do lado dela.

— Você queria conversar, então fale, — ela resmungou, mantendo o olhar no terreno.

— Bem, francamente, sinto sua falta.

Isso a surpreendeu com tanta selvageria que ela parou abruptamente e o encarou como se tivesse crescido uma segunda cabeça nele. Seus olhos cinzentos estavam sombreados, quase cautelosos. E não era porque seu coração estava em risco. O homem não tinha um, então ele obviamente tinha outros motivos. Ela bufou, revirou os olhos e voltou a andar.

— Uh huh, claro. Você quase me fez acreditar por um segundo.

Ele se apressou para recuperar o atraso. — É verdade. Sua mãe também sente sua falta.

Desta vez, ela riu completamente. — Oh, por favor. Mamãe mal sabe que eu existo. Eu quero que você adivinhe a última vez que falei com ela. Vá em frente, adivinhe.

Eles se arrastaram por um momento antes de ele adivinhar: — Seu aniversário?

Persia não se incomodou em tentar impedir seu riso amargo. — Bem, tecnicamente você está certo, mas eu lhe darei uma pergunta bônus. *Qual* aniversário?

— Uh...

— Meu vigésimo quinto, papai. Três anos atrás. — Ela suspirou profundamente. — Escute, eu não guardo rancor dela. Você pode me corrigir se eu estiver errada, mas ela nunca quis ter um filho em primeiro lugar. Confie em mim. Ela não sente minha falta.

— Agora, princesa...

— Desista. Não é como se vocês dois tivessem realmente me criado. Isso foi deixado para a infinidade de babás que iam e vinham, mesmo quando mamãe *não estava* sendo ensopada de bronzeador por um garoto bonito em uma terra estrangeira.

A acusação não tão sutil da provável infidelidade de sua mãe nem sequer fez seu pai se encolher. — Bem, eu ainda sinto sua falta.

— Oh, por favor. Você nem me conhece.

Foi a vez do pai bufar. — Eu te conheço melhor do que você pensa. Você é minha filha, meu sangue.

— Infelizmente.

A tensão zumbiu entre eles enquanto eles se arrastavam. Persia não *odiava* o pai. Ela odiava o que ele fazia, o que provavelmente significava que deveria odiá-lo, mas ele ainda era o pai dela. Eles tiveram momentos pungentes e um punhado de boas lembranças juntos. Ainda assim, ela sabia que eles nunca teriam um relacionamento saudável.

— Você é inteligente demais para o seu próprio bem, — disse Dick suavemente. — Você pensa que está sempre certa e sabe melhor que todos os outros. Você é teimosa como uma mula. Você é romântica de coração, mesmo que provavelmente pense que não é, mas o pior de tudo é que você realmente acredita que o bem sempre triunfará sobre o mal.

— E isso é uma coisa ruim?

— É... equivocado, e você sabe disso. Você é inteligente o suficiente para saber que o mundo não é preto no branco, bom ou ruim. Isso é apenas uma construção criada para manter o proletariado sob controle. Existem apenas vários tons de cinza, minha querida.

A mente de Persia brilhou instantaneamente em um determinado livro que ela e todas as suas amigas leram na faculdade. Isso a fez pensar em sexo, o que a fez pensar no corpo musculoso e perfeito de Warren. O que levou a lembrar

como ele a acariciou gentilmente, a doçura do seu beijo, o calor do seu desejo. Nada disso deveria ter passado pela sua cabeça na presença de seu pai.

Ainda assim, a avaliação dele sobre ela era bastante certa, não que ela admitisse isso para ele. A única coisa que ficou presa em seu rastro foi a insistência dele de que ela era romântica. Claro, ele a qualificou dizendo que ela não pensaria assim, e isso também era verdade. Mas quando criança, um de seus passatempos favoritos era realizar casamentos imaginários com colegas adolescentes no quintal. Todos os Backstreet Boys foram imortalizados em forma de pôster nas paredes dela, ela ia dormir com sonhos de beijar cada um deles. Quando vários namorados traziam flores e tentavam cortejá-la, ela sempre gostava imensamente, mesmo que o garoto em questão fosse um pouco medíocre. Sem dúvida, ela adorava ser romanceada. Pena que um certo caipira sexy não tinha um osso romântico em seu corpo.

Mas o romance realmente importa? Claro, era agradável e divertido, mas o amor era amor, independentemente de todos os detalhes. Ela não precisava de poesia piegas, chocolates e flores ou grandes gestos. O que Persia sempre quis foi algo que nunca havia recebido de seu pai – honestidade. Isso importava mais do que todo o resto combinado. E apesar de ter demorado um tempo para revelar sua verdadeira natureza – compreensivelmente – Warren havia lhe contado a verdade sobre tudo.

Seu coração balançou em seu peito, fazendo-a tropeçar, embora ela o tenha feito parecer como se tivesse tropeçado em uma raiz. Sua própria verdade era que ela não tinha percebido completamente que ela não sentia apenas tesão pelo carpinteiro sexy. Uma parte dela que tinha sido enterrada tão profundamente que ela nem sabia que existia tinha carinho por ele. Quando ela se lembrou de subir a bordo do ônibus mais cedo, sua respiração ficou presa no peito, lembrando da dor que ela sentiu deixando-o na poeira. E não apenas por causa da dor que ele certamente sentiu depois de lhe mostrar sua alma, mas porque *ela* sofria ao deixá-lo. Eles estavam separados há mais ou menos uma hora e, no entanto, ela desejava tê-lo por perto. Não apenas por sexo, mas sua alma doía por ele.

Oh merda, eu estou apaixonada!

O pensamento a levou de volta ao presente. Seu pai ainda estava falando sobre o quanto ela significava para ele, blá, blá, blá, enquanto se aproximavam da clareira onde ela havia se encontrado tantas vezes com Warren como lobo.

— Chega, papai. Apenas pare.

— Ok... — Ele admitiu, embora claramente não quisesse.

Ela parou um pouco antes que eles estivessem prestes a invadir o local que parecia tão sagrado para ela. Compartilha-lo com o pai quando ele queria destruí-lo parecia errado. A menos que ela pudesse fazer ele mudar de ideia.

— Por favor, deixe Wolf Woods em paz, — ela implorou, abrindo-se a ele para que ele pudesse ter uma pequena ideia de como tudo era importante para ela. — *Por favor.*

— Agora, princesa...

— Sério, o rancho de frango é muito melhor para todos. É um clássico ganhar ou ganhar, e você sabe disso.

Dick inalou e limpou a sujeira do seu sapato muito caro. — Não posso negar que é uma proposta sólida, mas temo que seja um pouco tarde demais, Persia. Eu já investi demais nessa propriedade.

— Na forma de suborno, por acaso?

Ele nem teve a graça de corar. Ele simplesmente deixou seu sorriso responder à pergunta.

— Você quer que eu me ajoelhe e implore, papai? Porque eu vou. — Ela provou seu argumento e caiu no chão esponjoso da floresta, lançando um olhar suplicante para ele. — Por favor, se não for pelos habitantes, então por mim. Esta não é apenas uma das minhas causas, papai. Tornou-se muito mais. É uma missão de amor.

— Amor? — Ele perguntou, franzindo a testa como se o conceito fosse estranho para ele.

— Eu... — Ela limpou a garganta e tentou novamente. — Eu fiquei próxima de um dos homens da, uh, vila Soren. Esses

bosques significam muito para eles, o que torna isso muito pessoal para mim.

O rosto de Dick ficou vermelho e depois escureceu para um roxo apoplético. — Você... — Ele gaguejou, incapaz de encontrar palavras para o que estava o incomodando. — Você está apaixonada por um daqueles malditos *mutantes* imundos?

Levou alguns momentos para que as palavras de seu pai fossem absorvidas. Quando o fizeram, Persia se levantou sem jeito e afastou-se dele. A terrível percepção de que o pai dela sabia o que o Warren e o seu povo realmente eram, levou-a até ao âmago.

— Você sabe? — Ela perguntou, sua voz apenas acima de um sussurro.

Dick não se deu ao trabalho de negar. Em vez disso, ele lançou a um olhar condescendente, que dizia muito. — Claro. Que tipo de empresário eu seria se não soubesse todos os detalhes sobre meus inimigos?

A gravidade total dessa informação quase a fez estremecer. Engolindo em seco, ela fez uma pergunta que até mesmo ela, uma inimiga de Dick McNish, nunca pensou que fosse perguntar.

— Então, você *sabia* que os lobos que seus capangas estão caçando não são apenas animais? — Suas mãos voaram para a boca, querendo recuperar as palavras assim que foram

ditas, mas uma vez que estavam lá fora, ela reconheceu a verdade nelas. — Jesus papai! Você está matando *pessoas!*

— Eles não são pessoas, Persia. Eles são mutantes. Abominações que devem ser exterminadas a todo custo.

— Não, eles não são. Eles são como você e eu. Eles só têm um talento incomum. Eles são bons e nobres e só querem viver suas vidas sem um *assassino* atirando neles!

O rosto de Dick ficou ainda mais roxo. — Não acredito que você os defende. Eu sou seu maldito pai, Persia. Seu sangue!

— Não me lembre disso, — ela cuspiu de volta, finalmente e verdadeiramente farta do homem que doou seu material genético uma vez. — Prefiro passar o resto da minha vida como um deles a passar mais um minuto em sua órbita tóxica!

Ela virou-se para voltar para sua van, mas Dick agarrou seu braço, puxando-a contra ele com força. Sua respiração cheirava a café velho e ódio.

— Minha filha só se tornará um daqueles mutantes sob meu cadáver, — fervia ele.

No momento em que ele começou a arrastá-la de volta por onde eles vieram, os arbustos e as pequenas árvores bloqueando sua visão do prado farfalhavam freneticamente, e então um grande lobo cor de areia saltou neles. Dick empurrou Persia em direção ao lobo, em um esforço para se salvar, mas o lobo de Warren disparou ao redor dela para se posicionar

entre ela e o pai. Patas abertas, cabeça baixa, lábios puxados em um rosnado assustador e cheio de dentes, ele esperou o próximo movimento de Dick.

O instinto de se proteger se tornou secundário quando viu o lobo protegendo Persia, sua propriedade. — Afaste-se da minha filha, sua *aberração!*

O lobo avançou um passo, os pelos erguidos por toda a espinha. O rosnado baixo e estridente vindo dele cresceu em um estalar agudo de suas mandíbulas poderosas. Dick piscou surpreso, mas quando o lobo ficou parado, ele pareceu ganhar confiança, como se o animal não tivesse planos de atacá-lo.

— Hora de terminar isso de uma vez por todas. — Dick zombou quando enfiou a mão no bolso do paletó e sacou uma pequena pistola.

Persia entrou em pânico. Ela passou a vida vagando, lutando com o pai pelo que pensava ser certo, mas nunca criando raízes. Ela ainda tinha problemas para entender esse negócio de shifter, mas Warren valia o esforço. Assim como as pessoas na vila Soren... alcateia... como quer que fosse. De jeito nenhum ela iria se afastar e assistir seu pai tirar essa chance dela.

— Não! — Ela gritou, agarrando um punhado de pelos de Warren e tentando puxá-lo para trás dela, mas ele era forte demais. Ele virou a cabeça enorme para olhar nos olhos dela, uma tristeza que fez seus ossos doerem emanando deles, e

então ele esbarrou nela com seus membros posteriores e a derrubou em sua bunda.

— Droga, fique parado, seu monstro! — Dick gritou, tentando fixar o olhar no lobo e não na filha, embora ela permanecesse perigosamente próxima.

Assim que ele apertou o gatilho, um borrão preto e peludo saltou dos arbustos, seu corpo enorme bloqueando o lobo de Warren. Um grito agudo ecoou pela copa e um jato de sangue espirrou no rosto de Persia quando o som da besta negra caindo no chão partiu seu coração. Quem quer que fosse esse lobo, acabou de se sacrificar para salvar Warren. Isso fazia dele um herói no livro dela.

Enquanto Dick tentava entender o caos, Warren aproveitou a chance para avançar e prender o pulso do homem. Dick tentou se libertar. Então ele tentou puxar o gatilho novamente, mas a pressão e a dor provaram ser demais. A arma bateu no chão macio, seu sangue pintando-o de vermelho. Pérsia não sentiu nada além de alívio com os gritos de dor de seu pai enquanto ele tropeçava, em direção à relativa segurança de seu carro de luxo. Não que ela quisesse que ele sofresse... tudo bem, talvez ela quisesse que ele sofresse um pouco.

Uma vez que Dick estava longe o suficiente para não ser mais uma ameaça, Warren voltou à sua forma humana. Desta vez, a transformação não assustou Persia tanto quanto antes. Era muito fascinante e meio bonito. Sem mencionar o fato de

que ele saiu de sua forma de lobo completamente nu. Mas no momento em que seus olhos humanos encontraram os dela, ela percebeu que outras coisas eram muito mais importantes naquele momento. Como o lobo sangrando deitado na terra e nas folhas, aquele que levou uma bala pelo homem dela.

— Levi. — A voz de Warren estava tensa.

Eles alcançaram o lobo ao mesmo tempo, Persia acariciando seu rosto peludo enquanto ele choramingava de dor. — Quão ruim? — Ela perguntou enquanto Warren sondava o ferimento no ombro do lobo.

Ele sorriu tranquilizadoramente para o lobo. — Levi, não se transforme, ok? Você precisa conservar sua força. Não me parece grave, mas realmente precisamos levá-lo a Trina.

Persia olhou o lobo enorme de cima a baixo. — Como?

— Minha caminhonete está estacionada ao lado de sua van. Eu carrego a cabeça dele. Você pega o rabo. — Ele se agachou para agarrar o amigo.

Persia se esforçou muito, muito mesmo para não rir ao ver um homem nu quase ensacando um amigo. Foi apenas o choque e histeria trabalhando juntos para liberar um pouco da tensão reprimida dentro dela, mas até ela sabia o quão inadequado era o pensamento. Warren a observou com cuidado, para explicar sua diversão óbvia, ela apontou para a cauda fofa do lobo.

— Rabos. Literalmente.

Dez minutos depois, os braços de Persia tremiam de tensão enquanto gentilmente colocavam o lobo no chão entre os veículos. O BMW de seu pai já se fora há muito tempo, graças a Deus.

— Você tem certeza que ele vai ficar bem? — Ela ofegou pesadamente.

Warren verificou o ferimento novamente, puxando um grunhido de Levi. — Sim, o sangramento já parou e você pode ver que ele está se sentindo bem brincalhão.

— Então eu realmente devo enviar essa liminar. Meu pai provavelmente já está planejando nos esmagar de alguma maneira nova. Covarde.

A preocupação brilhou nos olhos de Warren e ela acrescentou rapidamente: — Mas eu vou para a casa da Trina logo depois. Eu juro. Eu voltarei.

Ele se aproximou, o suor escorrendo pelo peito e passando pelo abdômen. — Você tem certeza?

Fixando o olhar nele, ela pegou a mão dele. — Claro que tenho certeza.

Levi latiu para eles, lembrando que ele estava deitado lá ferido. Os dois pularam um pouco, envergonhados por terem se esquecido dele por um segundo.

— Você deveria pegar minha caminhonete, será mais rápido. Além disso, acho que um homem nu dirigindo por aí

com um lobo ensanguentado na carroceria de sua caminhonete pode chamar alguma atenção. As chaves estão embaixo do tapete.

Persia assentiu e rapidamente destrancou sua van, pegou sua pasta e jogou as chaves para ele. Juntos, eles carregaram Levi em sua van, e então ela deu um rápido beijo na bochecha dele antes de ir para a caminhonete, pronta para mostrar ao pai do que ela realmente era feita.



CAPÍTULO DEZENOVE

Persia cantava a plenos pulmões e totalmente desafinada enquanto puxava a caminhonete de Warren para terras de alcateia perto do fim do dia. Estranho não pensar nisso como uma antiga vila de habitantes, porque isso era um inferno de disfarce, mas ainda mais estranho, pensar em termos de alcateia veio naturalmente. Tudo parecia se encaixar tão perfeitamente.

Mais um motivo para celebrar a ordem do juiz concedendo uma liminar temporária contra o pai dela. Ela quebrou todos os limites de velocidade entre o tribunal e as terras da alcateia para poder dar as notícias. Com a demolição interrompida, era apenas uma questão de tempo até que um juiz diferente, um mais alto na hierarquia, concedesse uma liminar permanente. E era tudo graças a Warren e um besouro particularmente raro.

Seu pai ficaria lívido quando ele descobrisse, mas ela não dava a mínima para isso. Era o mínimo que ele merecia depois de toda a miséria que criou. Agora, ela e o bando precisavam de algo para comemorar.

Enquanto estacionava na área de cascalho do lado de fora da casa da alcateia, viu algo que parecia vagamente com Betty estacionada um pouco atrás da casa, na linha das árvores. Ao

sair da caminhonete, ela apertou os olhos, como se isso pudesse melhorar sua visão.

— Que diabos?

Quando ela se aproximou, os detalhes entraram em foco e ela não podia acreditar no que estava vendo. Era a Westfalia, com certeza, coberta do telhado aos pneus em uma vasta variedade de flores. Potes de cerâmica pesavam no teto. Flores vibrantes brotaram triunfantemente por todo o para-choque e pneus. Uma enorme quantidade de flores silvestres foram amarradas a cada centímetro de espaço e, onde não estavam, os talos de milho cobriam qualquer espaço aberto. O quadro de flora fazia sua casa parecer o santuário de um druida, e as luzes cintilantes enroladas no teto várias vezes davam a toda a exibição um brilho etéreo no crepúsculo escuro.

Inacreditável! *Alguém* – como se ela não soubesse quem – havia se metido em todo esse problema e feito esse enorme gesto romântico, só para ela. Sua garganta se apertou e ela piscou para afastar as lágrimas enquanto espiava através de um espaço vazio em uma janela. Não Warren, todo o interior também havia recebido o tratamento florido, com lindos buquês de flores silvestres e pétalas de rosas espalhadas na cama, que ela notou ter sido arrumada. Um rubor subiu em suas bochechas, não apenas de vergonha, mas também de excitação com o que a noite reservava.

A música começou a tocar atrás dela, uma versão acústica de sua música mais favorita do mundo, *Endless Love*.

Girando ao redor, ela examinou a área, mas não viu nada fora do lugar – certamente nenhum aparelho eletrônico que pudesse tocar a música, nem mesmo um boombox da velha geração. Alguns arbustos na beira da linha das árvores farfalharam e, no momento em que Warren saiu, Persia soube que seu coração lhe pertencia.

Suas mãos ásperas tocavam os acordes simples de um velho violão pendurado no ombro, enquanto ele diminuía a distância entre eles. Então ele abriu a boca e começou a cantar.

— My love…

Ousado, claro, lindamente afinado. Lágrimas surgiram em seus olhos e ela nem se importou. Ela só queria mais. Para um homem que alegou não ser romântico, ele certamente estava provando o contrário.

Persia nunca teve uma serenata em sua vida. E quando ele se aproximou, ela lutou para manter a compostura. Lágrimas eram uma coisa, mas soluços grandes, dolorosos e de escorrer o nariz podem ser a mensagem errada a se passar. Quando Warren deu de ombros da maneira mais constrangida, ela soltou uma risada incrédula. Ele estava cantando, mas ainda pensava que era péssimo.

Pessoas saíam pela porta dos fundos da casa da alcateia para assistir e ouvir. Ela mal os percebeu. Todo o seu foco estava em Warren. Quando ele chegou no segundo verso, ele

estava a menos de alguns metros dela, então ela se juntou a ele.

— Two hearts...

Sorrindo como uma louca chorona, ela se aproximou ainda mais e fingiu que sua voz atonal soava tão boa quanto a de Warren. Ela não deu a mínima. Essa era *a* música *deles* agora. Cada palavra falava sobre como ela se sentia em relação a ele, e ela sabia em seu coração que ele sentia também. A partir daquele dia, ela cantaria o mais alto possível, toda vez que a ouvisse.

Quando o dueto terminou, os dois estavam cantando alto e orgulhosos, reivindicando seu amor sem fim um pelo outro. Assobios e gritos soaram da casa da alcateia, seguidos por aplausos estridentes – até o som de um cachorro latindo – mas Warren não olhou muito nessa direção.

Jogando o violão nas costas, ele fechou o pequeno espaço entre eles e sorriu para ela. Ela sorriu de volta, memorizando cada centímetro do rosto dele. Ao longe, ela ouviu uma voz que parecia com Val dizendo a todos para voltarem para dentro e dar privacidade aos pombinhos. Persia fez uma anotação mental para enviar à mulher algumas flores. Ou talvez munição. O que ela preferir.

— Ei, Red, — Warren murmurou em sua voz grossa, sua mão se movendo em direção a ela como se quisesse pegar a mão dela, mas depois se afastando.

— Voltei, — respondeu ela, diminuindo a distância entre as mãos e entrelaçando os dedos nos dele.

Eles estavam a centímetros de distância, seu perfume envolvendo-a como um cobertor aconchegante em uma noite fria. A incerteza rolou dele em ondas, ecoada pela preocupação nos olhos que se assemelhavam ao mar em um dia claro.

— Sinto muito, — ele começou, sua voz baixa, mas firme. — Eu não deveria ter te pressionado tanto. Você precisa de um tempo, e eu entendo. Vou relaxar, só espero que você me dê uma chance de provar...

Persia interrompeu seu pedido de desculpas, puxando-o para um beijo feroz. Ele congelou por um momento e então a abraçou e a puxou com força. O beijo deles ficou mais profundo, a língua dele deslizando pelos lábios dela até que ela se abriu para ele. A luz no céu escureceu enquanto eles estavam lá se beijando para o mundo todo ver, se o mundo estivesse interessado. Isso era bom para ela. Ela queria que o mundo soubesse o quanto ela se importava com esse impetuoso, sexy, atencioso e doce garoto do interior. E ela esperava que seu beijo mostrasse isso para ele também.

Finalmente se afastando, ela respirou fundo algumas vezes antes de ter ar suficiente para falar. — Eu realmente não preciso de flores e serenatas para me apaixonar por você, Warren. Você é incrível, do jeito que você é.

Sua expressão levemente confusa ficou mortalmente séria. — Você pode não precisar, mas por Deus, minha companheira vai ter todas as flores.

Como se seu coração não estivesse batendo forte o suficiente! Girando, ela puxou a mão dele para que ele a seguisse. — Então é melhor irmos para a parte do acasalamento. Você não acha?

Aparentemente, esse era todo o incentivo que Warren precisava. Ele riu e a pegou em seus braços, varrendo-a de seus pés em um movimento fluido. Ele a carregou para dentro, chutando a porta para fechá-la atrás deles. Mesmo antes de se fechar, ela colocou os braços em volta do pescoço dele, os lábios nos dele mais uma vez. Suas línguas se entrelaçaram enquanto ele navegava pelo espaço, sua excitação aumentando a cada esfregada, e gosto dele. Logo eles estavam no quarto, Warren a colocando de pé no chão antes de incentivá-la a recuar. Ela se arrastou pelo chão, sem vontade de perder o toque dele nem por um momento. Ele tinha um gosto bom demais, perfeito demais.

A parte de trás de seus joelhos atingiram o colchão e ela gemeu, feliz por terem encontrado uma superfície horizontal. Warren quebrou o beijo apenas o tempo suficiente para deslizar a correia do violão sobre a cabeça e então ele estava de volta, a língua talentosa a atormentando mais uma vez. Ela tinha certeza de que ele havia deixado o violão de lado em algum lugar, mas ela não se importava. Não quando seus braços a envolveram, puxando-a para perto.

Ela pegou o torso que a provocou o tempo todo e deslizou os dedos sobre os músculos duros de seu abdômen. Ela puxou a camisa dele, expondo a pele nua nas mãos dela. Ela explorou o estômago dele, deleitando-se com a sensação de sua carne quente e músculos deliciosamente esculpidos. Ela havia se permitido negar por tempo suficiente. Ela queria tocar nele todo, e ela ia, caramba!

Warren passou os dedos pelos cabelos dela, e ela sentiu o desejo amoroso naquelas mãos grandes e ásperas dele. Ela levantou a camisa dele mais alto e puxou o tecido, querendo que essa *desaparecesse*, e ele entendeu, parando tempo suficiente para tirá-la sobre a cabeça e jogá-la de lado. Ela passou a língua pelos lábios dele, absorvendo mais de seu gosto. Doce e quente.

Ele agarrou sua cintura e a empurrou para trás, caindo no colchão, e ela se arrastou até ficar deitada no meio da cama. Ele rastejou atrás dela, montando nela e segurando sua bochecha antes de capturar seus lábios para mais um beijo.

Seu pênis grosso pressionou contra sua coxa, o comprimento duro provando o quanto ele a queria. O pensamento de sua espessura a atormentou desde que chegaram tão perto de se unir. Fazia apenas três dias e, no entanto, parecia uma vida atrás. Foi um passeio longo e selvagem de paixão e... amor.

Ele alcançou seus seios e ela arqueou em suas carícias, ansiosa por ter sua boca ali – chupando, beliscando e

provando-a. Mas assim que ele beliscou o nó duro entre os dedos, ele a soltou e se retirou. A testa dele franziu, uma pitada de preocupação em sua expressão, e algumas das necessidades dela diminuíram. Ele gentilmente agarrou o queixo dela na mão, acariciando o lábio inferior.

— Tem certeza de que é isso que você quer, Red? — Sua voz rouca enviou calafrios pela espinha.

— O que vai acontecer? — Ela respirou.

— Eu vou deslizar para dentro de você, encher essa boceta. — Sua voz a fez querer chegar a essa parte imediatamente, mas ela também queria saber exatamente no que estava se metendo. — E quando gozarmos... — *Sim, por favor.* — Eu morderei você.

— Isso é tudo? — Ela brincou para esconder um ataque repentino de nervosismo.

— É uma mordida de acasalamento. Para sempre. — Ele murmurou. — Isso vai te transformar em um lobisomem e nos amarrar como companheiros. — Ele abaixou a testa na dela, os olhares ainda bloqueados. — Não há como voltar atrás, Red. Você precisa estar pronta e não quero pressioná-la a dar esse passo.

Persia inclinou a cabeça para trás e o beijou lentamente desta vez, seus lábios se fundindo em uma carícia sensual que transmitia seus sentimentos melhor do que as palavras. Era

doce e delicioso ao mesmo tempo e ela acariciou o lado do rosto dele quando a paixão deles foi alimentada mais uma vez.

Ela se afastou lentamente, seus olhares se encontrando mais uma vez, e ela soltou as palavras em seu coração. — Tudo o que eu quero é você.

As palavras não haviam sido planejadas, mas eram tão naturais, tão certas. Elas vieram de seu coração e, uma vez que deixaram seus lábios, ela sabia que elas estavam certas. Isso parecia certo. E o rosto de Warren praticamente brilhava com sua admissão.

Warren desceu sobre ela como se as comportas se abrissem. Ele salpicou beijos nela, fazendo cócegas nela e rindo. Riso que rapidamente se transformou em um suspiro quando ele a beliscou e soltou um rosnado baixo e estridente. Ela deveria ter medo da parte selvagem dele – seu lobo – mas isso só a excitou ainda mais.

Ele trabalhou nas roupas dela, puxando até que uma após a outra, os pedaços de tecido voaram pelo ar. Logo os dois estavam nus e banhados pela fraca iluminação romântica.

O melhor de tudo era o perfume cru e masculino de Warren ao seu redor, afundando em seus pulmões até que nenhum pensamento existisse além dele. Ela levou um momento para olhá-lo de cima a baixo, ajoelhado sobre ela, aquele eixo grosso duro e pronto para preenchê-la. Então seus olhares colidiram, e ela descobriu que o desejo dele espelhava o dela. O batimento do coração dela acelerou quando ele

alcançou seus seios, massageando e atormentando-a com seus toques apaixonados. Ele era possessivo, mas não se tratava apenas de pegar o que era *dele*. Ele a acariciou e quanto mais ela permitia que suas mãos vagassem, mais amada ela se sentia.

Ele beijou seus seios, um de cada vez, capturando um mamilo entre os lábios e sugando a parte dura. Cada chupada refletiu direto na sua vagina, seu clitóris se contraindo e apertando o núcleo com a necessidade de ser preenchido. Ele repetiu as carícias, aumentando sua necessidade a cada mordida e chupando até que ela se contorcia debaixo dele. Ela arqueou e pressionou mais fundo em sua boca, querendo mais de Warren. Mais e mais e mais...

Ele inclinou os quadris e esfregou seu comprimento contra sua vagina, sua dureza acariciando-a enquanto suas mãos e boca permaneciam ocupadas. Sua vagina lisa o deixou deslizar entre suas dobras com facilidade e ela estremeceu quando a ponta do comprimento dele cutucou seu clitóris. Seu pênis pulsou contra sua carne ensopada, atraindo outro tremor dela. Ele começou devagar, saboreando o toque enquanto sua língua atormentava seus mamilos de novo e de novo. Os dentes afiados dele rasparam uma ponta firme e ela gemeu profundamente, aproveitando a fisgada da dor.

A coroa grossa de seu pênis flertava com sua vagina, acariciando seu centro com a cabeça em forma de cogumelo. Uma promessa do que estava por vir. Esperava que em breve. Ela estava pronta para ele. Mais que preparada. Ela mostrou

isso agarrando seus quadris e puxando-o ainda mais para perto. Uma mensagem silenciosa e apelo nesse único movimento. Um que ele cumpriu sem hesitar.

Um suspiro de prazer escapou de seus lábios quando ele a penetrou, sua dureza esticando sua vagina, preenchendo-a em um único impulso punitivo. Um trecho de dor veio com o êxtase e ela gemeu profundamente quando ele a possuía completamente. Ele assumiu o controle – a levou. Ela estava tão escorregadia de excitação que ele deslizou dentro dela até a base, não parando o movimento sensual até que seus quadris se encontrassem. Sua circunferência grossa a encheu, tocou-a em lugares que ela nunca havia imaginado. Seus nervos estavam acesos com as novas sensações, o êxtase delirante que veio com a penetração dele.

— Não se segure, — ela insistiu, respirando ofegante entre suas palavras. — Quero tudo de você. Eu quero tudo isso.

Persia sentiu como se ela brincasse com fogo e amou cada momento. Adorou ainda mais quando Warren reagiu às suas palavras. Ele pegou uma das pernas dela e a virou até que ela estivesse deitada quase de lado diante dele. Ele agarrou sua bunda com um aperto possessivo enquanto acariciava seus seios com a outra mão – seu toque dominante e amoroso ao mesmo tempo. Ela teve um momento para respirar, mas apenas esse momento, porque então Warren voltou toda a sua atenção para deixá-la louca. Ele assumiu o controle dela, seu corpo, seu prazer.

— Oh Deus! — Ela murmurou as palavras quando ele começou a realmente puni-la, bombeando seu eixo dentro e fora de sua vagina lisa.

Ele deslizou dentro e fora dela, seus quadris estalando para frente e pressionando seus corpos juntos em uma dança íntima. Seu pênis enorme acariciou-a, deliciosamente cru, mas cuidadoso enquanto a fodia com força, o corpo sacudindo a cada impulso. Nada nunca pareceu mais certo. Ela agarrou os lençóis, precisando de algo para aterrá-la no aqui e agora, enquanto as atenções dele ameaçavam destruí-la com prazer. A boca dela ficou aberta, ofegando por ar, quando ele moía contra nela.

O som de seus grunhidos e gemidos profundos encheram o ar, o tapa lascivo de seus corpos se juntando aos sons, e seu rosto aqueceu. Seus gemidos eram todos para ela, todo som doce e deliciosamente magico eram para ela. Esse doce e poderoso garoto do campo tinha se apaixonado por ela - tanto quanto ela tinha por ele. Um pensamento tão gratificante que as lágrimas ameaçavam ultrapassar o êxtase que a atacava.

Ele empurrou nela com precisão exata, seu pênis moendo contra seu ponto G com impulsos implacáveis. Ele deu a ela mais e mais e mais e ela tomou cada grama de prazer. Ela acumulou as sensações, aproximando-as enquanto Warren tocava seu corpo como um instrumento.

Ela exigiu tudo e parecia que ele estava pronto para entregar.

A tensão enrolou-se dentro dela, juntando-se e construindo, formando uma bola de sensações cada vez maior. Ela agarrou os lençóis, lutando contra a enorme bolha que ameaçava dominá-la. Foi tão grande. Demais. Então... sua boceta apertou em torno do pênis de Warren, ordenhando seu comprimento duro e fazendo com que o prazer reunido aumentasse de tamanho a cada impulso.

Em breve. Ela estava tão perto. Ela...

Warren a rolou de costas mais uma vez, seu ritmo não vacilou ou mudou de forma alguma, mas foi o suficiente para fazê-la se segurar. O êxtase iminente gaguejou, e ela lutou contra ele, lutando para alcançar o precipício mais uma vez. Ela estava *tão perto*...

— Você está pronta? — Ele rosnou – *rosnou* – e a verdade do que viria a seguir a atingiu com força total.

Ela estava pronta para gozar, mas não achou que era isso que ele queria dizer. Ele queria ter certeza de que ela estava *pronta*. Pronta para ser dele. Pronta para ser sua companheira. Pronta para ser um lobisomem.

A resposta para tudo isso era uma única palavra: — Sim.

Para ter certeza de que ele entendeu, ela inclinou a cabeça para o lado, expondo mais o pescoço e o ombro. Ela queria isso - queria ser inteiramente dele.

Seu corpo continuou a atormentar o dela, seu pênis entrando e saindo de sua vagina enquanto ele se inclinava. Ele

apoiou o peso nas mãos e se aproximou, não parando até que o peito dele encontrasse suas costas e seus lábios pairassem sobre o pescoço dela. A respiração dele se espalhou por sua pele manchada de suor, um calafrio fugaz correndo por ela. Ela estava possuída por ele, cercada por ele, consumida por ele.

Warren a aninhou, seus lábios acariciando a coluna de sua garganta, dentes mordiscando seu lóbulo da orelha e depois sobre a concha de sua orelha enquanto ele sussurrava quatro palavras.

— Eu te amo, Red.

A resposta da Persia foi automática e instantânea. — Eu te amo... *porra!*

Os dentes perfuraram sua carne, afundando profundamente em seu ombro e enviando uma dor abrasadora através de seu corpo. A agonia a destruiu por um momento, roubando sua respiração e todas as outras sensações, sobrecarregando-a com o ferimento repentino. Mas não foi doloroso por muito tempo. Seu corpo sabia melhor que sua mente, as sensações se transformando de agonia em excitação e desejo.

O orgasmo que ela estava perseguindo aumentou mais uma vez, empurrando-a e puxando-a para o precipício. O prazer renovou-se e pulou além da dor da mordida de acasalamento e a levou adiante em direção à liberação. A bolha de alegria inchou e cresceu mais uma vez, estendendo-se até parecer quase estourar e ela prendeu a respiração enquanto

esperava. Esperando ser lançada do penhasco em um mar de êxtase.

Warren mordeu com mais força e chupou a mordida de acasalamento, dando a ela mais dessa felicidade de derreter os ossos ao invés da dor esperada. O acasalamento transformou aquela dor devoradora de almas no mais alto nível de desejo e...

E um caleidoscópio de sensações a envolveu. A crescente bolha de alegria explodiu e se estendeu para consumi-la. O prazer se estendeu para consumir cada centímetro dela, expandindo-se para infundir seu corpo da cabeça aos pés. Ela perdeu todo o senso de controle, seus músculos tremendo e se contraindo sem pensamento ou intenção. A inexplicável felicidade arrebatou seu livre arbítrio e ela se tornou escrava do êxtase.

Sua boceta ordenhava o pau de Warren, acariciando e apertando seu comprimento com suas paredes internas. Cada ondulação prolongava sua libertação, atraindo o prazer ainda mais. Ela ofegou e gemeu quando a felicidade lavou cada pensamento, deixando-a uma bagunça sem sentido de alegria incontrolável.

E em meio ao êxtase dela, Warren encontrou sua própria libertação. Seus quadris se contorceram e seu ritmo se turvou, os impulsos se tornaram mais ásperos por um momento enquanto ele perseguia seu próprio orgasmo e então ele selou seus quadris juntos. Seu pênis grosso pulsou dentro dela, um

novo calor banhando seu canal liso, seu esperma cobrindo suas paredes internas. Ele a revestiu em seu perfume, por dentro e por fora, e ela nunca esteve mais feliz ou mais em paz.

Eles fizeram amor. Ele a mordeu - a reivindicou. Agora...

Ele lentamente retirou os dentes da carne dela e lambeu sua carne rasgada. Uma lambida e depois duas antes dele sussurrar as palavras que ela queria ouvir por toda a eternidade.

— Você é minha.



CAPÍTULO VINTE

O dia não poderia estar mais fabuloso. Não era apenas pelo céu azul, sem vestígios de nuvens de chuva em qualquer lugar, as temperaturas permaneceram amenas o dia todo e a umidade estava extraordinariamente baixa. Não se poderia pedir muito mais para uma festa na zona rural da Geórgia.

Mais pessoas do que Persia podiam contar estavam circulando pelo gramado da casa da alcateia, conversando e rindo e se divertindo num geral. Os filhotes, como ela aprendeu a chamar os filhos de lobisomens, corriam como animais selvagens, mesmo em sua forma humana. Um número surpreendente de adultos semi-cercou os filhotes, claramente querendo mantê-los a salvo dos perigos que seu pai lhes infligira, mas relaxados o suficiente para deixá-los ainda ser crianças.

A principal razão da festa era celebrar o atestado de saúde de Levi. Ele havia se recuperado totalmente do ferimento a bala, graças às ministrações da Trina e ao terrível objetivo de Dick McNish. Como Warren suspeitou imediatamente, o ferimento era pouco mais que superficial, mas qualquer ferimento a bala poderia ser mortal, ao que parecia, até para lobisomens. E as balas nem precisavam ser feitas de prata!

Zeke reconheceu o sacrifício de Levi quando tentou proteger Warren e Persia e restaurou seu status no bando. Ele

certamente nunca ocuparia uma posição de poder como a que tinha quando era membro do Círculo Governante da alcateia, mas pelo menos ele não era mais designado para patrulha do cocô em Wolf Woods. Esperançosamente, ninguém seria desde que Persia havia conseguido essa liminar temporária. Além disso, ela tinha mais uma coisa na manga que Zeke queria manter em segredo no momento.

Enquanto passeava pela multidão, conhecendo novas pessoas e cumprimentando velhos amigos, ela sentiu mais amor do que nunca em toda a sua vida. Ela se sentia indesejada e não amada a maior parte do tempo, mas essas pessoas que mal a conheciam pareciam aceitá-la sem questionar, já que ela e Warren haviam se acasalado três noites antes. Sem dúvida, Persia finalmente sentiu como se tivesse encontrado seu lugar no mundo. Isso quase a deixou triste, pensando em todos os anos em que ela nunca soube o que realmente significava felicidade.

Enquanto ela conversava com Hux Davenport, sua esposa – ops sua... *companheira* – Marsha e o filho pequeno Hux, a cabeça de Warren apareceu acima do mar das pessoas. Ele acenou e depois desapareceu. Logo ele estava ao seu lado, deslizando a mão na dela e ouvindo atentamente enquanto o pequeno Hux falava sem parar sobre o filhote que seu pai iria pegar para ele, e seria como Fang. Ao ouvir seu nome, o pequeno Lulu da pomerânia latiu de algum lugar próximo, atraindo risadas do pequeno grupo.

— Oh uau, — Warren olhou por cima da cabeça da Persia através da multidão.

Ela se virou e ficou na ponta dos pés, tentando ver o que o deixara tão animado, mas essa era a vida de uma garota do tamanho de um pacote de salgadinhos. — O que?

— É Chloe, — ele sorriu para ela.

— Chloe? Você quer dizer aquela garota que você costumava ter uma queda até sentir o meu cheiro?

Ele a puxou para seus braços e beijou a ponta do nariz com um sorriso. — A própria.

— Não tenho razão para ficar com ciúmes. Certo? Porque essa coisa toda nova de lobo me faz sentir as coisas de uma maneira muito maior. Apenas me avise se eu precisar liberar minha loba para que ela possa chutar um traseiro.

Ela estava apenas brincando.

Warren jogou a cabeça para trás e riu. — Não, nenhuma. Eu não tinha ideia do que realmente estava sentindo por Chloe. Certamente não era nada comparado ao que eu sinto por você. Tipo, nada. Você é a única para mim, Persia.

Uma ruiva baixa, escoltada por um homem alto e bonito, atravessou a multidão até encontrar Warren. Persia cedeu a uma necessidade primordial de verificar sua competição, e um exame a fez levantar uma sobrancelha para seu companheiro. Ela e essa garota Chloe poderiam ter sido irmãs. Seu

companheiro certamente tinha um tipo. Ele simplesmente sorriu e deslizou a mão em suas costas, baixo o suficiente para acariciar sua bunda, o que a fez sentir uma onda de desejo. Malditas sejam as emoções dela!

— Warren! — Chloe falou, sorrindo para ele, mas não o abraçando, como Persia poderia ter esperado.

Ele aumentou seu aperto na bunda dela, o que só serviu para apertar os seus mamilos da maneira mais embaraçosa.

— Chloe, é bom te ver de novo. Como você está, Drew?

O companheiro de Chloe estendeu a mão para Warren, o que o forçou a remover a de sua bunda. Ah, bem...

— Bom te ver, cara. Quais as novidades?

Um sorriso iluminou o rosto de Warren quando ele olhou para Persia. — Gostaria que você conhecesse minha companheira, Persia McNish.

— Persia *Edgecomb,* — ela corrigiu, emocionada por ter um novo nome.

Chloe gritou de alegria enquanto Drew lhe deu um tapa de congratulações nas costas. Persia de repente se viu em um abraço apertado com sua suposta rival, drenando qualquer indício de ciúmes dela.

— Eu sabia, — exclamou Chloe no ouvido de Persia. Felizmente, ela se afastou e sorriu para Warren antes de gritar.

— Eu *sabia,* porra! Veja, eu disse que você encontraria sua companheira um dia.

— Ei, marinheira, — Val correu para sua melhor amiga desde a faculdade e deu-lhe um abraço de urso.

— Você tem que perdoar minha irmã, Persia, — Zeke aproximou-se de Chloe e passou um braço por cima do ombro. — Ela costumava ser professora em Tremble e nunca pronunciou um único xingamento. Desde que Drew apareceu e a atraiu para longe de sua família, ela desenvolveu bastante a sua boca suja.

Chloe deu uma cotovelada nas costelas do irmão, que fez um dramático — Oomph!

Fang rosnou com o — ataque— ao seu alfa, ganhando risadas divertidas de todos, exceto do pequeno Hux. Ele se agachou e brincou com o cachorro enquanto os adultos conversavam.

— Ignore meu irmão mais velho idiota, Persia. Estou tão feliz que Warren foi paciente o suficiente para esperar por você.

— Paciência é tudo. — Drew puxou sua companheira para um abraço lateral e olhou para ela com o tipo de devoção que Persia sempre invejou. Até Warren aparecer.

— Por falar em paciência, — disse Warren, claramente tentando mudar de assunto, — ouvi dizer que vocês são pais adotivos agora?

— Sim, — Chloe brilhava de felicidade, — estamos criando uns meninos gêmeos cujos pais foram mortos em um acidente de carro.

Warren piscou surpreso e Chloe levantou a mão. — Eu sei. Irônico, certo? Mas realmente parece destino a forma com que eles acabaram conosco.

— Chloe é uma mãe tão incrível, — Drew jorrou.

— E você é um pai fantástico, — respondeu ela. — Estamos no caminho de adotá-los legalmente, mas há muita papelada e requisitos. Vai valer a pena a longo prazo.

— Chloe! — Gritou uma voz através da massa de corpos.

Trina entrou no pequeno grupo, um Max atormentado seguindo logo atrás. Enquanto todos se cumprimentavam, Warren puxou Persia na frente dele, passando os braços em volta da cintura dela e apertando-os. Ela apoiou a cabeça no peito dele e relaxou com seu batimento cardíaco.

— Então, quando vocês dois vão começar a fazer um monte de filhotes adoráveis? — Chloe perguntou a Trina e Max com uma piscadela.

Trina rapidamente abaixou a cabeça e colocou uma mecha de cabelo loiro atrás da orelha. Max lançou um olhar para ela e depois olhou para o céu, obviamente evitando o olhar de todos. Chloe ofegou e bateu palmas alegremente.

— Vocês estão brincando? Este *é* realmente um dia de comemorações. Não é?

Enquanto eles conversavam, uma fila foi formada para cumprimentar a mais nova membro do bando – bem, *quase* membro. Persia se viu totalmente imersa no calor e na conexão que todos pareciam compartilhar. Os grupos aos quais ela se acostumou ao longo dos anos pareciam fraturar ou totalmente implodir após algumas semanas, mas todos no grupo Soren pareciam se importar honestamente com a felicidade e o bem-estar um do outro. Naturalmente, nem todos poderiam ser melhores amigos, mas eram mais como uma família. Eles podem te irritar de vez em quando, mas você ainda está disposto a desistir de sua vida para salvá-los.

Até os novatos relacionados ao inimigo jurado eram tratados como família. Ela perdeu a conta de quantos membros da alcateia a agradeceram por todo o trabalho que ela havia feito tentando salvar Wolf Woods. Era quase como se eles sentissem onde estava sua verdadeira lealdade, e considerando seus sentidos ridiculamente elevados – alguns dos quais ela ainda não conseguia controlar ou decifrar – provavelmente o fizeram.

— Então, quais são seus planos agora que você está acorrentada ao velho Warren? — Perguntou um dos sentinelas de Val com um sorriso provocador.

Ela não conseguia se lembrar do nome dele – Norman? – mas ele era facilmente identificado com o fraco círculo rosa no

meio da testa. Com esse grupo, provavelmente valia a pena ouvir a história desse círculo, e ela fez uma anotação mental para perguntar a Warren mais tarde.

— Você sabe, Newman— Falou Warren, lembrando o nome do homem e lembrando a Newman que estava falando com uma mulher acasalada, — O NRC já recrutou minha incrível companheira como consultora jurídica. Ela garantirá que todas as terras da alcateia em todo o país sejam definidas e executadas adequadamente, para que ninguém possa disputar seus territórios e forçá-los a sair de suas terras novamente.

Newman parecia impressionado. — Uau, grande trabalho.

— Não vai ser fácil, — reconheceu ela, — e pode significar viajar para outras alcateias de vez em quando, mas eu vou me enfurecer se ver alguém tentar fazer o que meu pai está fazendo. Provavelmente vai demorar alguns anos, mas valerá a pena a longo prazo.

Warren olhou para ela com pura adoração que fez seu coração palpitar.

— As gerações futuras terão que agradecer à Persia por proteger suas terras.

O crepúsculo se assentou sobre a reunião e pequenas luzes cintilantes decoravam as árvores próximas, oferecendo um toque de luz e uma atmosfera festiva. Zeke ficou na varanda e levantou as mãos. Não havia necessidade de gritar

ou chamar a atenção de todos, porque o simples gesto o fez. Até Persia sentiu um puxão estranho no peito para olhar em sua direção. Provavelmente alguma coisa shifter. Ela tinha muito a aprender!

— Ouça, pessoal da festa! Somos um grupo de muita sorte. Nossa família está ficando maior e mais forte a cada dia, e temos várias pessoas para agradecer por isso. Ou seja, temos Persia McNish para agradecer. Não deixe o sobrenome dela te enganar. Ela se esforçou para provar sua lealdade a nós. Usando sua paixão e seus conhecimentos jurídicos, ela pode salvar Wolf Woods para sempre e, por extensão, nossa alcateia também.

A multidão inteira aplaudiu, e Warren abraçou Persia perto enquanto lágrimas de felicidade ardiam em seus olhos. Mas Zeke ainda não havia terminado.

— Mas isso não é tudo o que ela fez por nós, — declarou. — Persia também está avançando com planos de que o estado designe Wolf Woods como terras protegidas, para que nunca mais corra riscos.

Mais aplausos surgiram na multidão com todos os olhos em Persia, que corou furiosamente e se esforçou ao máximo para se segurar. Todo o carinho e afeto sendo dirigidos a ela pareciam um casulo quente, mas sentir as emoções dos outros sobre ela ainda era tão novo que ameaçava dominá-la.

— E caso alguém esteja se perguntando, esta noite Persia se tornará oficialmente o mais novo membro do bando de Soren quando ela fizer o voto de lealdade.

Zeke se juntou a todos aplaudindo enquanto ele acenava para a varanda. A timidez nunca foi uma das qualidades mais refinadas de Persia – ou falhas, dependendo de como se olhava – e estava escassa naquela noite. Principalmente porque ela estava muito feliz por finalmente ter encontrado uma família que se importava com ela e a respeitava. Ninguém tinha lhe dado uma escolha sobre seus pais biológicos, mas ela com certeza poderia escolher sua família agora, e não havia uma única dúvida em sua mente de que a alcateia Soren era onde ela pertencia.

A cerimônia foi alegremente curta, mas cheia de amor e pura alegria. Seu voto exigiria que ela colocasse o bem-estar do bando antes de tudo, incluindo sua própria vida, com a qual ela concordou prontamente. Dois membros da alcateia já haviam arriscado suas vidas por ela antes mesmo de ela se tornar uma loba, e ela sabia que o resto deles também o faria. Pareceu correto que eles ouvissem de seus próprios lábios que ela faria o mesmo.

No final da cerimônia, enquanto todos aplaudiam e uivavam em aprovação, Persia desceu os degraus e entrou nos braços do seu companheiro. Eles se seguraram com força, respirando um ao outro e saboreando o momento enquanto recebiam as felicitações. Finalmente, Warren deu um beijo no topo de sua cabeça.

— Espero que isso não pareça condescendente, — ele murmurou em seus cabelos, — mas estou tão orgulhoso de você. Tão orgulhoso que você é minha.

Ela se afastou para poder sorrir para ele, ignorando as lágrimas escorrendo por suas bochechas. — Eu também... *meu amor.*

Ele jogou a cabeça para trás e soltou uma risada cheia de emoção. Então ele levou os lábios aos dela e tudo o que ela queria era ficar sozinha com ele. Talvez ninguém notasse se eles desaparecessem no caos. Só por um tempinho. Uma hora, ou duas.

Quando ela pegou a mão de Warren para arrastá-lo através da multidão, seu telefone tocou silenciosamente no bolso. Nah, o sexo com seu companheiro gostoso tinha prioridade sobre uma mensagem de texto. Então tocou novamente.

— Desculpe, um segundo, — ela puxou o telefone do bolso de trás da calça jeans.

O sorriso que parecia permanentemente afixado em seu rosto desapareceu enquanto ela lia uma série de e-mails de sua conexão no tribunal. A raiva substituiu sua alegria e depois a fúria tomou conta. *Claro que isso aconteceria hoje, de todos os dias,* ela pensou amargamente.

— Merda, — ela cuspiu, lágrimas de raiva queimando seus olhos e seu estômago ameaçando descarregar por toda a festa.

— O que há de errado?

— O juiz que deveria levar várias semanas para pesquisar nosso pedido de liminar permanente contra meu pai simplesmente negou imediatamente.

O rosto de Warren empalideceu e sua mandíbula literalmente se abriu. — Você está brincando comigo? O que isso significa?

Persia encontrou seu olhar, nem mesmo tentando adoçar a situação. — Isso significa que meu pai está livre para começar a derrubar árvores amanhã de manhã.

Warren passou a mão pela mandíbula e pelos cabelos enquanto olhava ao redor da festa. — Eu não entendo. Eu pensei que seu caso fosse forte. O que aconteceu?

— Você sabe, pensei que o nome do juiz tivesse chamado a minha atenção quando ouvi que o caso havia sido atribuído a ele, mas não fiz a conexão até agora. — Ácido roçou baixo em sua garganta sobre sua ingenuidade. — Ele é um dos velhos amigos de golfe do meu pai.

CAPÍTULO VINTE E UM

O líquido âmbar rodopiava no fundo do copo de Dick McNish enquanto ele olhava para as profundezas do seu quarto uísque da noite. Jogando na boca o último gole em um movimento suave, ele descansou o copo de cristal em sua mesa de mogno polida e treinou seu olhar nebuloso através de seu grande escritório para onde a garrafa estava. Talvez quatro doses tenham sido suficientes.

Sua primeira bebida da noite foi para celebrar sua vitória sobre a tentativa de Persia de impedir seu progresso. Ele até sorriu quando a bebida macia e esfumaçada deslizou por sua garganta e aqueceu seu corpo de dentro para fora. A segunda bebida foi para reforçar sua crença de que ele estava realmente comemorando. A terceira bebida virou seus pensamentos para dentro, nunca uma coisa boa. E enquanto os restos da quarta dose ainda formigavam em sua língua, Dick não pôde deixar de sentir como se estivesse subconscientemente afogando suas mágoas.

Ridículo! Ele não tinha nada para estar triste. Ele ganhou!

Mas a que custo?

Ele odiava aquela pequena voz em sua cabeça. Ele passou a maior parte de sua vida adulta ignorando-a, para seu ganho,

e não tinha intenção de ouvi-la agora. Não quando ele conseguiu tudo o que queria.

Dick deixou o olhar deslizar lembrando-se de quão longe tinha chegado. A lâmpada Tiffany genuína, em sua mesa enorme, lançava luz suficiente para criar sombras rastejantes ao redor. Ele pagou demais pela maldita coisa em um leilão, apenas para irritar um concorrente. O vidro delicado e as cores femininas pareciam deslocadas em seu escritório masculino com painéis de madeira, mas ele se recusou a vendê-la. Dizia algo sobre ele, algo que ele ansiava por toda a sua vida. Dizia a qualquer um que colocasse os olhos nele que ele era importante.

Além da lâmpada, a sala era exatamente o que ele imaginou quando ele era jovem, e havia se matriculado na escola de negócios. Móveis antigos e pesados davam uma gravidade ao quarto, sustentados por um tapete persa que custou uma pequena fortuna, um sofá de couro cor de vinho na frente de uma lareira escura, estantes cheias de livros antigos e um minibar com uísque ainda mais antigo.

Até a casa era velha. Naturalmente, depois de fechar o negócio, sua esposa Patrícia chamou imediatamente um exército de empreiteiros e designers de interiores para atualizar o local, mas eles não conseguiram apagar todas as evidências de sua idade – como Patrícia conseguiu fazer com o rosto dela. Assim como seus ossos envelhecidos, a casa ainda rangia e gemia em momentos estranhos. Patrícia amava se

queixar disso, mas Dick havia aprendido há muito tempo como ignorar ela e os rangidos.

Quando ele se levantou da cadeira de couro de Eames, um gemido desse veio das profundezas da casa. Um sorriso fez cócegas no canto de sua boca, desejando que Patricia não estivesse descansando em uma praia em St. Barts só para ficar irritada pelo dinheiro não ter resolvido esse problema em particular.

Com o copo vazio na mão, Dick caminhou até a janela com vista para o gramado perfeitamente cuidado e com um belo paisagismo. Outro projeto de Patricia, que ele aprendeu a gostar bastante ao longo dos anos. A escuridão lá fora só lhe permitia ver seu próprio reflexo, e isso era algo que ele não podia suportar. Não essa noite.

Virando-se, uma fotografia emoldurada empoleirada em uma estante de livros chamou sua atenção. O Dick McNish na foto parecia muito mais familiar para ele, embora muito pouco do homem que ele costumava ser ainda permanecesse. Uma jovem e bela Patricia parecia irritada enquanto um pequeno pacote de energia com chocantes cachos vermelhos vibrantes aparecia na foto. Dick lembrou-se daquele dia, e também lembrou imediatamente de despedir a babá pela qual Persia estava chorando.

Ele largou a moldura e foi para o centro da sala, perplexo com o modo como o estudo dos seus sonhos se transformou em uma tumba que o prendeu com seus próprios demônios.

Somente na penumbra de seu santuário particular ele podia admitir que tinha sido um pai de merda. Claro, ele também era um marido de merda, mas ele e Patricia sabiam no que estavam se metendo quando se casaram. Tinha sido um acordo comercial, mas tinha sido a escolha deles. Persia nunca teve escolha. Ela recebeu uma sorte de merda, e uma alma tão doce quanto a dela merecia mais.

De alguma forma, ela vagou pela escuridão de sua infância e entrou na luz. Ela encontrou um caminho que a satisfez, e Dick não podia deixar de admirar sua dedicação. Sua tenacidade veio dele, o que ele podia reivindicar, mas de onde diabos sua ética sólida veio? Certamente não de sua moralidade que desafiava os pais. Talvez filmes da Disney ou das muitas babás que basicamente a criaram.

Seja qual for o motivo, ele estava orgulhoso dela. Ela raramente ganhava contra ele, mas ele considerava os pequenos confrontos uma partida de xadrez. Um dia o aluno se tornaria o mestre. Ela quase conseguiu, com esse truque ridículo do besouro. Uma pontada de culpa se contorceu profundamente em seu intestino, mas ele suprimiu. Ele tinha um grande favor com um velho amigo por quase duas décadas, apenas esperando o momento certo para usá-lo. Ele encurralou o rei dela e deu o xeque-mate.

Persia precisava se endurecer e jogar sujo, pelo menos um pouco. Se ela o tivesse feito, poderia ter vencido. Mas ela não tinha visto o tabuleiro de peças. Assim como no xadrez, Persia precisava aprender as regras tácitas do jogo antes que

ela pudesse realmente ter sucesso. Essas regras foram inventadas para separar os cordeiros dos lobos.

Ele bufou suavemente com a ironia e olhou tristemente para o copo vazio. Consertar o relacionamento com a filha pode ser uma fantasia, mas encher um copo vazio era fácil. Indo para o bar, ele *encheu* o copo. Ei, era uma celebração, certo?

O longo gole de uísque quente deveria ter afugentado o frio que se instalou em seu coração. Deveria fazê-lo se sentir melhor, mais relaxado, mas ele estava mais tenso do que nunca. Talvez uma vez que ele chegasse ao fundo do copo novamente... ou simplesmente desmaiaria.

Ou.

Se fosse o último, seu Eames seria muito mais confortável do que cair no chão de madeira. Quando ele se virou para sentar na cadeira estofada, ele congelou. A adrenalina jorrou em sua corrente sanguínea antes que seu cérebro pudesse entender o que seus olhos arregalados estavam vendo.

Sete lobos enormes estavam ao redor da sala, seus olhos brilhando com sede de sangue e suas presas à mostra. Tremores incontroláveis sacudiram seu corpo e o copo cheio até a borda escorregou de seus dedos no mesmo momento em que sua bexiga se soltou. Seu cérebro lento ficou brevemente agradecido pelo cheiro do uísque dominar o cheiro da urina que se espalhava pela frente de suas calças sob medida. Ele percebeu que provavelmente estaria morto em questão de segundos, então não importava.

Ele lançou um olhar para sua mesa, onde sua arma estava na gaveta superior, mas um grande lobo marrom claro que ele reconheceu estava entre ele e a mesa. Os pelos que corriam ao longo da espinha do lobo ficaram em pé, e seu rosnado se transformou em um rosnado gutural. Parece que o filho do mutante que ele matou meses atrás finalmente se vingaria.

E tudo o que ele podia fazer era ficar ali e se mijar inteiro.

Outro lobo, este mais baixo e mais corpulento que os outros, e com pelos cor de ferrugem, deu um passo em direção a Dick, fazendo-o entrar em pânico. Seus joelhos dobraram debaixo dele, fazendo-o cair no chão.

— P-por favor! — Ele gritou, agitando as mãos sobre a cabeça em sinal de rendição.

Recuando, ele se enrolou em uma bola apertada no canto antes de ousar espiar o lobo ruivo. Tinha algo em sua boca, mas seu medo e a escuridão impossibilitavam sua identificação. Além disso, a menos que fosse algum tipo de arma de fogo, nada poderia ajudá-lo agora.

— Por favor, não me mate, — ele murmurou, lágrimas e ranho e cuspe pulverizando por toda parte. — Eu farei qualquer coisa! Só não me mate!

No fundo, ele ficou surpreso com a rapidez com que havia cedido, mas dinheiro e poder não significavam nada quando

você estava encarando a morte. Ou, no caso dele, sete versões da morte.

Quando o lobo ruivo deu outro passo ameaçador para frente, ele abaixou a cabeça entre os braços e começou a soluçar. A qualquer momento, dentes afiados perfurariam sua carne e o despedaçariam. Provavelmente devagar. E pela primeira vez em sua vida, ele admitiu para si mesmo que merecia.

Ele sentiu o hálito quente emplumado contra a pele nua de seus braços, mas em vez de dor, ele sentiu algo leve cair em seu corpo enrolado e deslizar para o chão. Ele esperou. E esperou. Nada mais aconteceu, nem mesmo sons. Ousando dar uma espiada, ele encontrou o lobo ruivo pairando sobre ele, seu rosto na sombra, mas havia luz suficiente para ver seu lábio puxado para trás o suficiente para que a baba escorresse para dentro...

Isso era uma pasta de arquivos?

Claramente, o animal queria que ele olhasse isso, então ele lentamente a alcançou e abriu. Por alguns segundos, seus olhos não conseguiram focar no documento lá dentro, porque eles se reviravam continuamente para garantir que os lobos não estivessem avançando sobre ele. Então uma palavra específica chamou sua atenção, depois outra. Logo as palavras se transformaram em frases e parágrafos que faziam sentido, mas ao mesmo tempo... não.

Ele examinou as páginas enquanto as folheava e depois olhou para o lobo ruivo antes de voltar ao início e ler o documento legal mais detalhadamente. A advogada de registro foi listada como Persia Edgecomb. Quando terminou, o lobo ruivo deu dois passos para trás. A luz refletida no espelho do bar brilhava no rosto do animal e, assustado, Dick percebeu que tinha um olho castanho e um azul. Assim como...

— Princesa? É você?

Outro lobo enorme – não o maior da sala, mas ainda maior que um cachorro comum – avançou e ficou lado a lado com o lobo ruivo. Dick reconheceu como o mesmo que havia pulado para proteger Persia, o mesmo em que ele tentou atirar. Tinha que ser a aberração que ela falou que amava. A raiva dominou o medo de Dick.

— Seu filho da mãe.

Antes que ele pudesse terminar, ou se mover, a versão lobo da Persia avançou. *Snap!* Dick recuou aterrorizado quando suas mandíbulas estalaram tão perto de seu rosto que ele sentiu os bigodes dela. Recuando, ele tentou se concentrar nela.

— O que você quer de mim?

O lobo perto da mesa, aquele que obviamente queria matá-lo, ficou de pé nas patas traseiras e agarrou a caneta-tinteiro de Dick entre os dentes. Lentamente, como se fosse para torturá-lo, o animal caminhou em sua direção e depois

largou a caneta no colo molhado de Dick. Ele pegou e olhou como se nunca tivesse visto uma caneta antes. Então ele olhou para a pasta. Então para a versão lobo de Persia.

— Você deve estar brincando comigo, Persia. Você quer que eu assine um contrato de compra para aquele maldito rancho de frango?

Talvez tenha sido a percepção de que sua filha de coração mole estava liderando essa pequena incursão, ou talvez tenha sido a influência do primeiro gole de seu quinto uísque escocês, mas Dick finalmente encontrou suas bolas.

— De jeito nenhum, — ele começou, sentando-se um pouco mais reto e cobrindo a bagunça nas calças com a pasta. — Eu já te disse, eu não vou...

Os outros cinco lobos avançaram como um, unindo-se a Persia-lobo e o... namorado ou seja lá como ela disse. Eles rosnaram em uníssono, enviando medo tão quente quanto prata derretida nas veias de Dick. Então eles deram um passo em sua direção como uma unidade simbiótica.

— Parem! — Ele gritou, sem reconhecer sua própria voz aguda.

Todos pararam no meio do caminho, a pata direita de cada lobo há centímetros do chão, como se tivessem praticado o movimento. Dick congelou também, sem saber se estava chateado ou orgulhoso. Ambos? Não importava. Ele era um homem morto se não concordasse em mudar seu

desenvolvimento para o rancho de galinhas abandonado do outro lado de Tremble, isso ficou claro pelo ódio que queimava em seis pares de olhos tremoços. O sétimo... bem, ela sempre teve um coração amoroso que ele amaldiçoava e admirava.

Girando a tampa da caneta-tinteiro Montblanc, Dick rabiscou seu nome ou iniciais em todas as páginas que Persia havia marcado com adesivos e depois jogou a pasta aos pés dela. Er... *patas.*

— Aqui! Feliz agora?

Os olhos bicolores do Lobo Persia se estreitaram em fendas quando ela fechou a lacuna entre eles. Dick se abaixou e cobriu a cabeça, esperando sua morte inevitável. Ele orou a um deus que nunca acreditou para que fosse rápido. Ele já havia experimentado o que um lobo poderia fazer quando aquele próximo a Persia o mordeu na floresta, então ele sabia que não seria indolor. Depois de tudo o que ele fez, ele tinha poucas dúvidas de que ela rasgaria sua jugular e deixaria o resto deles se deleitarem com sua carcaça.

Fechando os olhos, Dick esperou pelo que ele merecia. Qualquer dignidade que ele tinha nos segundos antes que os lobos o cercaram, escorreu junto com a urina na frente de suas calças. Ele estava pronto para o fim.

Mas, em vez de rasgar carne e jorrar sangue, uma língua muito grande, muito quente e muito úmida percorreu todo o seu rosto, desde a base da mandíbula, da bochecha até o topo da cabeça. Umidade viscosa escorria pelo rosto dele quando ele

abriu um olho e encontrou o lobo da Persia ofegando alegremente na frente dele.

Puxando cuidadosamente a pasta de arquivos com os dentes, ela sacudiu um rabo macio e ruivo quando seu olhar se suavizou. Um por um, cinco dos lobos saíram do escritório de Dick, deixando apenas o lobo Persia e o cor de areia cujo sobrenome ela havia pegado. Ele estava parado na porta, olhos atentos observando Dick enquanto Lobo Persia estava diante dele, seu olhar inteligente procurando seu rosto. A tristeza tremulou lá quando ela não conseguiu encontrar o que queria. Então ela se virou para seguir o resto.

Dick a observou, ainda chocado por sua própria filha se tornar um *deles*. Eles eram loucos, aberrações, monstros! No entanto, a maneira como ela falou sobre o cara por quem se apaixonou... Ele nunca sentiu tanto carinho por ninguém em sua vida inteira, com a possível exceção da Persia. Ele sentiu inveja. Ele sentiu inveja *dela.*

Talvez não fosse tarde demais. Talvez houvesse esperança para eles. Talvez houvesse esperança para *ele.*

— Espere, — ele sussurrou tão baixo que mal se ouviu, mas as orelhas de Lobo da Persia se contraíram e ela parou.

Olhando por cima do ombro peludo, ela assistiu e esperou.

Engolindo o nó preso na garganta, Dick reuniu coragem.

— Estou feliz que você esteja feliz, princesa. Eu...

Se havia uma hora para mostrar suas emoções, era essa. Não se incomodando em conter as lágrimas, ele continuou.

— Eu realmente te amo.

Lobo Persia gemeu baixinho e depois seguiu sua alcateia pela noite.



SOBRE AS AUTORAS

Celia Kyle

Ex-professora de dança, ex-contadora e ex-vendedora de bonecas colecionáveis, a autora de best-sellers do New York Times e do USA Today, Celia Kyle agora escreve romances paranormais. Nem precisa dizer que sempre há um feliz para sempre para seus personagens, mesmo que haja alguns obstáculos ao longo do caminho. Hoje ela mora no centro da Flórida e escreve em período integral com o apoio de seu marido amoroso e de dois gatos mimados.



Marina Maddix

Marina Maddix é uma romântica de coração, mas odeia fechar a porta do quarto de seus leitores. Suas histórias são doces, com tempero suficiente para fazer sua mãe corar. Ela mora com o marido e o gato perto do Oceano Pacífico e adora ouvir seus fãs.